UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL

CYNTHIA MORGANA BOOS DE QUADROS

AS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS ENTRE A ARTE, A POLÍTICA E O JORNALISMO: as charges de Cao Hering

Palhoça

2008

CYNTHIA MORGANA BOOS DE QUADROS

AS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS ENTRE A ARTE, A POLÍTICA E O JORNALISMO: as charges de Cao Hering

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, na Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Palhoça.

Orientadora: Dra. Marci Fileti Martins

Palhoça

2008

CYNTHIA MORGANA BOOS DE QUADROS

AS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS ENTRE A ARTE, A POLÍTICA E O JORNALISMO: as charges de Cao Hering

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus Palhoça.

Palhoça, __ de maio de 2008.

Profa. Dra. Marci Fileti Martins
Orientadora

Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto
Avaliador

Prof. Dr. Clóvis Reis
Avaliador

Um homem

Uma menina

Meus amores Cássio e Isabela

Aos meus pais Shirley e Laércio
ao meu irmão Cristiano
à minha orientadora Marci
aos amigos Venilton,
Fabrícia, Clóvis e Izabel
e a todos os atores,
protagonistas e coadjuvantes
da minha história,
obrigada!

RESUMO

As charges circulam num palco de infinitas possibilidades de interpretação e muitas vezes mascaram a intenção ideológica com o estímulo ao riso. A produção de material chargístico se alimenta dos últimos acontecimentos políticos e sociais e se pauta em formações discursivas que permitem a manifestação de formações ideológicas que fornecem as representações necessárias para ver e dizer o mundo. Ao proporcionar uma releitura das notícias, ao mesmo tempo em que sugere, a charge esconde significados, constituindo-se como um discurso polifônico e dialógico. Nele, a memória discursiva restabelece saberes pré-construídos, trazendo consigo um percurso de leitura já escrito discursivamente em outro lugar. É neste jogo de sentidos que o discurso chargístico se constrói como um mosaico de já-ditos, como uma trama tecida a partir de inscrições históricas, sociais e ideológicas que reclamam novos significados. O objetivo desta análise é compreender como a formação discursiva de charges produzidas pelo chargista Cao Hering e publicadas pelo Jornal de Santa Catarina se constitui na relação com o interdiscurso – a memória do dizer, sentidos do que é dizível e circula na sociedade. Desenvolvo este trabalho na perspectiva da interdiscursidade e do dialogismo, partindo da idéia de que o discurso da charge se inscreve num espaço de negociação entre os discursos artístico, político e jornalístico.

Palavras-chave: Charge. Interdiscurso. Sentidos pré-construídos. Dialogismo.

ABSTRACT

The comics drawing, done to stimulate the people's laughing, can hide the ideology of its core message due to the different possibilities of being interpreted. The production of this material is fed by the up to date political and social happenings. It uses a discursive format which allows the manifestation of ideological formation. The comics drawing provide the basics representation of the facts in order to show the world. In the process of presenting the news, it cans, at the same time, present the information a different way and, also, it may hide some meanings which characterize it as polyphonic discourse and dialogue. In its essence, comics drawing use pre-known information written previously in somewhere else. Playing with meanings, the comic drawing discourse, builds a mosaic of said words which provides different interpretation of the facts. The objective of this study is to understand how the discursive formation of the released comic drawing of Cao Hering at Jornal de Santa Catarina can constitute a relation with inter-discourse. This study has been done in the perspective of inter-discursive and the dialogism way. It was adopted the idea that the comic drawings discourse manages to put together the artistic, political and journalistic discourse.

Key words: Comic drawing. Inter-discourse. Senses pre-constructed. Dialogism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Caricatura de Cássia Eller 53
Figura 02 – Charge publicada pelo jornal O Sul em 02 de abril de 2008 53
Figura 03 – Cartum de Nei Lima 54
Figura 04 – Litografia *Gargantua* de Honoré Daumier (1831) 58
Figura 05 – Ilustração do jornal *O Carcundão* (1831) 59
Figura 06 – Ilustração da última capa do jornal *Carcundão* 60
Figura 07 – Ilustração do jornal *O Carapuceiro* (1932) 61
Figura 08 – Gravura A campainha e o cujo 62
Figura 09 – Personagem Juca Pato 64
Figura 10 – O Amigo da Onça 65
Figura 11 – Caricatura de Maomé publicada por jornais europeus 77
Figura 12 – Charge publicada na edição de 8 de março de 2007 86
Figura 13 – Charge publicada em 23 de março de 2007 88
Figura 14 – Charge publicada em 06 de junho de 2007 90
Figura 15 – Charge publicada em 26 de março de 2007 93
Figura 16 – Charge publicada em 26 de julho 2007 95
Figura 17 – Charge publicada na edição de 30 de julho 2007 97
Figura 18 – Charge publicada na edição de 31 de outubro de 2007 102
Figura 19 – Charge publicada na edição de 8 de novembro de 2007 105
Figura 20 – Charge publicada na edição de 17 e 18 de novembro de 2007 107
Figura 21 – Charge publicada na edição de 20 de novembro de 2007 109

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Relação de charges sob análise por ordem de data de publicação.....15

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Entrevista com Cao Hering.....132
ANEXO B – Histórico do Jornal de Santa Catarina.....133
ANEXO C – Entrevista com Edgar Gonçalves.....134
ANEXO D – Página 3 do JSC de 8 de março de 2007.....135
ANEXO E – Página 3 do JSC de 23 de maio de 2007.....136
ANEXO F – Página 3 do JSC de 06 de junho de 2007.....137
ANEXO G – Página 3 do JSC de 26 de junho de 2007.....138
ANEXO H – Página 3 do JSC de 26 de julho de 2007.....139
ANEXO I – Página 3 do JSC de 30 de julho de 2007.....140
ANEXO J – Página 3 do JSC de 31 de outubro de 2007.....141
ANEXO K – Página 3 do JSC de 08 de novembro de 2007.....142
ANEXO L – Página 3 do JSC de 17 e 18 de novembro de 2007.....143
ANEXO M – Página 3 do JSC de 20 de novembro de 2007.....144

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
1.1 A CHARGE EM CENA 12
1.2 *CORPUS*: CHARGES PUBLICADAS NO *SANTA* 15
1.2.1 O chargista Cao Hering 16
1.2.2 O Jornal de Santa Catarina 18
2 ANÁLISE DO DISCURSO 21
2.1 IDEOLOGIA NA AD 24
2.2 DISCURSO NA AD: ESTRUTURA E ACONTECIMENTO 28
2.3 DIALOGISMO E POLIFONIA 30
2.4 CONTEXTO: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO 32
2.5 SUBJETIVIDADE: O SUJEITO E A LINGUAGEM 34
2.6 O DITO E O NÃO-DITO 38
2.7 O TRABALHO DA ANÁLISE DO DISCURSO 39
3 O DISCURSO JORNALÍSTICO 41
3.1 A CHARGE NO DISCURSO JORNALÍSTICO 50
3.1.1 Distinção entre charge, cartum, caricatura 52
3.2 UM POUCO DE HISTÓRIA 55
3.3 A CHARGE NO JORNALISMO BRASILEIRO 58
3.4 A QUESTÃO DO GÊNERO CHARGE 68
3.5 CARACTERÍSTICAS DA CHARGE 71
3.5.1 Humor e ironia 72
3.6 LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA CHARGE 74
4 UMA LEITURA DAS CHARGES DE CAO HERING 78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 113
REFERÊNCIAS BIOBLIOGRÁFICAS 117
ANEXOS 131

1 INTRODUÇÃO

PARA INÍCIO DE CONVERSA

"O mundo todo é um palco e todos os homens e mulheres, meros atores, que nele entram e saem e cada um no seu tempo faz muitos papéis"[1]. Tomo de empréstimo esta frase de William Shakespeare por entender que a fala do dramaturgo inglês se concilia ao discurso que começo aqui e agora a escrever e que tem o propósito de desenvolver uma leitura de charges publicadas por jornal impresso. O objetivo de minha análise é compreender o funcionamento do discurso chargístico na perspectiva da interdiscursidade e do dialogismo, partindo da idéia de que o discurso da charge se inscreve num espaço de negociação entre os discursos jornalístico, político e artístico.

A linguagem, em situação de uso, é um espaço de produção de sentido, um palco onde se movimentam muitos atores com múltiplos papéis a representar. Como no teatro, a palavra manifestada num discurso jornalístico não é simplesmente um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Espetacular ou não, com roupagem mais ou menos cênica, em maior ou menor intensidade, todo e qualquer roteiro de linguagem interfere e influencia na construção da vida social. Daí reconhecer a relação existente no discurso entre língua, sujeito e história ou entre língua e ideologia.

Penso na comédia *As you like it* (Como você quiser), da qual extraí o fragmento da fala da personagem Jaques que introduz esta dissertação, como exemplo de material de linguagem constituído e sustentado por um discurso capaz de revelar uma intenção que vai muito além de simplesmente proporcionar diversão, conduzindo o espectador a um posicionamento sobre a temática abordada.

As circunstâncias socioculturais de produção, circulação e leitura desses textos são decisivas para se compreender o processo de caracterização de suas personagens, cujas manifestações verbais e não-verbais veiculam significados que transcendem a superficialidade do dito. Situadas em determinadas coordenadas de

[1] "*All the world is a stage, and all the men and women merely players: they have their exits and their entrances; and one man in his time plays many parts*". Esta é a famosa fala "*the seven ages of man*" (as sete idades do homem) da personagem Jaques na comédia *As you like it* (Como você quiser) de William Shakespeare – Act II, Scene 7, 139–42 [tradução minha].

espaço e tempo, estas envolvem valores, crenças e comportamentos existentes no meio social e que podem tornar-se parte da ideologia dos indivíduos que interagem nesse cenário ao serem cristalizados por práticas discursivas como uma cena de teatro... ou uma charge.

1.1 A CHARGE EM CENA

É num palco de infinitas possibilidades de interpretação que circulam os discursos chargísticos. Eles assumem importante papel na construção e legitimação de significados, pois carregam visões de mundo formadoras ou conformadoras de opinião pública. Afinal, presente na vida diária e compondo o complexo universo jornalístico, a charge é um gênero de discurso que não está isento de influências sócio-históricas.

Tecido com fios de um humor irreverente, crítico, aparentemente inofensivo, o discurso da charge desvela o cotidiano da sociedade, valores, experiências, fraquezas, misérias e grandezas marcadamente humanas. Por isso, são potencialmente decisivas no processo de construção e veiculação de ideologias.

A produção de material chargístico se alimenta dos últimos acontecimentos políticos e sociais e se pauta em formações discursivas que permitem a manifestação de formações ideológicas que fornecem as representações necessárias para ver e dizer o mundo. Todo o processo de elaboração das charges tem por base ou fonte de inspiração outros textos e discursos, principalmente notícias veiculadas por jornais impressos e outros meios de comunicação.

A partir do entendimento de que o discurso é sempre efeito de sentido entre interlocutores, busco trabalhar com o sentido, sem a pretensão de descobrir algo novo ou tecer julgamentos. Preocupo-me em compreender como funciona o discurso das charges e quais as marcas ideológicas nele contidas. O que proponho é fazer uma nova interpretação ou uma re-leitura, considerando, com base nos princípios da Análise do Discurso, que todo dizer é ideologicamente marcado e que toda interpretação é o vestígio do possível e não uma sentença absoluta e única, mesmo porque sempre é passível de equívoco.

É meu objetivo compreender como a formação discursiva de charges se constitui na relação com o interdiscurso, que significa os saberes constituídos na memória do dizer, saberes pré-construídos, sentidos do que é dizível e circula na sociedade.

Antes de mergulhar numa leitura de charges na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, importa esclarecer que este estudo lança o olhar para a interdiscursividade referida em Michel Pêcheux e se baseia também nos conceitos de polifonia e dialogismo propostos por Mikhail Bakhtin.

Assim, lanço-me na tarefa de ouvir as múltiplas vozes e consciências independentes e distintas oriundas de diversos textos que se instauram no interior das charges. Esta polifonia representa o diálogo que se estabelece entre diferentes pontos de vista sobre o mundo. Importa reconhecer que, como diz Bakhtin (2003, p. 313), “em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas [...] inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente”.

Aproximo esse diálogo da noção apresentada por Pêcheux (1988) de interdiscurso, que ele define como memória discursiva, um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. De acordo com este conceito, as pessoas estão filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por influência da ideologia e do inconsciente.

Enfatizo, neste trabalho, as questões da polifonia e da interdiscursividade, que suscitam reflexão em torno do princípio da heterogeneidade da língua – noção de que inevitavelmente o discurso é atravessado por diversas vozes, por outros discursos e, assim, o sujeito-autor não é a única fonte e origem de seu dizer.

Na análise das charges que coloco sob observação, dirijo minha atenção para as estratégias, muitas vezes silenciosas e sutis, que insinuam leituras e escrituras no fio discursivo. Em síntese, observo os jogos cênicos, as entrelinhas, o explícito e o implícito, o dito e o não-dito. Afinal, parafraseando Shakespeare, o mundo é um grande teatro onde os sujeitos interpretam muitos papéis.

Opto por analisar charges publicadas por jornal impresso – identificadas pela mídia como peças de humor gráfico – por considerar que a articulação do verbal (palavra) com o não-verbal (imagem) constrói múltiplas possibilidades de leitura,

associando recursos como a ironia e o desenho caricatural. Outro motivo é que as charges costumam ser tão ricas e densas quanto outros textos opinativos, como crônicas e editoriais, por exemplo, que transmitem um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos.

Neste percurso analítico, parto da perspectiva teórica que trata da palavra em movimento. Busco, como recomenda Orlandi (2002a, p. 15), “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Apóio-me em Pêcheux (1988, p. 160) para defender a idéia de que “as palavras, expressões, proposições [...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Pensando desta forma, creio ampliar o horizonte de possibilidades de interpretar discursos chargísticos, observando os pontos de imbricação – a “intricação”, segundo o autor – entre formações discursivas e formações ideológicas.

Antes de mostrar os resultados de minha análise, reunidos no capítulo 4 desta dissertação, apresento os fundamentos teóricos que pautaram meu trabalho e que distribuo em duas partes. A primeira (capítulo 2) é reservada à Análise do Discurso de linha francesa e aborda questões como ideologia, discurso como estrutura e acontecimento, dialogismo, polifonia e interdiscurso. Trata também do contexto, das condições de produção do discurso e da subjetividade, colocando ainda em relevância as noções de dito e não-dito e os princípios que norteiam o trabalho de análise e interpretação.

Na segunda parte (capítulo 3), abordo o discurso jornalístico e sua relação com os discursos político e artístico e apresento a charge como texto e discurso, salientando a distinção entre charge, cartum e caricatura. Dedico espaço para dissertar sobre a história da charge no mundo e no jornalismo brasileiro, partindo em seguida para uma abordagem resumida da charge como gênero e suas principais características, com ênfase para o humor e a ironia. Arrematam este bloco dissertativo questões sobre leitura e interpretação de charges.

Saliento que, neste atraente cenário de estudo, coloco-me como pesquisadora, analista e intérprete que faz uma leitura também discursiva, influenciada por suas crenças, experiências e vivências e, portanto, também

produtora de sentido. Ao produzir esta dissertação, assumo, ao mesmo tempo, os papéis de leitora e autora – ou atriz, diria Shakespeare –, sujeito social e histórico cuja linguagem se move dentro de um mundo a significar.

1.2 *CORPUS*: CHARGES PUBLICADAS NO *SANTA*

O *corpus* deste trabalho de análise se compõe de dez charges produzidas por Cao (Carlos) Hering e publicadas pelo Jornal de Santa Catarina (JSC) – também conhecido como *Santa* – em diferentes datas entre março e novembro de 2007. Todas têm como personagem principal o presidente Luís Inácio Lula da Silva e aparecem invariavelmente na página 3, reservada ao JSC para material de opinião. Trazem a identificação do autor, tanto na assinatura das peças, colocada na parte inferior direita, quanto na tarja com o nome CAO acima da charge. Ocupam duas colunas no centro e na parte superior da página, entre o editorial (*Opinião do Santa*) e a coluna de Valther Ostermann.

O quadro 01 contém a relação de charges sob análise por ordem de data de publicação:

Data/Edição (ano 2007)	**Personagens**	**Tema**
8 de março	Lula e Jorge W. Bush	Lula recebe presidente dos Estados Unidos no Brasil
23 de maio	Lula e um assessor	Lula assina decreto que limita propaganda de álcool
06 de junho	Lula	Lula participa de reunião do G-8 na Alemanha
26 de junho	Lula	Caos aéreo – Lula manda FAB colocar ordem na casa
26 de julho	Lula e Nelson Jobim	Caos aéreo – Lula questiona o novo ministro da Defesa
30 de julho	Lula e Fidel Castro	Deserção de cubanos nos Jogos Panamericanos
31 de outubro	Lula	Encontro de Lula com representantes da Fifa
08 de novembro	Lula e dona Marisa	O presidente e a primeira-dama falam sobre o Encontro Brasil-Alemanha
17 e 18 de novembro	Lula e comitiva presidencial	Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau
20 de novembro	Lula e representante do governo da Alemanha	Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau

Quadro 01 – Relação de charges sob análise por ordem de data de publicação

Em comum, as dez charges apresentam as seguintes características:

- enfatizam fatos políticos relevantes e com grande repercussão na imprensa brasileira – na maioria dos casos, tais acontecimentos ganharam espaço também no jornalismo internacional;
- colocam em evidência temas de forte impacto na opinião pública;
- mantêm estreita relação com outros textos publicados pelo JSC e por outros veículos de comunicação social.

1.2.1 O chargista Cao Hering

O autor do material analisado é o chargista, e também cronista e colunista, Cao (Carlos) Hering[2], colaborador diário do JSC. Formado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Porto Alegre, foi sócio da agência de publicidade Scriba e mais tarde fundou sua própria empresa, a Direcional – ambas em Blumenau. Sobre esta sua fase profissional, ele conta:

> Já dediquei 90% do meu tempo à publicidade e 10% às charges, as duas coisas sempre de alma. Consegui ser referência na profissão por uns anos e ganhei alguns prêmios. Tínhamos uma equipe talentosa e uma carteira de clientes respeitável. Durante um longo período dos anos 80/90 operamos com uma das maiores agências brasileiras, a DPZ de São Paulo. Foi uma época de muito aprendizado, contatos profissionais e pé-de-meia. E amizades principalmente, que duram até hoje. Atualmente o quadro está invertido: dedico somente 10% do meu tempo à publicidade.

Cao aponta a coluna escrita por ele no caderno *Viver!*, publicado pelo *Santa* nas edições de sábado e domingo, como uma gratificante experiência. “Gosto cada vez mais de escrever. A charge já vai no piloto automático, o que muitas vezes é um perigo para a qualidade. Depois de trinta anos de traço é preciso ficar atento”.

Ele lembra que paralelamente à publicidade, sempre atuou na imprensa. Como estudante já participava com tiras e ilustrações no extinto jornal *A Cidade* e assim que se formou foi ilustrador de matérias no JSC. Também escrevia crônicas eventuais

[2] Entrevista com Cao Hering encontra-se transcrita no Anexo A.

para o próprio jornal e outras publicações. A charge e a crônica com espaço fixo só aconteceram depois.

Cao começou a produzir charges – às vezes somente ilustrações – para o JSC no final dos anos 1970, sem página fixa. Ficou afastado do jornalismo por um período nos anos 1980 e com a aquisição do jornal pela RBS, em meados dos anos 1990, foi convidado para voltar a fazer charges, inicialmente semanais, no caderno de domingo. “Depois passei para dias alternados e finalmente a sátira foi diária”.

Em relação aos critérios para produção de charges, Cao salienta:

> A charge precisa ser obviamente atual, o assunto de ontem já não interessa. Há exceções. Eu gosto do traço solto, não muito preciso, com um pouco de escracho, que insinue movimento. Ter estilo próprio é importante, pra haver uma identificação, você precisa ter seu DNA nisso. A primeira providência do artista, eu aconselho, é desvencilhar-se dos ídolos, das influências, desenvolver um traço só seu. Esquecer Disney, Angeli e Ziraldo, sem deixar de admirá-los. E a ofensa pessoal deve ser evitada, assim como o mau gosto ou a apelação.

E como ele determina os temas a serem trabalhados? “Recebo uma pauta do jornal lá pelas 17h30min, escolho o assunto, ligo pra ver se não caiu a matéria[3] e vou em frente. Muitas vezes ligo pros editores pra pedir ajuda com detalhes, dar um palpite a mais sobre a matéria”.

Quanto aos aspectos que considera mais interessantes do gênero charge, ele diz que são “a caricatura em traços simples; as diversas expressões em traços simples; o ângulo inusitado de uma notícia, o lado engraçado ou ridículo que ninguém viu”. Para Cao, “a charge é boa quando é entendida por praticamente todas as classes sociais. A boa charge, como dizem, tem que ser universal. Eu nem sempre consigo isso...”

[3] No jargão jornalístico, quando uma *matéria cai*, significa dizer que naquele dia o jornal não publicará a matéria, seja para abrir espaço para um fato mais importante, por interesses da empresa ou outros acertos. É a chamada *gaveta*.

1.2.2 O Jornal de Santa Catarina

O Jornal de Santa Catarina[4] publica charges desde que nasceu, pela iniciativa dos empresários blumenauenses Wilson de Freitas Melro e Caetano Deeke de Figueiredo, nas antigas dependências de uma fábrica de chapéus em Blumenau. Seu lançamento deu início a uma nova etapa no setor das comunicações em Santa Catarina, pois foi o primeiro jornal do Estado a ser impresso com equipamentos *off-set.*

Começou a circular, como jornal diário em formato *standard*, em 22 de setembro de 1971, quase que simultaneamente às primeiras transmissões de televisão no Estado pela TV Coligadas.

De forma pioneira em território catarinense, o *Santa* iniciou uma rede de sucursais e correspondentes em todo o Estado e, para agilizar o processo de produção da notícia, foi implantada uma fotocopiadora por computador e também a transmissão de informações via teletipo e telefax, além de serviços de agências internacionais.

Após sucessivas crises, segundo Schirmer (2002), o Jornal de Santa Catarina foi vendido em 1992 para a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), grupo multimídia gaúcho, sediado em Porto Alegre e fundado por Maurício Sirotsky Sobrinho. O Grupo RBS já estava em Blumenau há mais de uma década com a RBS TV – antiga TV Coligadas, também comprada pelo Grupo – e a Rádio Atlântida.

A partir desse momento, o Jornal Santa Catarina, que tinha uma proposta de abrangência estadual, voltou-se editorial e comercialmente para a região dos Vales, formada por 65 municípios nos Alto e Médio Vales do Itajaí, Vale do Rio Tijucas, Vale do Itapocu e Litoral Centro-Norte Catarinense. O jornal foi todo informatizado e, dois anos depois, passou a circular em cadernos coloridos. Em 1996, passou a ser o primeiro jornal *on line* do Estado, podendo ser acompanhado, desde então, via internet.

Em 1997, modificações no projeto gráfico deram maior espaço para a região dos Vales e, dois anos após, o *Santa* acompanhava uma tendência mundial de jornais *standard*, ficando mais estreito. Em novembro de 2000, estreou a edição de

[4] Os dados históricos do JSC foram fornecidos pela empresa e estão reunidos no Anexo B.

fim de semana (sábado e domingo), a Revista do *Santa* – caderno de variedades – o Guia da Tevê e três novos cadernos temáticos – sobre empregos e carreiras, imóveis e veículos.

Em 2002, no mês de setembro, as estruturas comerciais do Santa e do Diário Catarinense – jornal sediado em Florianópolis, pertencente ao Grupo RBS – foram unificadas. Com isto, as equipes comerciais dos dois jornais, incluindo as sucursais, passaram a comercializá-los igualmente. Em maio de 2003, o *Santa* passou por uma nova modernização do projeto gráfico e editorial, dando-lhe mais páginas coloridas, mais notícias por página e novos colunistas.

Em setembro de 2004, o *Santa* passou pela mais significativa mudança de sua história: deixou o formato *standard* e passou a circular em formato tablóide. Segundo o Departamento de Marketing do jornal, a mudança acompanha uma tendência mundial que está sendo chamada de tabloidização. Vários jornais em todo mundo estão passando por este processo, que teve como precursor o jornal inglês *The Independent*. Outro forte motivo para a mudança foi uma pesquisa qualitativa realizada pelo *Santa* que apontou a aprovação dos leitores ao formato tablóide. Além do formato, a pesquisa também indicou outras mudanças importantes de conteúdo, que já foram adotadas pelo jornal, juntamente com a mudança de formato.

Em relação à linha editorial, de acordo com informações prestadas pelo editor-chefe do JSC, Edgar Gonçalves[5], o *Santa*, como os demais jornais do Grupo RBS, “adota uma linha editorial marcada pela pluralidade ideológica. Como um jornal que se propõe a ser o espelho da sociedade no Vale do Itajaí, publica, em suas páginas, conteúdos de todas as orientações e tendências”. Segundo Gonçalves, “o *Santa* não tem posicionamento político. Zelamos pela independência do jornal sobre qualquer interesse político ou econômico. Geograficamente, prioriza as notícias de interesse regional”.

As editorias são: Opinião, Política, Economia, Geral, Segurança, Mundo, Esporte, Lazer, Cadernos Temáticos (Vida, Viagem, Sobre Rodas, Casa&Cia e Gastronomia), Fotografia e Diagramação/Arte.

A equipe de jornalismo adota o *Manual de Redação e Estilo* que nasceu no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e no qual foram feitas adaptações regionais. E

[5] As informações fornecidas pelo editor-chefe do *Santa*, Edgar Gonçalves, estão reunidas no Anexo C.

também segue o *Guia de Ética, Qualidade e Responsabilidade Social do Grupo RBS.* É um documento público com um conjunto de orientações éticas e editoriais seguidas por todos os colaboradores do Grupo.

Com relação às charges, Edgar Gonçalves afirma que “não há orientação além do que é necessário para uma boa charge: crítica, humor, criatividade e profundidade. A liberdade temática é total”. O editor informa que todas as tardes, Cao troca idéias com o editor executivo, Fabrício Cardoso, para conhecer o cardápio de pautas do dia seguinte e, com base nelas, faz a charge.

Gonçalves ressalta que “a charge está totalmente ligada à visão jornalística do chargista. Os únicos limites para a charge são aqueles previstos no *Guia de Ética*: ética e respeito às leis. Uma charge não pode conter calúnia, por exemplo”. Mas de modo geral, segundo o editor, raramente o *Santa* se depara com dilemas dessa natureza na charge. Ele acrescenta: “quando há debate entre chefia de redação e chargista, em 99% dos casos é porque não achamos graça mesmo. Aí propomos uma melhoria. Felizmente, nosso chargista é um craque e está sempre inspirado”.

2 ANÁLISE DO DISCURSO

NA LINHA FRANCESA, UMA DISCIPLINA DE ENTREMEIO

Análise do Discurso (AD) é uma disciplina que começou a se desenvolver nos anos sessenta do século vinte na Europa, principalmente na Alemanha, na França e na Inglaterra, com o propósito de investigar fenômenos lingüísticos inexplicáveis por meio de estudos que tomavam como unidade básica a palavra (em sentido estrito) ou a frase.

Cabe salientar que não existe apenas uma linha de Análise de Discurso. Segundo Gill (2002, p. 246), são conhecidas "ao menos 57 variedades de análise de discurso" com enfoques variados, a partir de diversas tradições teóricas, porém, todas reivindicando o mesmo nome. O autor (p. 244) aponta que o que esses diferentes estilos têm em comum, ao tomar como objeto o discurso, é que partilham de “uma rejeição da noção realista[6] de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social”.

Ao apresentar o filósofo francês Michel Pêcheux como um dos fundadores da corrente de estudos que estabelece a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia, Orlandi (2003b) comenta que quem segue este princípio pode afirmar uma filiação com a AD da linha francesa.

Foram os estudos de Pêcheux que efetivamente forneceram uma base teórico-metodológica para o desenvolvimento da AD, a partir da tese *Análise Automática do Discurso*, lançada por ele em 1969 na França. Mas tanto para Orlandi (2003b) quanto para Mutti (2003), a AD não é uma metodologia, mas sim uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da lingüística, do materialismo histórico e da psicanálise.

É nesse espaço de discussão, que permite o diálogo e o confronto de várias disciplinas e ciências, que Pêcheux (1993) desenvolve a idéia de que a linguagem é

[6] O realismo é uma posição, na filosofia, que pertence ao campo da epistemologia ou teoria do conhecimento. Diz respeito à capacidade que a linguagem (ou o pensamento) possui de representar o mundo. Os filósofos realistas admitem a primazia do objeto, ou seja, sua existência independente do sujeito. O realismo afirma que, se eliminarmos o sujeito e a consciência, restam as coisas em si mesmas, a realidade verdadeira, o ser em si. (CHAUÍ 2000).

uma importante forma material da ideologia, considerando que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica deste é a língua. Na sua análise do discurso, ele procura demonstrar os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem e a existência da materialidade lingüística na ideologia.

A análise de discurso (AD) é então uma disciplina "de entremeio" que, conforme Orlandi (1998, p. 23), "não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente. Ela articula o lingüístico com o social e o histórico, ocupando-se da determinação histórica dos processos de significação".

Orlandi (2003b) explica que esta articulação ocorre a partir de três procedimentos: da lingüística desloca-se a noção de fala para discurso[7]; do materialismo histórico[8] emerge a teoria da ideologia, e da psicanálise vem a noção de inconsciente[9] que a AD trabalha como "de-centramento do sujeito".

Para Pêcheux (1993), a linguagem é um fenômeno que deve ser estudado em relação ao seu interior, enquanto forma lingüística, e em seu exterior enquanto forma material da ideologia. Assim, não pode ser compreendida como um sistema significativo fechado, sem relação com o exterior, mas sim a partir do contexto histórico-ideológico dos sujeitos que a produzem e que a interpretam.

Neste sentido, a Análise do Discurso

> não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem [...] não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2002a, p. 15-16).

---

[7] "Pêcheux desloca a dicotomia saussereana [de Ferdinand de Sausurre – lingüista cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da lingüística como ciência] língua/fala para língua/discurso, entendendo que a fala é casual, mas o discurso – objeto em que o social (da língua) e o histórico (da fala) se conjugam de modo particular – tem suas normas, se inscreve em formações, se reporta a instituições com suas coerções" (ORLANDI, 1988, p. 16).

[8] O materialismo histórico é uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Pêcheux toma por base a releitura de Karl Marx feita por Althusser.

[9] Pêcheux busca a noção de inconsciente na releitura de Sigmund Freud feita por Jacques Lacan.

Orlandi (2002a, p. 21) destaca que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados". Assim, o discurso não é apenas um texto, mas um conjunto de relações que se estabelecem nos momentos antes e durante a produção desse texto e também dos efeitos que são produzidos após a enunciação dele. O texto é concebido como a materialidade lingüística através da qual se pode chegar ao discurso, é a relação da língua com a história.

Neste ponto, importa colocar as noções de texto e discurso adotadas pela AD, retomando a fala de Orlandi (2002a, p. 69), que define o texto como “unidade de análise” e como “unidade lingüístico-histórica que significa”.

> O texto [...] é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar de relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. Mas é também, e sobretudo, espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação (ORLANDI, 2002a, p. 72).

Orlandi (1998, p. 10-11) toma os textos como exemplares de discurso e os vê, assim, remetidos a uma formação discursiva que os regula e que têm uma relação determinada com a formação ideológica – “nesse sentido, o texto é um conjunto de relações significativas individualizadas em uma unidade discursiva”.

A autora (2002a, p. 70) observa ainda que não é a extensão que delimita um texto e nem o fato de ser oral ou escrito e diz que “todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia, etc.); quanto à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição, etc); quanto às posições do sujeito”.

O processo de análise discursiva, segundo Orlandi (2001), procura interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais (textos orais e escritos) e não verbais (imagens como a fotografia e linguagem corporal como a dança), bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação.

Então, para a AD, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas “o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas. Não analisamos o sentido do texto, mas como o texto pode produzir

sentidos" (ORLANDI, 1998, p. 11). Cabe ainda destacar, novamente recorrendo a Orlandi (1987), que a AD dá ênfase não somente ao que está dito, mas também ao que está implícito no texto: aquilo que não está dito e que também está significando.

Discurso, ideologia e sujeito estão de tal forma imbricados nos estudos de Pêcheux que, ao se abordar a análise de discurso francesa, torna-se imprescindível apresentar conceitos nucleares como os de "formação discursiva" (FD) e "formação ideológica" (FI), diretamente relacionados com a problemática do sujeito, em seu duplo aspecto de constituição: lingüístico e sócio-histórico.

É a partir da teorização sobre ideologia e aparelhos ideológicos do Estado de Louis Althusser (na releitura da obra de Karl Marx) e de discurso de Michel Foucault que Pêcheux[10] trabalha os conceitos de formação ideológica e formação discursiva. Também busca a concepção psicanalítica de sujeito na análise do discurso, recorrendo a Lacan, que coloca o sujeito submetido à linguagem.

Para dissertar sobre estas questões, é necessário estabelecer algumas conexões teóricas de Pêcheux com Althusser, Foucault e Lacan, revendo as noções de ideologia/formação ideológica, discurso/formação discursiva e sujeito/subjetividade. E também chamar para esta conversa o humanista russo Mikhail Bakhtin e os seus conceitos de dialogismo e polifonia, que oferecem acréscimos importantes a este estudo.

2.1 IDEOLOGIA NA AD

DIÁLOGO DE PÊCHEUX COM ALTHUSSER

O termo "ideologia" (junção das palavras gregas *idea* = idéia e *logos* = ciência) foi criado pelo filósofo francês Destutt de Tracy, que o empregou pela primeira vez em 1801 no seu livro *Elementos de ideologia*, para designar o estudo científico das idéias. Ele pretendia elaborar, segundo Chauí (1980, p. 76), uma

[10] Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 267 e 268) apontam a ideologia como um conceito central na AD francesa dos anos 60-70 e ressaltam que é em torno de Pêcheux que, de 1969 a 1983, lingüistas, historiadores e filósofos se esforçam para articular teoria do discurso e teoria das ideologias.

“ciência da gênese das idéias”, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente.

Numa concepção positivista, relata Chauí (1980, p. 78), Augusto Comte conceitua ideologia como “o conjunto de idéias de uma época, que visa explicar a totalidade dos fenômenos naturais e humanos”. Neste sentido, torna-se sinônimo de teoria, de organização sistemática de todos os conhecimentos científicos.

Em 1812, motivado por questões políticas, Napoleão Bonaparte inverteu o sentido original de ideologia e utilizou pela primeira vez o termo de maneira pejorativa, diz Chauí (1980, p. 79), chamando-a de “tenebrosa e sutil metafísica”. Bonaparte chamou Tracy e seus seguidores de “ideólogos” no sentido de “deformadores da realidade” e disse que eles, ao invés de se basearem na realidade e na história do povo, fundamentavam suas conclusões na metafísica.

Para Émile Durkheim, o fundador da sociologia, as ideologias nada mais são do que “preconceitos e pré-noções inteiramente subjetivas, individuais, noções vulgares ou fantasmas que o pensador acolhe porque fazem parte de toda a tradição social onde está inserido” (CHAUÍ, 1980, p. 80).

Foi Karl Marx que começou a fazer uso político do termo ideologia, definindo-a como um sistema de idéias, de representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. Em outras palavras, seria o mascaramento da realidade social que legitima a exploração e a dominação.

A ideologia, segundo Marx e Engels (2002), pode ser considerada um instrumento de dominação que age não através da força, mas sim pelo convencimento, de forma prescritiva, alienando a consciência humana e mascarando a realidade. Marx a concebe como uma consciência falsa que gera, inverte ou camufla a realidade para os ideais ou vontades da classe dominante.

Dentro da perspectiva marxista, o conceito originário de ideologia de Marx e Engels, segundo Bottomore (1988), expressaria a relação entre “formas invertidas” da consciência e a existência material dos homens, ou seja, haveria uma distorção do pensamento, cuja origem se daria em função das contradições sociais, e teria como principal função ocultar essas próprias contradições. Esta formulação, porém, foi sofrendo transformações dentro do próprio trabalho desenvolvido por Marx, e

também pela influência de outros autores como Lenin e, posteriormente, nas releituras feitas de Marx por autores como Althusser, Gramsci e Luckács.

Althusser propôs, segundo Portelli (1977), a mais influente visão das duas últimas décadas. Uma das grandes contribuições do pensador francês foi a de distinguir

> uma teoria da ideologia geral, na qual a função da ideologia é assegurar a coesão na sociedade, da teoria das ideologias específicas, na qual a função geral [...] é sobredeterminada pela nova função de assegurar a dominação de uma classe (PORTELLI, 1977, p. 186).

Recuperando a ótica marxista, Althusser (1979) considera que a ideologia é materializada nas práticas das instituições — e o discurso, como prática social, seria então ideologia materializada.

Althusser (1980, p. 77) conceitua ideologia como “uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, considerando que ela interpela os indivíduos e os constitui em sujeitos que aceitam seu papel dentro do sistema das relações de produção. Diz que (p. 81) é “a natureza imaginária (da relação entre os homens e as suas condições reais de vida) que fundamenta toda a deformação imaginária que se pode observar em toda ideologia”.

Para a reprodução ideológica acontecer, segundo o filósofo marxista, é necessário um aparelho do Estado – como governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões – e vários aparelhos ideológicos de Estado – igrejas, escolas, partidos, empresas, famílias, jornais. O Estado teria, para Althusser (1980), um caráter mais repressivo, enquanto que os aparelhos ideológicos de Estado teriam na repressão suas características secundárias e o que prevaleceria é a ideologia.

A partir da leitura de Althusser, e fazendo alguns deslocamentos, Pêcheux (1988) relaciona discurso e ideologia, salientando o importante papel que esta representa no processo de interdição dos sentidos. Propondo o conceito de condições de produção, ele mostra que o discurso é efeito de sentidos entre os interlocutores.

Nesta perspectiva, o indivíduo não está livre para escolher deliberadamente, numa determinada situação, o que falar, pois o seu dizer estará sendo afetado pelo

que Pêcheux (1988, p. 162) denomina interdiscurso ou “o todo complexo com dominante das formações discursivas”.

O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; são sentidos que foram se construindo historicamente a partir da constelação das relações de poder, que podem ser assumidos ou não pelo sujeito, a depender das posições discursivas que este poderá ou não ocupar em função do funcionamento da ideologia. Então, a formação discursiva constitui-se na relação com o interdiscurso e o intradiscurso, sendo este a materialidade, ou seja, a formulação do texto, a linearização do discurso.

Pêcheux (1988) considera que a materialidade ideológica só pode ser apreendida a partir da materialidade lingüística, que aparece nas formações discursivas, no dizer concreto de cada sujeito. Segundo o autor, a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica consiste justamente nesse assujeitamento ideológico que conduz cada pessoa a acreditar que, a partir de sua livre vontade, pode se colocar, sob a forma discursiva, no lugar de uma ou outra classe social, antagonistas no modo de produção.

Essa interpelação do sujeito em sujeito ideológico ou sujeito do discurso se efetua, conforme Pêcheux (1988, p. 163),

> pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito apóia-se no fato de que elementos do interdiscurso [...] são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

Orlandi (2002a, p. 17) resume a formulação de Pêcheux: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. Ela ressalta que na AD a ideologia não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade.

> Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido [...] é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade (ORLANDI, 2002a, p. 48).

2.2 DISCURSO NA AD: ESTRUTURA E ACONTECIMENTO

DIÁLOGO DE PÊCHEUX COM FOUCAULT

Com Michel Pêcheux, a análise de discurso ganhou traços que a aproxima mais de uma disciplina de interpretação, assumindo, conforme Pêcheux (1990, p. 23), “o objetivo de explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”. Nas palavras de Orlandi (2003a, p. 117), “compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação”.

No conceito de discurso, Pêcheux (1990) faz intervir as noções de estrutura (entendida como sistema) e acontecimento (visto sob a ótica da historicidade) enquanto materialidades constitutivas, numa aproximação com o pensamento de Foucault.

Na aula inaugural no *Collège* de *France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, Foucault (2004, p. 8-9) apresentava a hipótese de que em toda a sociedade a produção do discurso ”é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Ao abordar a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as controlam e delimitam, Foucault (2004, p. 21) defende que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Considera, assim, elementos exteriores que exercem pressão e condicionam a produção e a distribuição de discursos, referindo-se também a procedimentos internos, como os princípios de classificação, ordenação e distribuição, submetidos a outra dimensão do discurso: a do “acontecimento” e do “acaso”.

A respeito da noção de acontecimento, Orlandi (2001, p. 46) comenta que ela “faz sentido na AD pela sua relação com estrutura. É acontecimento porque se dá no mundo, sendo da ordem do que reclama sentido e é estrutura porque tem a ordem da língua (sujeita à falha), capaz de equívoco”.

Foucault (2004, p. 35-36) fala sobre regras de uma “polícia discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”, isto é, os princípios de controle da produção (coerção) do discurso ou procedimentos que permitem limitar os poderes que eles têm e dominar os acasos de sua aparição.

Sobre as condições que determinam o funcionamento do discurso, Foucault (2004, p. 49) se refere à apropriação social do discurso que, para ele, nada mais é do que um jogo de escritura, de leitura e de troca que coloca os signos[11] como ponto central. “O discurso anula-se, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante”.

É neste jogo que Pêcheux (1990, p. 53), observa que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente para derivar para um outro”, o que é significativo para a AD, pois o sentido não é compreendido como uma unidade fixa, já que é histórico e, por isso, não imune a alterações.

O conceito de formação discursiva[12] de Foucault (1997) comporta o entendimento de que os discursos são uma dispersão, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a *priori*. Para Foucault (1997, p. 43),

> sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva.

A partir desta perspectiva, Pêcheux (1995, p. 160) traz para a AD a concepção foucaultiana de discurso como prática, relacionando tal conceito à questão da ideologia e definindo a formação discursiva como “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

---

[11] Segundo Saussure (1995), o signo lingüístico é formado pelo significado, a que corresponde um conceito e, pelo significante, a que corresponde uma imagem acústica ou gráfica do conceito. Deste modo, pode-se dizer que o signo é uma entidade de duas faces, o significado e o significante, intimamente ligadas, que se reclamam reciprocamente em situação da linguagem em funcionamento.

[12] Esta formulação é desenvolvida principalmente na obra *Arqueologia do saber*, publicada por Foucault em 1969, mesmo ano de lançamento da *Análise Automática do Discurso* de Pêcheux.

Pêcheux (2000, p. 9) retoma a questão dos aparelhos ideológicos de Estado e afirma que eles são, por sua própria natureza, plurais: eles não formam um bloco ou uma lista homogênea, mas existem dentro de “relações de contradição-desigualdade-subordinação” tais que suas “propriedades regionais (sua especialização [...] nos domínios da religião, do conhecimento, da moral, do direito, da política, etc)” contribuem desigualmente para o desenvolvimento da luta ideológica entre classes antagonistas e da mesma forma desigual intervêm na reprodução ou na transformação das condições de produção.

Então a FD, mesmo sendo passível de descrição por suas regras de formação, por suas regularidades, é constitutivamente heterogênea, porque no interior dela coabitam vozes que se entrecruzam, dialogam, aproximam-se e se distanciam, concordam e divergem. É, assim, um espaço habitado por diferenças, pois, como observado por Pêcheux (1995, p. 57), uma FD é “constitutivamente freqüentada por seu outro”.

2.3 DIALOGISMO E POLIFONIA

O DISCURSO DE MIKHAIL BAKHTIN

Contribuição importante aos estudos da linguagem foi dada por Bakhtin (1999), que enfatiza a complexidade multiforme das manifestações da linguagem em situações sociais concretas. Ele coloca o foco de análise nas relações entre o lingüístico e o social e aponta dois tipos de relação: entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade.

A teoria da enunciação de Bakhtin (1999, p. 114), alinhada à filosofia marxista, comporta a idéia de que a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos, ou seja, das circunstâncias que a envolvem. “O grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social”.

Bakhtin prega que as condições de produção, incluindo tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, relações sociais e objetos visados na

interlocução “são constitutivos do sentido do enunciado, resumindo, a enunciação é encarada como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica” (BAKHTIN, 1999, p. 126).

Na obra *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2003) concebe um homem que dialoga com a realidade por meio da linguagem, vê o mundo, o homem e a linguagem como sendo partes de um mesmo processo dialético. Para ele, é a partir da palavra – polissêmica, polifônica e dialógica – que o sujeito se constitui e é constituído.

A noção de sujeito histórico é um ponto de concordância entre Bakhtin e Pêcheux. Ambos consideram que, estando imerso em um contexto social histórico, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do outro, historicamente já constituídos, que emergem, então, em sua fala.

Para o humanista russo, a linguagem é essencialmente dialógica, pois se imprimem nela, a partir de seu uso e por meio da história, as relações dialógicas do discurso que são uma condição constitutiva do sentido. Conforme Bakhtin (2003, p. 113), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor. Se ela se apóia sobre o locutor numa extremidade, na outra apóia-se sobre o interlocutor”.

É em torno dessa idéia que ele desenvolve o princípio da dialogicidade da linguagem no qual a enunciação é concebida como um fazer coletivo. Os enunciados estariam repletos das palavras dos outros, que seriam absorvidas, elaboradas, reestruturadas. Isso significa postular um diálogo constante entre os discursos de uma sociedade que se estabelece como a interação constitutiva de toda e qualquer produção verbal.

Outro aspecto do dialogismo é a polifonia, que se refere às vozes oriundas de diversos textos que se instauram no interior de um texto e o definem. Bakhtin (1981) caracteriza a polifonia como a multiplicidade de vozes e consciências independentes e distintas que representam pontos de vista sobre o mundo. A polifonia representa o diálogo que se estabelece entre visões de mundo diferentes.

Esse diálogo se aproxima da noção de interdiscurso como memória discursiva, um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. De acordo com a análise de discurso pecheuxtiana, as palavras não têm um sentido ligado à sua literalidade;

o sentido existe nas articulações que ocorrem nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório. O interdiscurso está articulado ao complexo de formações ideológicas.

No discurso há várias vozes que falam simultaneamente, ou seja, uma polifonia, um conjunto de discursos que são retomados em cada fala. Os discursos são, portanto, heterogêneos, já que na fala de um sujeito, falam também outras vozes. Assim, eles são tecidos polifonicamente num jogo de vozes cruzadas, complementares, concorrentes e contraditórias.

2.4 CONTEXTO: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O homem não vive separado do espaço-tempo em que se situa. Suas atividades mentais e práticas sociais ocorrem, segundo Bakhtin (2003), em determinadas circunstâncias, em um contexto que coloca sujeito e realidade numa relação dialética mediada pela linguagem.

A palavra traz marcas culturais, sociais e históricas e é modificada de acordo com o contexto na qual é enunciada; em situação de uso, é um espaço de produção de sentido. Dela emergem as significações que, conseqüentemente, se fazem no espaço criado pelos interlocutores em um contexto sócio-histórico dado.

> O contexto social imediato determina quais são os ouvintes possíveis [...] É preciso supor num certo horizonte social definido e estabelecido que determine a ação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN, 1999, p. 114).

Por ser espaço gerador de sentido, a palavra é controlada, selecionada por meio dos mecanismos sociais. Dependendo do interlocutor, da situação de uso, o falante determina qual a melhor palavra a ser utilizada. Trata-se de uma relação que constitui e é constituída, uma vez que a linguagem não é sistema fixo e abstrato, por isso permite ao sujeito falante abrir fissuras, construir outros sentidos, romper o cerco do sentido já dado.

Pinto (2002, p. 12) diz que, como sinônimo de contexto, emprega-se com freqüência a expressão “condições sociais de produção” ou apenas “condições de produção”, que incluem todo o processo de interação comunicacional: a producão, a circulação e o consumo dos sentidos. Consideram-se então os discursos como práticas sociais inseridas em contextos determinados e, nesta perspectiva, cabe lembrar que

> a atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva da atividade mental (“o conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social (BAKHTIN, 1999, p. 117).

Ao abordar os pressupostos bakhtinianos, Gadet (2004, p. 101) ressalta que “as relações de produção e a estrutura sociopolítica que elas condicionam diretamente determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios da comunicação verbal”, incluindo o trabalho, a vida política, a criação ideológica.

Esses aspectos sociais e históricos são condicionantes do acontecimento enunciativo que dá à palavra uma significação – esta muitas vezes construída no processo de interação social. Erickson e Schultz (1998), asseveram que um contexto não pode ser conceituado simplesmente como decorrência do ambiente físico ou de combinação de pessoas.

> Muito mais do que isso, um contexto se constitui pelo que as pessoas estão fazendo a cada instante e por <u>onde</u> e <u>quando</u> elas fazem o que fazem [...] os indivíduos em interação se tornam ambientes uns para os outros. Em última instância, um contexto social consiste, a princípio, na definição, mutuamente compartilhada e ratificada, que os participantes constroem quanto à natureza da situação em que se encontram e, a seguir, nas ações sociais que as pessoas executam baseadas nestas definições (ERICKSON; SCHULTZ, 1998, p. 143).

Estes ambientes interacionalmente constituídos surgem dentro de um universo cronológico e podem mudar de momento a momento. A cada mudança de contexto, a relação entre os papéis dos participantes é redistribuída, produzindo diversas configurações da ação conjunta.

Em outras palavras, Pêcheux (1993, p. 77) diz que um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas e

> isto supõe que é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.

Orlandi (1987, p. 26), comenta que os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, isto é, as condições de produção, constituem o sentido da seqüência verbal produzida. Ela lembra que, quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e "isso faz parte da significação [...] é o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva". Orlandi (1987, p. 53) acrescenta:

> ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. [...] sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa.

Assim, levando em conta o homem na sua história, a AD considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, diz Orlandi (2002a, p. 16), "para encontrar as regularidades da língua em sua produção, o analista de discurso deve relacionar a linguagem à sua exterioridade".

2.5 SUBJETIVIDADE: O SUJEITO E A LINGUAGEM

DIÁLOGO DE PÊCHEUX COM LACAN

Cabe lembrar que, na teoria da enunciação de Bakhtin (1999), o sujeito é o centro de sua enunciação. Mas Pêcheux (1983) defende que o sujeito não é a fonte do sentido dos seus enunciados e nem o senhor da língua. O *eu* não se encontra fechado em si, mas tem relação com um exterior que o determina, daí não ser o centro de sua enunciação, conforme propõe Bakhtin (1999). Nestes termos, as

concepções de Pêcheux diferem das de Bakhtin, principalmente pela recusa da suposição de um sujeito intencional e autônomo como origem enunciadora de seu discurso.

A AD de Pêcheux considera o inconsciente e a ideologia como inseparáveis nos processos de constituição do sujeito pela linguagem. Tanto Pêcheux quanto Lacan assinalam que o sujeito, enquanto constituído pela linguagem, não é causa ou origem de si mesmo.

Para Pêcheux (*apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006, p. 457), o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina. Este é o fenômeno da "interpelação do indivíduo em sujeito do discurso [...] pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina".

Sobre esta questão, Orlandi (2002a) explica que, para Pêcheux, o sujeito é constituído por duas formas de esquecimento: o ideológico (esquecimento número um) e o enunciativo (esquecimento número dois). O primeiro resulta do modo pelo qual o sujeito é afetado pela ideologia; ele tem a ilusão de ser a origem do seu dizer, "esquecendo" daquilo que determina os sentidos de seu dizer, ou seja, dos sentidos já existentes. Está ligado aos efeitos de sentido. O "esquecimento número dois" produz a impressão de realidade referencial do pensamento: o dizer sempre pode ser outro e o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. Remete aos mecanismos enunciativos analisáveis na superfície do discurso.

Na defesa desta formulação, Pêcheux busca a concepção psicanalítica de sujeito, recorrendo a Lacan, que coloca o sujeito submetido à linguagem. A definição de sujeito na psicanálise, mais precisamente na releitura lacaniana da obra de Freud, parte da premissa que

> [...] o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do outro, do inconsciente (LACAN *apud* MUSSALIM, 2000, p. 107).

Na concepção lacaniana, não há uma posição definida para o sujeito: ele se constitui pela possibilidade de ocupar alguma posição e nela significar algo, reconhecendo-se no discurso do outro. "O significante, produzindo-se no campo do

outro, faz surgir o sujeito de sua significação [...] petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito" (LACAN, 1985, p. 197).

Em outras palavras, o sujeito não é o indivíduo empírico, ele coincide parcialmente com o eu, com o sujeito do enunciado, já que o sujeito do inconsciente comparece como uma enunciação discordante no campo dos enunciados. Importa considerar que o discurso do outro ecoa e retorna, constituindo-se na exterioridade primordial que constitui o sujeito e interferindo no discurso efetivo e organizado do eu.

A esta relação que faz os discursos se acomodarem, ganharem um lugar na história, Lacan (1998) chama "a entrada na dialética social" – entendida por Pêcheux (1990) como um "já-lá interdiscursivo" pautado não somente na ideologia, mas também no discurso do outro que envolve o simbólico de cada sujeito.

Embora para a AD e para a psicanálise, sujeito e linguagem sejam a porta de entrada para a compreensão dos processos que constituem o sujeito, Lacan trabalha o sujeito como efeito de linguagem, enquanto Pêcheux, retomando Althusser, coloca, inicialmente, o efeito-sujeito como questão central em seu trabalho, que incorpora o histórico-ideológico como constitutivo da materialidade significante.

Efeito-sujeito é, para Pêcheux (1988), a ilusão para o sujeito em estar na fonte do sentido, ou seja, o sujeito crê que o que diz só pode ser dito de determinado modo, o modo que seleciona em meio a tantos outros, e que o sentido só pode ser aquele que atribui ao dizer. Entretanto, pondera Furlanetto (2006),

> "esse 'eu' (que se dá como *ego*-imaginário), essa instância que é tida como ilusória porque sua representação seria um simulacro de unidade (ilusão), também é aquele que permite sustentar e direcionar o discurso, e é nessa instância que pode construir-se como autor, pondo à margem ("esquecendo") sua fraqueza, seus lapsos, sua dependência àquilo que desconhece.

Contribuição interessante aos debates sobre este tema é oferecida por Souza (2003, p. 38), que faz distinção entre assujeitamento (ser sujeito a) e subjetivação (ser sujeito de), descartando a hipótese de "um eu verdadeiro reduzido ao nicho originário de sua existência". Para ele, o processo de assujeitamento também é o lugar em que é possível resistir, mediante um deslocamento da ordem discursiva

dominante, a partir de “diferentes temporalidades enunciativas” de constituição subjetiva – traduzidas por Furlanetto (2006) como “diferentes possibilidades de manifestar a subjetividade, por formas plurais de transgressão”.

Para Souza (2003), o assujeitamento é determinado por uma operação dominadora, enquanto a subjetivação é produzida por uma operação libertadora (de resistência). E resistir, diz Furlanetto (2006), adotando definição de Souza, é “deixar-se afetar por outras forças que não o modo atual/presente de reconhecimento de si, que é efeito do assujeitamento”. Importa, então, conhecer “a dinâmica das práticas que podem ser lidas como resistência” (SOUZA, 2003, p. 41) ou, como coloca Furlanetto (2006), que podem delinear-se como novas formas “de exercer a subjetividade, de projetar a construção de si [...], de ser sujeito”.

É coerente, na análise aqui desenvolvida sobre charges, sublinhar a premissa de Souza (2003, p. 42), de que estas formas novas de subjetivação só são possíveis “em regime de liberdade”, e associá-la ao entendimento de que “a mola fundamental do processo paradoxal de produção do sentido reside na soma das contradições que asseguram a motricidade do diálogo” (FAÏTA, 1997, p. 173).

Essas contradições são assim resumidas por Furlanetto (2006):

> a) individualidade da produção x dimensão social do ato: o locutor deixa suas marcas no enunciado, mas ele é apenas um dos atores do *drama*;
>
> b) pregnância incontornável das normas x liberdade do *projeto discursivo*: os gêneros são recursos para pensar e dizer, mas têm características de formulação (que podem ser desviadas para a criação de novas formas sociais);
>
> c) liberdade de criação x implicação do sujeito na relação triádica: o si mesmo, o outro, as *vozes* todas que se enunciaram antes: isso se reflete na relação entre o acabamento do enunciado e a materialização da *posição* do locutor.

Pode-se, a partir dessa argumentação, inserir as charges num contexto de produção de sentidos que também comporta tais contradições, considerando, como pondera Furlanetto (2006), que “há escolhas a processar (tributárias do projeto discursivo do locutor, de seu ‘querer-dizer’) para que certa direção seja mostrada, e que deverá provocar uma reação no interlocutor (o outro)”. Segundo a autora, tal direcionamento ou intencionalidade conduz a uma busca de autoria na defesa de um ponto de vista, ainda que este ponto de vista não seja individual e único, refletindo

em geral valores que um grupo tem como legítimos. O resultado é um efeito de subjetividade e, portanto, de posição ou lugar social ocupado, já que o ponto de vista reflete uma posição, lugar de emergência de uma enunciação.

2.6 O DITO E O NÃO-DITO

A AD considera que o dizer tem relação com o não-dizer, ou seja, com o implícito que, segundo Orlandi (2002b), pode ser pressuposto (aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem) ou subentendido (aquilo que se dá em contexto).

O conceito de pressuposto apresentado por Ducrot (1987) implica idéias não expressas de maneira explícita e que são conseqüência do sentido de certas palavras ou expressões contidas no texto/discurso. É enunciado pelo locutor, mas é partilhado com outras vozes e até mesmo com toda a comunidade em que se insere. Já o subentendido pode ser definido como insinuações não marcadas lingüisticamente.

Segundo Ducrot (1972), a função dos pressupostos na atividade da fala é garantir a coesão do discurso e para isso é necessário que o discurso manifeste uma espécie de redundância, assegurada pelo reaparecimento ou retomada regular de certos conteúdos ou elementos semânticos no decorrer do discurso.

Para Orlandi (2002b, p. 83), outra forma de se trabalhar o não-dito na análise de discurso é o silêncio, colocado não como falta, mas como “horizonte, iminência de sentido, um lugar de recuo necessário para que o sentido faça sentido”.

Ela explica que o silêncio pode ser fruto do apagamento de uma palavra por outra ou de censura. “O silêncio não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa” (ORLANDI, 1997, p. 70). “As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio”, afirma a autora (2002b, p. 85). Entre o dizer e o não-dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move.

2.7 O TRABALHO DA ANÁLISE DO DISCURSO

No trabalho de análise de um discurso, um dos primeiros pontos a considerar, segundo Orlandi (2002a, p. 62), é a constituição do *corpus*, partindo da premissa de que “quanto à natureza da linguagem, a AD se interessa por práticas discursivas de diferentes naturezas, incluindo imagem, som, letra”.

Importa lembrar, tomando as palavras de Orlandi (1987, p. 13), que a AD busca a compreensão do processo discursivo: ela “problematiza a atribuição de sentido(s) ao texto, procurando mostrar tanto a materialidade do sentido como os processos de constituição do sujeito, que instituem o funcionamento discursivo de qualquer texto”. Então, o trabalho do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos.

A transformação da superfície lingüística em um objeto discursivo é apontada por Orlandi (2002a) como o primeiro passo para essa compreensão. Ela diz que o trabalho de análise se inicia

> pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho (ORLANDI, 2002, p. 67).

E é neste ponto que importa distinguir discurso de texto, considerando que este procedimento comporta a distinção que existe entre sujeito e autor.

> O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. [...] ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura (ORLANDI, 2002a, p. 63).

Nesta perspectiva, torna-se fundamental a noção de funcionamento da linguagem, sem esquecer, como recomenda Orlandi (1987, p. 117), “que este funcionamento não é totalmente lingüístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso”. A idéia de funcionamento supõe a relação

estrutura/acontecimento apresentada por Pêcheux (1988) e permite que o analista trabalhe não somente com o que as partes significam, mas com as regras que tornam possível qualquer parte.

O analista deve observar os três momentos[13] do processo de produção do discurso referidos por Orlandi (2001): constituição, formulação e circulação, nos quais estão envolvidos os aspectos de interdiscursividade e intradiscursividade, heterogeneidade e pré-construído.

Importa, como orienta Orlandi (2002a, p. 59), colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, "procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras".

Feita a análise, "não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso", salienta Orlandi (2002a, p. 72), acrescentando que "o que temos, como produto de análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições". Ela lembra ainda que "os sentidos são no meio de outros e há mais espaço para incertezas do que para afirmações categóricas [...] quando se trata de pensar os sentidos, no modo como eles funcionam pela ideologia em um mundo a significar".

Com base nestas premissas, proponho, como objetivo de minha análise, compreender o funcionamento do discurso chargístico na perspectiva da interdiscursidade e do dialogismo, partindo da idéia de que o discurso da charge se inscreve num espaço de negociação entre os discursos jornalístico, político e artístico, e considerando esta negociação

> determinada por uma interdiscursividade que vai ela mesma produzir, através de encadeamentos e articulações a delimitação, evidentemente instável, entre estas FD, as quais não se constituem independentemente, mas sim reguladas no interior do interdiscurso. De fato, essa relação interdiscursiva [...] não se dá a partir de discursos já particularizados, é ela própria a relação entre discursos que dá a particularidade, ou seja, são as relações entre discursos que particularizam cada discurso (MARTINS, 2007, p. 1).

[13] A constituição envolve a memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo, enquanto a formulação se dá em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; já a circulação se insere em certa conjuntura e também envolve certas condições (ORLANDI, 2001).

3 O DISCURSO JORNALÍSTICO

AS RELAÇÕES COM O POLÍTICO E O ARTÍSTICO

O discurso jornalístico é comumente entendido como o relato de acontecimentos recentes, produzido em forma de notícia. Sua matéria-prima, segundo Beltrão (1992, p. 69), é a informação de fatos registrados “em qualquer setor da vida social, em qualquer parte do universo, em qualquer domínio das ciências, das artes, da natureza e do espírito, que sejam capazes de despertar o interesse dos homens reunidos em sociedade”.

Chaparro (1996) comenta que a notícia tornou-se produto abundante nas relações humanas globalizadas e que noticiar representa a forma mais eficaz de as instituições agirem e interagirem no mundo. Alcântara *et al* (2005) acrescentam que, formatado como notícia, o acontecimento ganha eficácia de ação discursiva com capacidade de produzir confrontos.

Os conflitos que interessam ao jornalismo, e para o jornalismo convergem, sempre têm, segundo Chaparro (2003), além dos lados oponentes, um terceiro lado: o da sociedade. “E por sociedade se pode entender o acomodamento provisório das forças sociais divergentes, resultante da dinâmica de avanços por conflitos e acordos, em torno de princípios e valores”. De acordo com o autor,

> os jornais projetam e inserem na atualidade as colisões institucionais que interessam à sociedade e ao seu aperfeiçoamento ético-normativo. E ao difundir relatos de ações humanas oponentes, o jornalismo constitui-se espaço público, socializando os discursos em confronto, para a produção de efeitos transformadores da realidade, em ciclos contínuos de novos conflitos, para novos acordos (CHAPARRO, 2003).

Na opinião de Meditsch (1997), é inegável que os meios de comunicação têm um poder muito grande no meio social, mas é difícil determinar até que ponto este poder é exercido de forma autônoma e até que ponto funciona apenas como instrumento de outros poderes instituídos.

> Muitos dos pecados atribuídos ao jornalismo, inclusive pelas teorias e hipóteses que tentam explicar as suas conseqüências, na verdade têm causas enraizadas em solos mais profundos. A manipulação do sistema democrático, a disparidade crescente entre o topo e a base das sociedades, a disseminação dos preconceitos, estereótipos e ideologias dos poderosos não são criações do jornalismo, embora ele eventualmente participe de tudo isso. Como produto social, o jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento disponível está completamente imune a isto (MEDITSCH, 1997).

Muito embora o discurso jornalístico se sustente em sua função referencial[14] para constituir-se como informativo e documental, sua produção e circulação ocorrem numa conjuntura determinada, na qual há forças políticas em confronto, várias e diferentes vozes que vão produzir sentidos. Este discurso, que se investe da missão didática de informar a sociedade, produz e reproduz memória, significa e ressignifica, por meio de mecanismos simbólicos e ideológicos nem sempre aparentes.

Nesta perspectiva, Mariani (1998) compreende o discurso jornalístico como "assujeitado" ao interdiscurso (memória do dizer) de uma formação discursiva determinada. Isto quer dizer que ele já nasce com as representações simbólicas e ideológicas que irá reforçar ou refutar, apesar de surgir com aparência de novidade.

O novo no discurso jornalístico se sustenta no que Mariani (1998) identifica como "irrupção de um acontecimento", que desloca as regularidades e os sentidos, obrigando a mídia, a imprensa, o discurso jornalístico já formatado, assujeitado, objetivado, a investir-se no novo. Mas na verdade a imprensa reconta o já-dito.

Imersa num texto apresentado como notícia, como acontecimento a ler, a memória discursiva restabelece elementos pré-construídos, trazendo consigo um percurso de leitura já escrito discursivamente em outro lugar. Sobre o tema, Gallo (2001, p. 65) lembra que Paul Henry propõe o termo pré-construído para dar conta dessa presença "do outro do interdiscurso circunscrito em uma região histórica e ideológica, delimitada no acontecimento do discurso".

O pré-construído se refere a sentidos pré-existentes que estão na sustentação do atual sentido sobre o qual o texto é produzido e conduz à noção de

[14] Função referencial, denotativa ou informativa é atribuída ao discurso que tem por objetivo informar sobre a realidade, um discurso que procura apresentar-se como mero relato, desprovido de posições pré-definidas, isento de pré-julgamentos.

uma heterogeneidade discursiva que permite a diferenciação de formações discursivas dominantes se confrontando em um mesmo enunciado.

Na AD, a heterogeneidade se relaciona com o interdiscurso, o exterior constitutivo que dá condições para a construção de qualquer discurso, num processo de reelaboração ininterrupta que comporta toda a historicidade inscrita tanto na linguagem quanto nos processos discursivos. A heterogeneidade discursiva significa que todo discurso é atravessado pelo discurso do outro ou por outros discursos.

Esta pluralidade de vozes é descrita por Authier-Revuz (1990) como a heterogeneidade constitutiva da linguagem. Ela é produzida pela dispersão do sujeito, que deixa de ser centro – eis aqui o ponto do que Orlandi (2003a) chama de “de-centramento” do sujeito – e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído.

Pela heterogeneidade, um discurso traz em si sua relação com vários outros, que fazem parte do seu modo de significar. É o que acontece com o discurso jornalístico, no qual se cruzam e dialogam vários discursos. Nesse movimento dialógico, o jornal faz ouvir vozes com perspectivas ou pontos de vista que podem ser identificados ou não com o leitor/interlocutor.

Cabe ressaltar que, no contexto jornalístico, a ideologia organiza direções de leitura, fazendo circular alguns sentidos e desviando outros indesejáveis, numa ação que atesta o funcionamento do interdiscurso e que renegocia o sentido das formações discursivas.

Segundo Mariani (1999), a objetividade dos fatos, ou seja, sua visibilidade evidente, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir de elementos pré-construídos. Sendo assim, os jornais, ao relatar os acontecimentos, já estão exercendo uma determinação nos sentidos.

É neste contexto que o jornalista, ao mesmo tempo em que projeta a imagem de um observador imparcial, produzindo um efeito de distanciamento sobre o que fala, cria espaços para emitir opinião, explicar, formar juízos de valor, permitindo que os sentidos se configurem movidos e controlados pela memória discursiva.

Authier-Revuz (1990, p. 28) retoma a questão do sujeito e sua relação com a linguagem, colocado por Lacan com base nos estudos de Freud, para explicar que a

palavra não é neutra, mas carregada, ocupada pelo discurso do outro. Todo dizer é um já dito e o sujeito não tem domínio do seu dizer, pois não é livre para exercer suas escolhas, mas conduzido pela realidade que o antecede. É a “ilusão necessária constitutiva do sujeito”, ou melhor, a ilusão do sujeito de se entender como “enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões”. A autora ressalta que, “o que, de fato, Freud coloca é que não há centro para o sujeito fora da ilusão e do fantasmagórico, mas que é função desta instância do sujeito que é o eu ser portadora desta ilusão necessária”.

A AD considera que os elementos que constituem um discurso são articulados tomando por base certas necessidades sociais e interesses subjetivos. Nesta perspectiva, “seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa”, destaca Foucault (2004, p. 28), reconhecendo a individualidade e a marca do autor.

Orlandi (2002a) diz que como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude.

> O sujeito está para o discurso como o autor está para o texto. Se a relação do sujeito com o texto é a da dispersão, no entanto a autoria implica disciplina, organização, unidade [...] o autor é representação de unidade e delimita-se na prática social como uma função específica do sujeito (ORLANDI, 2002, p. 73).

A autoria é, de acordo com Orlandi (2002a, p. 74-75), a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto; assim, “entre as dimensões do sujeito, esta é a que está mais determinada pela exterioridade – contexto sócio-histórico – e mais afetada pelas exigências de coerência, não contradição, responsabilidade, etc.” Resumindo, o autor é o sujeito que se torna visível, que se coloca na origem do seu dizer.

Em estudo sobre o movimento do sujeito na construção dos sentidos, Agustini (2000, p. 15) estabelece uma analogia ilustrativa entre o dizer e uma colcha de retalhos:

> Comparando-os, posso perceber que o dizer resulta de recortes do interdiscurso (memória do dizer) que o sujeito-falante, imbuído histórica e ideologicamente por um lugar de significação, (re)corta e costura. Em alguns pontos da colcha, o acabamento perfeito não permite visualizar os arremates, mas há outros lugares em que os arremates são visíveis (dobras interdiscursivas). Os arremates não são, portanto, acidentes do/no tecido. São processos interdiscursivos próprios do funcionamento do dizer. São tecidos interdiscursivos que se torcem [...] e se dobram no processo de confecção da colcha. A unidade da colcha reside, por conseguinte, no sistema que torna possível e que rege a colcha. Essa analogia dizer-colcha me permite compreender e explicitar que todo dizer se constrói por um retorno constante a outros dizeres presentes no interdiscurso.

Pode-se então dizer que, para confirmar a noção de que a imprensa diz a verdade com objetividade, imparcialidade e neutralidade, o sujeito do discurso jornalístico recorta, na rede de filiações de sentidos constituída historicamente (no interdiscurso), os dizeres que melhor se conciliam ao propósito de fazer a informação parecer segura, confiável e fiel à realidade. Neste movimento, mostra e esconde o que convém a seus interlocutores por meio de estratégias discursivas.

É assim que a imprensa, segundo Borges (2003, p. 252), “engendra um discurso que se pretende universal [...] aciona sentidos já cristalizados, inviabiliza posturas e posições diferenciadas das que comumente noticia e se apóia e, conseqüentemente, silencia a proliferação de outros”. Desta forma, a prática discursiva do jornalismo, na tentativa de explicar o mundo, informar e comunicar a novidade com uma pretensa neutralidade, alimenta a ilusão de haver um sentido único e incontestável no seu dizer, como explica Mariani (1998, p. 63):

> Os jornais lidam com o relato de eventos inesperados, possíveis e/ou previsíveis. Em seu funcionamento, o discurso jornalístico insere o inesperado (aquilo para o que ainda não há memória) ou possível/previsível (ou seja, fatos para os quais se pode dizer algo porque guardam semelhanças com eventos ocorridos anteriormente) em uma ordem, ou seja, organizando filiações de sentidos possíveis para o acontecimento [...] Para tanto, os jornais nomeiam, produzem explicações, enfim ‘digerem’ para os leitores aquilo sobre o que se fala. Esse processo de encadeamento cria a ilusão de uma relação significativa entre causas e conseqüências para os fatos ocorridos. Encontra-se nesse funcionamento jornalístico um dos aspectos de convencimento que envolve os leitores.

Também Baccega (1998) trata desta questão, salientando que o discurso jornalístico mascara a realidade, no entanto, difunde-se na sociedade que ele mostra mil faces do mesmo acontecimento.

> Essa é uma postura dita liberal que afirma: se queremos ter objetividade – já que todo discurso está eivado de subjetividade –, basta dar lugar, numa sociedade, a essa pluralidade de vozes que o constitui. Esse ‘sofisma’ aquieta as consciências. Sofisma porque, evidentemente, se uma sociedade tem uma pluralidade de vozes, uma delas exercerá a hegemonia e procurará mantê-la, ou seja, não permitirá que todas as vozes falem com o mesmo caráter de verdade. Isso quando conseguem falar (BACCEGA, 1998, p. 58).

É evidente que o jornalismo não vai construir outra imagem a respeito de si mesmo que não aquela de ser uma instituição capaz de um relato fiel dos fatos e dos pensamentos. O discurso jornalístico age, desta maneira, guiando o olhar e construindo um saber que, por se mostrar único e absoluto, mascara outras possibilidades de verdade. Traquina (1993, p. 168) lembra que

> lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção. E é a existência de um 'acordo de cavalheiros' entre jornalistas e leitores pelo respeito dessa fronteira que torna possível a leitura das notícias enquanto índice do real e, igualmente, condena qualquer transgressão como 'crime'.

O mito da objetividade do discurso jornalístico geralmente esconde o conteúdo ideológico ao qual ele está vinculado, portanto, este discurso não é ideologicamente neutro, mesmo porque demanda formações de sentidos para a sua consolidação, apagamento de dizeres e de lembranças, construção e disputa de identidades e de memórias.

Para a AD, a neutralidade do discurso é uma ilusão, uma vez que ele envolve o histórico e o ideológico. E Orlandi (1987, p. 13) mostra esta posição quando afirma que “numa realidade social e histórica como a nossa, em que se é obrigado a reconhecer que sempre se ocupam determinadas posições (e não outras) no conflito constitutivo das relações sociais, não se pode fazê-lo neutramente”.

Orlandi (2002a, p. 9) assevera que “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e com o político”.

Considerando esta premissa, não há como entender o discurso jornalístico sem falar de luta, embate pela manutenção do poder estabelecido, já que o discurso é permeado continuamente por relações de poder, por uma luta de forças e de vozes que visam se difundir. Cabe aqui lembrar Foucault (2004) e sua abordagem

da relação entre as práticas discursivas e os poderes que as controlam e delimitam para refletir sobre os elementos exteriores que exercem pressão e condicionam a produção e a distribuição de discursos. Fortemente influenciado pelas instituições – como o Estado, a família, a religião, o mercado, a ideologia –, o discurso jornalístico é afetado por fatos, relações de poder, contextos sociais, decisões políticas, interesses econômicos, crenças religiosas e concepções estéticas.

Pode-se dizer que o discurso jornalístico opera comprometido com os sentidos que se fazem necessários em uma conjuntura determinada historicamente. Furlanetto (2002, p. 79) lembra que, formulados dentro de uma moldura institucional que estabelece balizas para a sua enunciação, os textos “refletem, de algum modo, as características históricas da sociedade onde circulam e de que são marcos e documentos – refletem, pois, valores, convicções, crenças, conflitos”.

A função a que se propõe a imprensa pelo seu discurso – informar a sociedade – não é, portanto, isenta de críticas, conflitos de interesses e mesmo de manipulação. O ato de noticiar, segundo Mariani (1999), não é neutro nem desinteressado, porque nele se entrecruzam os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes e dos leitores.

Assim como outras instituições, a imprensa entra no jogo de forças da sociedade e o discurso jornalístico está submetido ao jogo das relações de poder vigentes. Como afirma Mariani (2001, p. 35), “sob a alegação de estar informando, o jornal permanece opinativo e interpretativo, constituindo sentidos, produzindo histórias”. Pode-se dizer que o jornalismo também sustenta um discurso persuasivo que, como colocam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), é aquele que visa a provocar ou a incrementar a adesão da platéia aos argumentos apresentados, procurando atingir a vontade e os sentimentos dos interlocutores.

Esta é uma idéia convergente ao pensamento de Foucault, que considera que o discurso é sempre político, já que saber e poder são dimensões constitutivas do discurso. E como observa Gondar (2003, p. 32), “todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido”.

O discurso político, segundo Orlandi (2008), pode ser definido como “o discurso que, afetado pelo poder, diz das relações de forças e de sentidos que

relacionam sujeitos sociais na história em função do seu poder fazer nas condições de suas existências em sua estabilidade e movimento".

Há que se considerar que, se de um lado, a mídia[15] se alimenta da política, de outro, a prática política arregimenta o trabalho da imprensa, fazendo dialogar os discursos políticos e jornalísticos. Chaparro (2007) respalda esta constatação, apontando o governo como um grande, "se não o mais importante" produtor de conteúdos para o jornalismo. Outro ponto destacado pelo autor é que o jornalismo se modifica para acompanhar e se adequar às mudanças políticas e sociais.

> O jornalismo faz parte do mundo e não o mundo do jornalismo. O mundo gera informações e modifica informações, gera idéias e solicita idéias. A notícia é a maneira de agir no mundo. Se mudam as estratégias da ação política, econômica e social, muda também o jornalismo (CHAPARRO, 2007).

No livro *Metamorfoses do discurso político*, Courtine (2006) expressa uma visão crítica do discurso político contemporâneo em uma conjuntura social dominada pelos meios de comunicação de massa. Segundo ele, as mídias provocam mudanças na forma de representação política, fazendo com que o discurso político funcione de forma mais breve, com mais fluidez – diferentemente das narrativas longas e redundantes e dos monólogos intermináveis –, e com o objetivo maior de seduzir a explicar, de capturar a convencer.

Para o autor, houve, nos últimos anos, uma transformação profunda na representação do político, a partir da introdução de novas práticas midiáticas com formas inovadoras de diálogos, entrevistas, holofotes televisivos e videoclipes políticos. Por isso, atualmente, a política não pode ser dissociada da produção e recepção de imagens, assim como o discurso do homem político também não pode se separar de sua imagem. Dessa forma, recomenda Courtine (2006), além dos elementos lingüísticos, a análise do discurso político deve considerar a colagem de imagens.

[15] O termo mídia se refere ao conjunto dos meios de comunicação de massa, incluindo os diferentes veículos, recursos e técnicas de comunicação, tais como jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, *outdoor*, anúncios comerciais, panfletos, sites informativos e comerciais da internet. As principais mídias são a mídia impressa, que inclui jornal, revista e *outdoor*, e a mídia eletrônica (televisão, rádio, cinema).

É neste ponto que se estabelecem articulações entre o político, o jornalístico e o artístico – representado principalmente pelas artes visuais[16] presentes na mídia. Como aponta Dionísio (2006), imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima e integrada, o que intensifica a combinação de material visual com a escrita. Oliveira (2006) corrobora esta observação, referindo-se a uma tendência cada vez mais orientada da sociedade para o visual. Especificamente em relação aos jornais, o uso de imagens engloba fotografias, desenhos e outras ilustrações, incluindo caricaturas e charges, que se constituem como textos para leitura e interpretação.

Sobre a interpretação da imagem, Souza (2001, p. 73) analisa:

> Ao interpretar a imagem pelo olhar – e não através da palavra – apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita.

Souza (2001, p. 80) afirma que os "textos de imagem" também têm na sua constituição marcas de heterogeneidade, como implícito, o silêncio, a ironia e que "o jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo *eu* na e pela imagem, o que favorece [...] a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico".

Análise interessante sobre esta questão é apresentada por Neckel (2006), que percebe o dizer artístico inscrito tanto na arte quanto no discurso, marcado por um lugar de dizer da história, da ideologia, e afetado pelos aspectos sociais. Ela identifica a polissemia como um dos processos fundantes no funcionamento do discurso artístico, caracterizando-o como predominantemente lúdico e polêmico e aplicando a ele também as noções de polifonia e policromia.

Neckel (2006) postula que as condições de produção desta modalidade de discurso são de "liberdade" e seu espaço de constituição é de uma materialidade

[16] São chamadas de artes visuais aquelas que normalmente lidam com a visão como o seu meio principal de apreciação. Consideram-se artes visuais: fotografia, pintura, desenho, gravura e cinema. O termo artes visuais faz referência também aos novos meios tecnológicos de produção da imagem, como a televisão, o vídeo e o computador. São consideradas artes visuais: a escultura, a instalação, a arquitetura, a novela, o *webdesign*, a moda, a decoração e o paisagismo.

histórica que se fundamenta na ruptura, na subversão, na não linearidade. Dotado de discursividade, o objeto de arte não está apenas num lugar único de significação, pois, segundo a autora, opera sempre num espaço de ressignificação, o que já remete a outros dizeres possíveis. É o gesto de leitura/interpretação que aproxima o processo fruidor e criador da arte dos elementos discursivos.

Como será mostrado em seguida nesta dissertação, o discurso artístico da charge sempre caminhou lado a lado com o discurso político. Na opinião de Landowski (1992 *apud* QUELUZ, 2008), as charges procuram "dar conta do discurso do ponto de vista da sua capacidade de 'agir' e 'fazer agir', captando as interações efetuadas entre sujeitos individuais ou coletivos que nele se inscrevem e que de certo modo nele se reconhecem". Assim se estabelece, conforme Brait (1996, p. 31), uma "conivência [...] entre o enunciador e o leitor capaz de transcender a literalidade para vislumbrar, justamente por meio das marcas aí instauradas, as significações ao mesmo tempo sugeridas e escondidas por esse espaço significante".

Queluz (2008) diz que o autor de charges "é antes de tudo um leitor, um leitor do jornal ou da revista que o publica. Parte das notícias, de um tema ou de um contexto discursivo imediato para manter o diálogo com seus traços e seus enunciados verbais". Segundo a autora, trata-se de um discurso sobre outro discurso que é o jornal, e assim se estabelece, de certa maneira, um modo de, nas palavras de Landowski (1995, p. 81), "ler o espetáculo do mundo que o jornal nos oferece".

3.1 A CHARGE NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Comumente entendida como um discurso que critica um personagem, fato ou acontecimento político específico em um determinado momento histórico, a charge se caracteriza pela articulação da linguagem verbal (escrita) e não-verbal (imagem) e por conter ironia e humor como elementos básicos.

A charge é uma das formas de humor gráfico mais utilizadas atualmente pela mídia. Segundo Miani (2001, p. 5), ela se popularizou em jornais e periódicos "como material de opinião, revelando toda a sua potencialidade política e ideológica enquanto manifestação de linguagem". De natureza eminentemente política, de

acordo com Maringoni (1996), a charge acaba sendo uma espécie de editorial[17] gráfico que revela aspectos concretos de uma determinada época histórica.

Fortemente associado ao discurso midiático, o humor gráfico presente na charge se dá pelo exagero dos traços e pela síntese dos fatos. Além da imagem do alvo que pretende atingir, a charge explicita uma crítica à realidade social e política, enfocando um flagrante do cotidiano. Pensada, então, a partir das concepções de Pêcheux (1988) e Orlandi (1998), a charge pode ser tomada como uma prática discursiva situada no cosmo das relações entre o lingüístico e o histórico-social.

Ao abordar a importância da charge, Flôres (2002, p. 10) afirma que ela decorre

> não só do seu valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época e como corrente de comunicação subliminar, que ao mesmo tempo projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologias em circulação.

Cabe salientar que a charge pode ser tão rica e densa quanto outros textos jornalísticos opinativos, a exemplo de crônicas e editoriais, e por esta característica constitui interessante objeto para análises discursivas, orientadas pelos dispositivos teóricos da AD, que trabalha no ponto de articulação da língua com a ideologia, buscando mostrar a materialidade histórica da linguagem.

Flôres (2002, p. 11) reforça este argumento ao indicar a charge como “um interessante objeto de estudo por aquilo que mostra e diz de nós mesmos e do mundo em que vivemos”. A autora salienta que ela “contém grande potencial de questionamento crítico e de confronto de opiniões a respeito da organização social, dos arranjos políticos e da disputa pelo poder”. Acrescenta que “sua temática, em geral, versa sobre o cotidiano – questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem [...]. Por natureza, é polêmica”.

Assim, de acordo com Nogueira (2003), a charge se desprende da função de apenas ilustrar o cotidiano.

---

[17] Editorial é o texto de um jornal [ou outra mídia] que expressa a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de se ater a nenhuma imparcialidade ou objetividade. Geralmente, grandes jornais reservam um espaço predeterminado para os editoriais em duas ou mais colunas logo nas primeiras páginas internas.

> Com uma síntese dos acontecimentos filtrados pelo olhar de seus atentos produtores e a utilização de recursos visuais e lingüísticos, a charge transforma a intenção artística, nem sempre objetivando o riso – embora o tenha como atrativo – em uma prática política, como uma forma de resistência aos acontecimentos (NOGUEIRA, 2003, p. 3).

Por meio de sua análise, diz Flôres (2002, p. 11), “podem-se perceber as estratégias utilizadas pelos vários segmentos envolvidos nos jogos de poder e manipulação de que consciente ou inconscientemente somos atores e alvos”.

3.1.1 Distinção entre charge, cartum, caricatura

Por terem traços básicos em comum, como a imagem e o humor, a charge, a caricatura e o cartum costumam ser confundidos, por isso importa diferenciá-los, mas esta distinção, segundo Mendonça (2003), é difícil mesmo para os profissionais da área.

Etimologicamente falando, os termos charge e caricatura têm origens distintas, mas podem ser considerados sinônimos: charge é originária do verbo francês *charger,* que significa carregar, exagerar; caricatura vem do substantivo italiano *caricatura*, associado ao verbo *caricare*, que também se refere à ação de carregar, acentuar. Cartum é uma forma aportuguesada do termo inglês *cartoon* (cartão) que tem sua origem no termo italiano *cartone*.

Para Rabaça e Barbosa (1978, p. 89), a caricatura é uma forma de arte cuja finalidade é o humor e neste conceito genérico os autores encaixam o cartum como uma anedota gráfica, com o objetivo de provocar o riso do espectador, ao criticar e satirizar o comportamento humano, seus costumes e fraquezas. A charge é definida por eles como “um tipo de cartum que realiza a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”.

Numa perspectiva convergente e também centrada na finalidade de cada tipo de texto, o cartunista Fernando Moretti (2004) define o cartum como uma crítica mordaz, irônica, satírica e humorística do comportamento humano, de seus hábitos e costumes, enquanto a charge discute especificamente questões sociais e políticas.

Já para Fonseca (1999) a caricatura – desenho que acentua detalhes ridículos e exagera propositalmente características marcantes de um indivíduo – é um dos

elementos constituintes da charge, do cartum, da tira cômica, da história em quadrinhos e dos desenhos animados. A figura 01 mostra uma caricatura da cantora Cássia Eller exposta no 29º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, São Paulo, em 2002.

Figura 01 – Caricatura de Cássia Eller
Autor: Flávio Augusto Rosi
Fonte: Folha Online (2008)

Fonseca (1999, p. 26) identifica charge como “uma forma de representação pictórica de caráter burlesco e caricatural em que se satiriza um fato específico, uma idéia, situação ou pessoa, em geral de caráter político e do conhecimento público”, a exemplo da figura 02.

Figura 02 – Charge publicada pelo jornal O Sul em 02 de abril de 2008
Autor: Aroeira
Fonte: <http://www.chargeonline.com.br/doano.htm>

Levando em conta a limitação temporal, Romualdo (2000, p. 21) entende a charge como “um texto visual e humorístico que faz crítica a uma personagem, fato ou acontecimento político específico [...], tem curto prazo de validade: vale para o dia, para a semana ou o mês em que determinado assunto foi destaque”. Já o cartum (figura 03) é todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de comportamentos e costumes que focalizam realidades genéricas; ao contrário da charge, é atemporal.

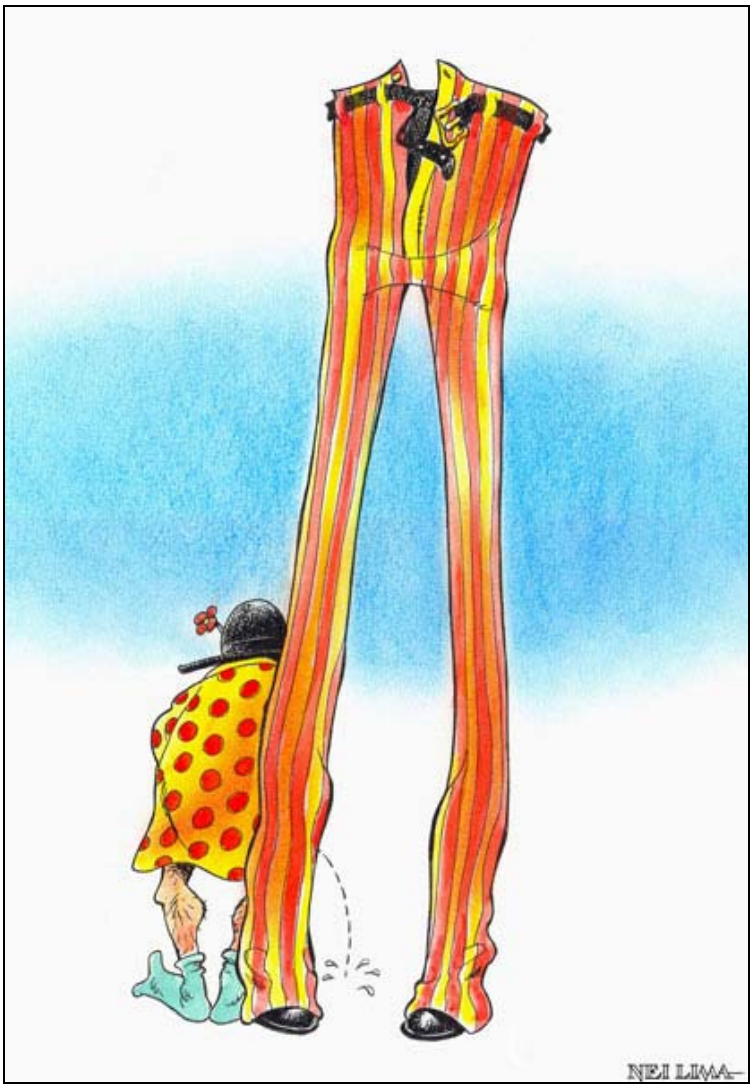


Figura 03 – Cartum de Nei Lima
Fonte: <http://www.brazilcartoon.com>

Neste estudo, considero charge como crítica temporal a um personagem, fato ou acontecimento político específico, diferenciando-a da caricatura (representação de um personagem com uso de traços exagerados) – sem, contudo, excluí-la: a

caricatura geralmente é elemento presente na charge – e do cartum (crítica atemporal de costumes) – levando em conta, neste caso, que a diferença entre cartum e charge reside basicamente no objeto/no tema da crítica. Mas cabe ponderar que outras fontes por mim consultadas para elaborar esta dissertação não adotam a mesma distinção; algumas utilizam o termo caricatura para designar o que eu tomo por charge.

Adghirni (2008), por exemplo, refere-se à caricatura em sentido amplo, incluindo a charge nesta mesma abordagem genérica. Ela demonstra isso ao observar que "a palavra 'caricatura' (*charge*, em francês, que significa carga, avanço sobre) tem origem semântica no italiano (*caricare*) e corresponde a ridicularizar, satirizar, criticar". Portanto, coloca caricatura e charge como sinônimos. Outros autores e estudiosos das áreas de comunicação social e história da arte também costumam se referir à caricatura numa visão abrangente, sem fazer diferenciação com a charge.

Nogueira (2003, p. 3) procura esclarecer o assunto, ao explicar que, "usualmente empregada no sentido de gênero[18], a caricatura envolve e constitui o elemento formal [caracterizador] da charge". A autora afirma que o significado que este termo adquiriu no Brasil acabou incorporando o sinônimo francês da caricatura (charge), numa ligação íntima com a imprensa, como uma sátira gráfica a um acontecimento político.

3.2 UM POUCO DE HISTÓRIA

As charges e caricaturas que atualmente ilustram as páginas de revistas e jornais são herdeiras do jornalismo ilustrado surgido na Inglaterra e na França dos séculos XVIII e XIX, mas, como afirma Gombrich (1999), elas têm suas raízes igualmente fincadas na iconografia da Idade Média e na atividade dos ateliês de pintura dos séculos XV e XVI.

A charge nasceu sob a denominação genérica de caricatura – palavra que, segundo Fonseca (1999), surgiu na Itália na segunda metade do século XVII. O

[18] A questão da charge como gênero é discutida mais adiante nesta dissertação.

vocábulo foi utilizado pela primeira vez em 1646, para designar uma série de desenhos satíricos da família Carracci[19] que focalizava tipos populares de Bolonha. A Annibale Carracci[20] é atribuída a autoria do primeiro exemplar do gênero, hoje no museu de Estocolmo: um desenho que representa um casal de cantores italianos, feito em 1600.

Naquela época, relata Adghirni (2008), o público apreciava o novo modo de representação da figura humana, "os *ritratti carichi* ou *caricature* (retratos carregados) como uma deliberada transformação dos traços humanos na qual as deficiências e fraquezas da vítima apareciam de forma exagerada".

Minois (2003) aponta o romano Pier-Leone Ghezzi[21] (1674-1755) como primeiro caricaturista profissional (ou seja, o primeiro a dedicar-se quase que exclusivamente à produção de caricaturas) que teve trabalhos divulgados no século XVII – quase cem anos antes de a caricatura se infiltrar na esfera política.

As sátiras feitas à sociedade por meio de caricaturas já existiam principalmente a partir do século XVIII, quando esta forma de expressão floresceu, primeiro nos Países Baixos e logo depois em território britânico. Nery (2008) relata que, naquele período, a evolução técnica aliava-se a outras possibilidades expressivas, com a apropriação das convenções cenográficas e dramaturgias das operetas cômicas e do teatro de revista. Essas convenções passaram a incorporar o humor gráfico, sobretudo por partilhar com este último a economia de traços, gestos e movimentos que tornava mais ágil a transmissão de conteúdos.

A invenção da litografia[22] pelo alemão Aloys Senefelder, nos últimos anos do século XVIII, contribuiu bastante para a divulgação da caricatura. Até então, o caricaturista utilizava apenas matrizes de metal, gravando o desenho em folhas soltas, com poucas possibilidades de divulgação de seus trabalhos, os quais nunca ultrapassavam os círculos socialmente mais elevados da população. A litografia,

---

[19] Carracci é o nome da família de pintores italianos do fim do séc. XVI: Ludovico (1555-1619) e seus dois primos Agostinho (1557-1602) e Annibale (1560-1609) foram os decoradores da galeria do Palácio Farnese. Em 1585, fundaram em sua cidade natal, em Bolonha, uma escola onde se formaram grandes artistas do século XVII e que foi a origem do ecletismo acadêmico.

[20] Annibale Carracci é considerado um dos grandes expoentes da caricatura. É o pioneiro na História da Arte a utilizar-se dela, contrapondo-a à idealização.

[21] Pier Leone Ghezzi (1674-1755) foi discípulo dos Carracci na Escola de Bolonha.

[22] Litografia (do grego *lithos* = pedra e *grafia* = escrita) é a técnica de gravura que envolve a criação de marcas (ou desenhos) sobre uma pedra calcária (matriz) com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. O desenho é feito com base no acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz.

possibilitando grandes tiragens e preços menores, facilitou a disseminação da caricatura.

Logo em seguida, e ainda como conseqüência direta da litografia, surgiram os periódicos especialmente dedicados à caricatura, entre os quais o *La Caricature* (1830) – considerado o primeiro semanário humorístico da história – e o diário *Le Charivari*, franceses, ambos fundados por Charles Philipon, que estimulou o surgimento de nomes ilustres na história da caricatura, como o do pintor francês Honoré Daumier – diretor da publicação *La Caricature*, apontado como um dos maiores caricaturistas de todos os tempos.

O historiador da arte Giulio Carlo Argan (1988, p. 64) comenta que Daumier[23] teria sido

> [...] o primeiro a fundar a arte sobre um interesse político (vendo na política a forma moderna da moral), o primeiro a se valer de um meio de comunicação de massa, a imprensa, para com a arte influir sobre o comportamento social. A imprensa, para ele, não foi apenas a técnica com que produziu imagens; foi a técnica com que produziu imagens capazes de alcançar e influenciar seu público.

Adghirni (2008) lembra que na França, onde a liberdade dos caricaturistas atingiu seu ponto máximo, houve problemas com a censura e muitos deles sofreram multas e prisão por suas críticas. Daumier, por exemplo, fez extremadas críticas sociais contra o poder na França e pelo desenho da caricatura chamada *Gargantua*, obra contundente que mostra o rei Felipe II engolindo sacos de dinheiro do povo (apresentada na figura 04), teve que cumprir seis meses de prisão em 1832.

[23] Honoré-Victorien Daumier (1808-1879) foi caricaturista, chargista, pintor e ilustrador, conhecido em seu tempo como o "Michelangelo da caricatura". A história da França e da Europa, relações políticas internacionais e estaduais sempre fizeram parte de sua criação.

Figura 04 – Litografia *Gargantua* de Honoré Daumier (1831)
Fonte: Wikipédia (2008a)

O pintor francês também elegeu a pêra como símbolo do rei Luís Felipe, explorando-lhe a forma triangular da face marcada por gordas bochechas. A fruta (*poire*, em francês) significa “palerma”. Segundo Adghirni (2008), representar o soberano por uma pêra classificava-o de bobo e servia à zombaria pública.

Na senda aberta por *La Caricature*, logo apareceriam numerosos outros periódicos, em toda a Europa, entre eles, na Inglaterra, *Punch* (1841) – intimamente ligado à história do desenho de humor e à caricatura de índole social – e *Simplicissimus* (1896), na Alemanha. No século XX, período das grandes conflagrações internacionais, das convulsões sociais, das ideologias totalitárias, a caricatura encontraria farto material a explorar.

3.3 A CHARGE NO JORNALISMO BRASILEIRO

A história da charge no Brasil começou na década de trinta do século XIX, com ilustrações anônimas que satirizavam os costumes da corte de D. Pedro II, a figura do imperador, as disputas políticas e as dificuldades do povo no seu dia-a-dia. Em seu livro sobre a história do humor gráfico no país, o chargista Lailson de

Holanda Cavalcanti (2005) considera como primeira charge publicada na imprensa brasileira a ilustração (figura 05) do jornal satírico *O Carcundão*, publicado no Recife entre 25 de abril e 16 de maio de 1831, identificada em 1908 pelo historiador pernambucano Alfredo de Carvalho como sendo a primeira manifestação do humor gráfico brasileiro.

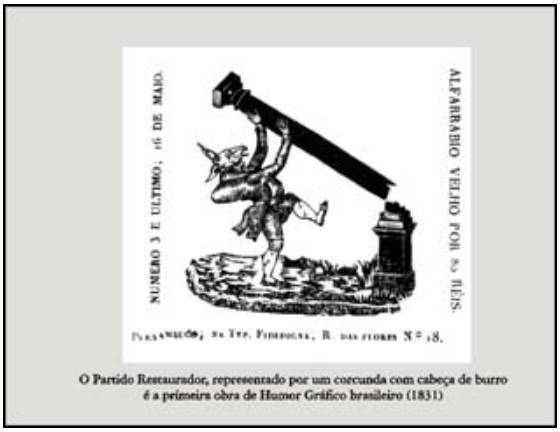


Figura 05 – Ilustração do jornal *O Carcundão* (1831)
Fonte: Cavalcanti (2008)

O burro corcunda que aparece na charge é a representação de um ser humano com cabeça de asno[24] que tenta deter com as mãos a queda de uma coluna que despenca sobre ele. A ilustração é compreendida por Cavalcanti (2007) como sendo uma crítica aos "corcundas" – apelido dado pelos liberais aos membros do Partido Restaurador que, apoiado pela Sociedade Colunas do Trono[25], buscava devolver a coroa a D. Pedro I, que dela havia abdicado cinco meses antes.

Cavalcanti (2007) relata que "o jornal tinha uma posição política oposta à dos restauradores e sua intenção era satirizá-los já a partir do próprio título do periódico" e que, na capa da última edição, o asno humano e corcunda aparece soterrado pelos escombros da coluna que se partiu sobre ele e onde se lê *Non Plus Ultra*[26],

[24] Alegoria muito usada por Francisco de Goya y Lucientes em sua série dos Caprichos para simbolizar a ignorância das elites, segundo Cavalcanti (2007).
[25] A sociedade secreta Colunas do Trono foi fundada por membros do "partido português" – grupo político formado durante o período de regência de D. Pedro I por comerciantes portugueses contrários à abertura econômica e por integrantes das forças armadas de Portugal que eram favoráveis à recolonização do país. O objetivo era dar apoio ao imperador e sustentar a sua política, defendendo o restabelecimento do absolutismo no Brasil. (WIKIPÉDIA, 2008b).
[26] *Non plus* ultra é uma expressão latina que significa "não mais além". Aplica-se com referência ao que não pode ser excedido. (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2008). Para os antigos, cujos limites eram o Mediterrâneo, as colunas de Hércules, depois do estreito de Gibraltar, sustentavam esta lenda: *non plus ultra*: não se pode ir mais adiante. Mas o lema dos reis católicos (o casal composto pela rainha Isabel I de Castela e o rei Fernando II de Aragão, que unificaram os reinos ibéricos no país

tendo uma nuvem negra que solta raios na parte superior do desenho, como mostra a figura 06.

Figura 06 – Ilustração da última capa do jornal *Carcundão*
Fonte: Continente Multicultural (2007)

Cavalcanti (2007) salienta que, em seu trabalho *História da caricatura no Brasil*, o pesquisador Herman Lima (1963)[27] questiona a descoberta de Alfredo de Carvalho, descrevendo-a como irrelevante por tratar-se apenas do desenho de "um burro corcunda derrubando a coices uma coluna grega". Ele critica a descrição feita por Lima, apontando-a como "uma declaração informal de que ele nunca viu o desenho do *Carcundão* e que não aprofundou devidamente sua investigação a fim de 'traduzi-lo' para a posteridade".

Como segunda charge publicada na imprensa brasileira, Cavalcanti (2007) aponta a ilustração anônima publicada em 1832 pelo jornal *O Carapuceiro*, também pernambucano e com uma posição crítica e política semelhante à do *Carcundão.* A figura 07 mostra o desenho de um carapuceiro oferecendo carapuças e chapéus, incluindo coroa e mitra – representando os poderes do imperador e da igreja –, com a mensagem velada de "quem quiser que os ponha na cabeça". Esta peça gráfica

---

que se tornou Espanha no período medieval-cristão) era *plus ultra*, que significa mais adiante (WIKIPÉDIA, 2008c).

[27] A obra de Herman Lima (História da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963) é considerada a mais completa até hoje publicada no país, considerada como a "bíblia" da iconografia humorística nacional por Cavalcanti (2007). O autor fez um levantamento da caricatura do século dezenove e do começo do século vinte.

ilustrou texto do padre Lopes Gama[28], fundador do jornal e cronista dos costumes do Recife.

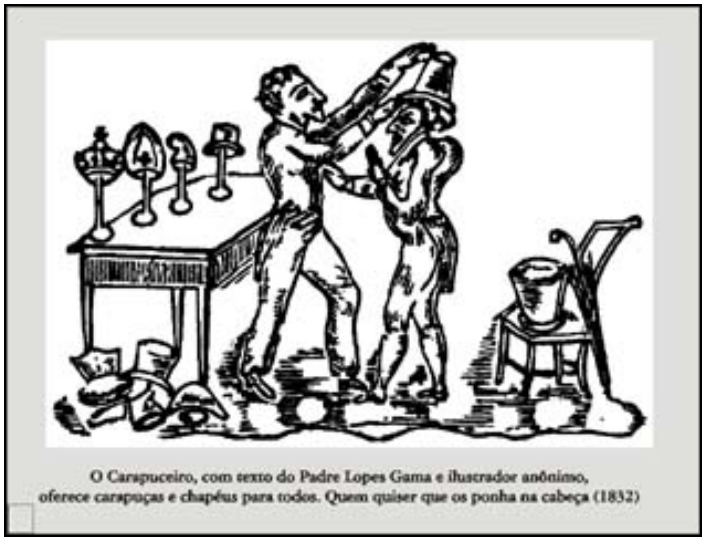


Figura 07 – Ilustração do jornal *O Carapuceiro* (1932)
Fonte: Cavalcanti (2008)

Mas para Herman Lima (1963), a primeira charge do Brasil é uma litografia publicada em 14 de dezembro de 1837 no Jornal do Comércio, cuja autoria é atribuída a Manuel de Araújo Porto-alegre[29]. Intitulada *A campainha e o cujo*, a ilustração (figura 08) não era assinada (sua autoria só seria reconhecida posteriormente) e apresentava o jornalista Justiniano José da Rocha, diretor do jornal Correio Oficial, ligado ao governo, recebendo um saco de dinheiro. Desafeto do artista, Rocha foi a primeira figura pública caricaturada no Brasil.

[28] Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852), também conhecido como Padre Carapuceiro, foi jornalista e político; eleito deputado à Assembléia Provincial de Pernambuco, elegeu-se em 1852 representante da província de Alagoas ao Parlamento Nacional. Foi redator do Diário do Governo (1823) e diretor da Tipografia Nacional (1824).

[29] Manuel José de Araújo Porto-alegre (1806-1879) foi o primeiro e único barão de Santo Ângelo (título recebido do imperador D. Pedro II em 1874), diplomata, escritor, pintor, caricaturista, arquiteto, professor de desenho, crítico e historiador de arte – ele é considerado fundador da disciplina História da Arte no Brasil. Freqüentou a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde foi aluno de Jean Baptiste Debret. É patrono da cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras (WIKIPÉDIA, 2008d).

Figura 08 – Gravura A campainha e o cujo
Fonte: Cavalcanti (2008)

A divergência trazida à tona por Cavalcanti (2007) tem a ver com a indeterminação dos estudiosos, incluindo o autor – ele não apresenta uma distinção categórica –, sobre a diferença entre charge e caricatura. Assis (2004) considera controverso é se a charge (ou caricatura) deve necessariamente retratar uma figura histórica específica ou se, pelo contrário, pode empregar elementos alegóricos. Analisando as duas hipóteses, Assis (2004) diz que, no primeiro caso, a litogravura de Manuel de Araújo Porto-Alegre, que retratava um conhecido diretor de jornal do período, seria efetivamente a primeira charge impressa no país. Mas acompanhando o raciocínio de Lailson de Holanda de que o burro corcunda representava os membros pró-dom Pedro I do Partido Restaurador, chamados de corcundas em Pernambuco, tentando evitar que o império e a igreja (sustentados pela coluna) ruíssem de vez, o desenho do *Carcundão* é um exemplo de charge alegórica.

Na trilha do *Carcundão* e da *Campainha e o cujo*, as caricaturas e charges ocuparam lugar de destaque na imprensa brasileira do século XIX. Nery (2008) relata que circulavam no país algumas publicações populares dedicadas inteiramente (ou quase) a elas. A autora dá como exemplo a *Revista Ilustrada*, criada em 1876 por Angelo Agostini, que chegou a ter tiragens de 4 mil exemplares.

Cavalcanti (2005) destaca que a partir de 1844, com a revista *Lanterna Mágica*, editada por Manuel de Araújo Porto-alegre, o Rio de Janeiro passou a

concentrar a imprensa satírica brasileira. Mas as províncias de São Paulo, com o *Diabo Coxo* e o *Cabrião*, e a província de Pernambuco, com o *Diabo a Quatro* e a *América Ilustrada*, também utilizavam o humor na interpretação da realidade. Na segunda metade do século XIX, com a *Semana Ilustrada*, fundada pelo alemão Henrique Fleuss, e a *Revista Ilustrada*, do italiano Angelo Agostini, o humor gráfico passou a ser parte integrante da imprensa brasileira.

Henrique Fleuiss e Angelo Agostini são identificados por Nery (2008) como representantes de forças opostas no quadro político nacional, polarizando opiniões e estimulando um debate público acalorado: o primeiro apoiando a monarquia, o segundo propagando o ideal republicano. Joaquim Nabuco[30] chamaria a publicação de Agostini de "bíblia abolicionista dos que não sabem ler", tal o empenho com que se lançou em defesa da libertação dos escravos no Brasil.

O ano de 1900 inaugurou uma fase nova na história do humor gráfico brasileiro, com a fundação da *Revista da Semana*, por Álvaro de Tefé, que trouxera da Europa novos processos técnicos de impressão: o fotozinco e a fotogravura. Pela mesma época, destacaram-se no Rio de Janeiro os nomes de Raul Pederneiras (Raul), Calixto Cordeiro (K. Lixto) e J. Carlos, considerados os primeiros caricaturistas verdadeiramente brasileiros.

O aparecimento de jornais e revistas como *Jornal do Brasil* (1892), *Correio da Manhã* (1901), *O Malho* (1902), *Kosmos* (1904), *Fon-Fon* (1907) e *Careta* (1908), possibilitou amplo desenvolvimento à caricatura de cunho social e político. Por volta de 1930, começaram a surgir na imprensa muitos novos caricaturistas, dentre eles Rian (Nair de Teffé), a primeira mulher caricaturista do Brasil.

A caricatura política declinou em 1937, com a implantação do Estado Novo, que instaurou a censura prévia. A segunda guerra mundial, porém, deu ensejo a sátiras notáveis contra os regimes totalitários, da parte de J. Carlos, Téo (Djalma Ferreira), Andrès Guevara, Augusto Rodrigues e Belmonte (Benedito Barreto) – ilustrador de dezenas de livros infantis de Monteiro Lobato e criador do Juca Pato[31], mostrado na figura 09. Sobre este personagem, Cordeiro (1947) comenta:

[30] Joaquim Nabuco (1849-1910) foi um dos mais brilhantes intelectuais e políticos brasileiros do Segundo Império. Exerceu advocacia e jornalismo, defendendo as causas abolicionistas.

[31] Juca Pato é o personagem criado pelo jornalista Lélis Vieira e imortalizada pelo ilustrador e cartunista Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947). O Juca Pato era figura inteligente, careca,

Juca Pato se tornou ídolo das massas, o defensor intransigente de seus direitos e aspirações. Nos momentos mais difíceis por que passou a terra de Piratininga, quando a sua laboriosa população vivia sufocada pela censura, esmagada pelas armas da ditadura, ele era a válvula da qual se servia Belmonte, o intemerato gladiador do riso, para satirizar implacavelmente os inimigos da liberdade.

Figura 09 – Personagem Juca Pato
Fonte: Onda Art (2008)

mal vestido num fraque, sempre se defendendo dos apertos. As charges, bem-humoradas, eram publicadas na *Folha da Manhã*.

Entre fins da década de 1940 e início de 1950, ganharam destaque, na imprensa brasileira, Hilde Weber na charge política, o humor popular de Carlos e Estevão e o humor gráfico de Péricles (Péricles de Andrade Maranhão), criador da figura do Amigo da Onça, que freqüentou as páginas da revista *O Cruzeiro* de 23 de outubro de 1943 a 3 de fevereiro de 1962. Satírico, irônico e crítico de costumes, o Amigo da Onça (figura 10) aparecia em diversas ocasiões, desmascarando seus interlocutores ou colocando-os nas mais embaraçosas situações.

Figura 10 – O Amigo da Onça
Fonte: Memória Viva (2008)

Sobressaiu-se nesse período o humorista Millôr Fernandes, que abriu caminho para o aparecimento, nos anos 1960 e 1970, de caricaturistas como Ziraldo (Ziraldo Alves Pinto), Borjalo (Mauro Borja Lopes), Fortuna (Reginaldo Azevedo), Jaguar (Sérgio Jaguaribe), Claudius (Claudius Ceccon), Appe (Amilde Pedrosa), Lan (Franco Vaselli) e Henfil (Henrique Souza Filho). Nas décadas de 1980 e 1990, destacaram-se Luís Fernando Veríssimo, Miguel Paiva e Chico Caruso.

Adghirni (2008) ressalta que a caricatura e a charge foram armas corajosamente utilizadas pela imprensa brasileira nos duros tempos das ditaduras, de Vargas aos militares golpistas de 1964. “Quando não se podia usar palavras, o desenho dizia tudo no traço rápido e ousado”. A autora acrescenta que “os censores, nem sempre inteligentes, demoravam a perceber os efeitos das imagens.

Que o digam os sobreviventes da imprensa 'nanica'[32] e do famoso *Pasquim* nos anos 1970".

De acordo com Kucinski (1998), o papel dos humoristas foi fundamental para a imprensa alternativa durante esse período complicado da história brasileira. Ele cita que, entre 1964 e 1980, nasceram aproximadamente 160 pequenos jornais que foram duramente perseguidos pelo aparelhamento militar e tiveram curto tempo de vida. Miani (2001) reforça que a charge teve presença garantida nos principais periódicos dessa imprensa alternativa. O primeiro jornal com este caráter foi o *Pif-Paf*, criado por Millôr Fernandes em maio de 1964. Destacaram-se também *O Pasquim* e *Opinião*, do Rio de Janeiro; *Movimento*, de São Paulo; e *Resistência*, de Belém do Pará.

Na análise de Kucinski (1998, p. 181), *O Pasquim* – projeto do cartunista Jaguar e dos jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral, que conquistou adesões importantes como Millôr e Ziraldo – foi um dos jornais alternativos mais importantes do Brasil: "mudou hábitos e valores [...] essencialmente humorístico, também transformou as linguagens do jornalismo e da publicidade [...] e abriu caminho para o uso da linguagem coloquial e de palavrões no jornalismo". Mas com o fim da ditadura militar, o tablóide, que foi um sucesso extraordinário nos primeiros anos (1969-1970), foi perdendo força e encerrou atividades em 1980.

Exemplo interessante de jornalismo alternativo pós-ditadura é o da revista *Bundas*, lançada em junho de 1999 por Ziraldo e alguns amigos que haviam anteriormente fundado o *Pasquim*, entre eles Millôr e Jaguar. A revista nascia com a proposta de fazer um contraponto opinativo à sociedade e satirizar o jornalismo feito no estilo da revista *Caras*. Ziraldo defendia seu projeto dizendo que o país precisava dar mais valor a cabeça do que às nádegas, daí o nome irônico. Seu slogan era: "Quem mostrou a bunda em *Caras* jamais vai mostrar a cara em *Bundas*".

Ao longo das edições, a crítica política tornou-se o seu forte, principalmente no deboche e na sátira do então presidente Fernando Henrique Cardoso. As charges políticas às vezes ocupavam páginas inteiras, retratando os problemas do

[32] Nos anos da ditadura militar no Brasil, especificamente no período 1964-1980, circularam no país inúmeros jornais que se caracterizaram pela oposição ao regime militar, ao modelo econômico, à violação dos direitos humanos e à censura. Kucinski (1998) lembra que esses periódicos foram chamados, inicialmente, de imprensa nanica, devido ao formato pequeno tablóide adotado pela maioria. Essas publicações ficaram conhecidas também como imprensa alternativa, de leitor, independente ou *underground*.

governo federal. Uma bem humorada crítica de costumes também fazia parte da revista, herança de *O Pasquim*. A revista durou pouco mais de 70 edições e foi veiculada por cerca de um ano e meio.

Pimentel (2007, p. 34) relata que o fechamento de *Bundas* deixou como herança para Ziraldo inúmeras dívidas com fornecedores. Mas “o mineiro sonhador e teimoso, acreditando na máxima de que um amor se cura com outro, meses depois estava dedicado à elaboração do projeto gráfico e editorial de um novo veículo de humor: o jornal *O Pasquim21*”. O número um foi às bancas no dia 18 de fevereiro de 2002. O texto de abertura, assinado por Luiz Fernando Veríssimo (*apud* PIMENTEL, 2007, p. 34), começava assim: “Nossa ambição é modesta: queremos reinventar a imprensa. Ser o Gutemberg do pós-setembro 11 [...] Nossa causa maior é o bom humor, o que não quer dizer que não abrigaremos rabugentos, ranzinzas e ranhetas com suas causas”.

A capa do jornal trazia a então candidata à Presidência da República, Roseane Sarney, trajando biquíni e enormes bigodes paternos. A manchete anunciava: “A musa do verão”. Segundo Pimentel (2007), os primeiros números d´*O Pasquim21* tiveram boas vendas, alguma badalação e muita promessa de publicidade. Mas a publicação sofreu do mesmo mal de sua antecessora *Bundas*: as vendas em banca não cobriam a despesa e os anunciantes não cooperaram. O jornal resistiu apenas até meados de 2004.

De lá para cá, muitos novos talentos se somaram à lista de brasileiros famosos nesta arte, da qual fazem parte os chargistas Pimentel, Jaguar, Millôr, Amorim, Aroeira, Ziraldo, Glauco, Laerte e Angeli. Neste contexto, também atuam os chargistas catarinenses Cao Hering (o Cao, do Jornal de Santa Catarina) Zé da Silva (Diário Catarinense) e Frank (Jornal A Notícia). E a charge vem consolidando e ampliando sua presença na mídia nacional. Talvez porque ela, como aponta Agostinho (1993, p. 229), “constitui realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão”.

3.4 A QUESTÃO DO GÊNERO CHARGE

Há muitos desencontros teóricos sobre a classificação da charge num determinado gênero textual e discursivo, mesmo porque, segundo Souza e Machado (2004, p. 46-47) “definir gênero não é, em absoluto, algo tão simples assim [...] mas é preciso que se tenha em mente que os gêneros textuais referem-se à vida cotidiana e, por isso, são fruto do social”.

Bakhtin (2003, p. 262) denomina gêneros do discurso os “tipos relativamente estáveis de enunciados” que refletem as condições específicas e as finalidades das esferas da atividade humana que estão relacionadas com a utilização da língua. Para ele, a concepção de gênero como um processo de interação social se dá numa relação dialógica. Assim, ao definir um material de linguagem como um gênero, é preciso considerar três elementos principais nos quais o gênero se fundamenta: estilo verbal, conteúdo temático e estrutura composicional. “Todos esses três elementos [...] estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade do campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Resumidamente, estilo verbal é a escolha do vocabulário, o uso de figuras de linguagem, a composição das estruturas frasais e as escolhas lingüísticas e discursivas feitas pelo autor. Conteúdo temático é o que pode e deve ser dito num provável enunciado. Ele comporta sempre um tema que é efeito de sentido que um enunciado assume no momento em que é concretizado. Construção composicional é a estrutura formal propriamente dita que inclui o gênero, o estilo, o conteúdo e as estruturas lingüísticas e discursivas do enunciado.

Pela perspectiva bakhtiniana, as transformações dos gêneros, bem como o surgimento de novos gêneros, estão ligadas à especificidade de cada “campo de comunicação verbal”, pois, para compreender o processo de construção do sentido, é preciso ver a palavra como um “signo ideológico” cujo sentido é determinado pelo lugar ocupado pelos interlocutores.

Pode-se aproximar estas premissas aos estudos de Nogueira (2003), quando ela coloca que a caricatura[33] se estabeleceu na imprensa dentro de duas concepções socioculturais: a primeira relacionada ao avanço tecnológico, com a litografia inicialmente e depois com as possibilidades técnicas da rotativa, passando a ser um recurso incorporado aos processos de produção jornalística; a segunda provém do interesse da popularização do jornal enquanto veículo de comunicação de massa, pois a caricatura, formada na inter-relação do texto (legenda) e na força da imagem, com seu potencial de sedução, tornou-se um instrumento eficaz de persuasão do público leitor.

A respeito desta questão, Souza e Machado (2004, p. 48) salientam que, "com relação à charge, o que se pode afirmar é que há uma combinação de elementos definidores" – entre eles, o suporte (jornal ou revista) – "que fornecem algumas pistas para a identificação e grande parte dos efeitos de sentido nela contidos". As autoras dizem que há também o fato de o leitor, ao olhar a charge, já saber de que tipo de gênero se trata, devido à forma – "afinal [...] a charge é uma informação pictográfica, isto é, grande parte, senão todo o sentido, é transmitido através do desenho".

No livro *A caricatura no Brasil: idéias de Jeca Tatu*, Monteiro Lobato (1946, p. 7) declara:

> Não há país onde a caricatura não vice em folhas periódicas como um gênero de primeira necessidade, indispensável ao fígado da civilização. [...] E em nada se estampa melhor a alma de uma nação do que na obra de seus caricaturistas. Parece que o modo de pensar coletivo tem seu resumo nessa forma de riso.

Quando o assunto é a análise de charges publicadas em jornal, torna-se imprescindível saber quais tipos de textos freqüentam a mídia impressa, levando em conta que eles modulam os enunciados, conferindo-lhes diferentes cargas ideológicas. Alguns estudos de gêneros textuais/discursivos em jornal têm abordado diversos aspectos sobre o tema, mas não apresentam uma determinação classificatória.

Bonini (2005) apresenta 42 gêneros, mas adverte que não há garantia de que todos os identificados sejam de fato gêneros. O autor aponta a criatividade e a

[33] Importa lembrar que esta autora, quando fala em caricatura, refere-se também à charge.

gradação de padrões organizacionais de textualidade como fenômenos que interferem na análise de alguns textos, dificultando que se detecte claramente um gênero.

Takazaki (2004) identifica 18 gêneros discursivos mais freqüentes em jornais (anúncio classificado, anúncio publicitário, artigo, carta do leitor, chamada, charge, crítica [de arte], crônica, editorial, entrevista, gráfico, legenda, manchete, notícia, reportagem, resenha, tabela e tira).

A propósito da discussão, nos meios intelectuais, sobre os gêneros jornalísticos, Adghirni (2008) chama para o debate o pesquisador José Marques de Melo, que vê a caricatura como uma forma de ilustração gráfica que a imprensa absorve com sentido nitidamente opinativo. Trata-se, pois, defende Adghirni (2008), “de uma forma de expressão que entra nas demais categorias do jornalismo opinativo (editorial, coluna, crítica, comentário, etc)”.

Melo (2003) defende que a discussão sobre o gênero, no campo do jornalismo, deve considerar o ambiente no qual se desenrola a descrição das peculiaridades da mensagem. O autor afirma que os gêneros são funcionais e surgem para atender a novas funções. Ele faz referência a cinco gêneros que, na sua análise, são autônomos, mas se hibridizam: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Em entrevista a Lia Seixas (2008), Melo diz que o gênero “encarna o processo comunicativo”, envolve o desempenho da comunicação no organismo social. Portanto, o estudo de um gênero pressupõe estudo do processo, ou seja, implica entender como a mensagem foi concebida, codificada, transmitida, recebida e realimentada.

O histórico da charge atesta que ela, como observa Adghirni (2008), “pertence ao universo jornalístico”, mas não é informação, segundo especialistas que dividem o jornalismo em gêneros opinativos e gêneros informativos (notícia e reportagem), “ainda que às vezes os gêneros se confundam em fronteiras híbridas e opacas”. A autora defende a caricatura como forma de expressão e como forma de opinião, mas não como forma de notícia, porque ela não revela fatos novos.

3.5 CARACTERÍSTICAS DA CHARGE

A charge trabalha com uma linguagem que se compõe simultaneamente de imagem (o desenho) e de palavras. Segundo Flôres (2002, p. 14.), é “um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituído por quadro único”. Raramente o chargista recorre à divisão do espaço em duas ou mais imagens para expressar a sua idéia, mas invariavelmente transcende o domínio do puramente visual, aliando desenho e texto escrito.

Neste ponto, Aumont (1995, p. 248) oferece importante contribuição teórica, quando defende a idéia de que “não há imagem 'pura', puramente icônica” e diz que “o problema do sentido da imagem é, pois, o da relação entre imagens e palavras, entre imagem e linguagem”.

O autor argumenta que a imagem é representação na medida em que a inspiração para a sua produção é referenciada numa experiência da realidade e, portanto, não expressa uma verdade absoluta; ela se apresenta como uma interpretação simbólica da realidade que procura conduzir o leitor a uma nova reflexão. Numa premissa aplicável à análise de charges, Aumont (1995) enfatiza que, para ser plenamente compreendida, uma imagem necessita do domínio da linguagem verbal.

> Se a imagem contém sentido, este tem de ser "lido" por seu destinatário, por seu espectador: é todo o problema da interpretação da imagem. Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade [...] O problema da interpretação será tanto mais crucial quanto mais o objetivo da imagem for sentido como importante (AUMONT, 1995, p. 250).

De acordo com Nery (2008), na sua forma atual, a charge mantém vivas muitas das tradições expressivas que a compuseram historicamente, definindo-se pela apropriação e reatualização constantes de diferentes linguagens: pictórica, literária e teatral.

> Comentário político ou sátira dos costumes, a charge é uma narrativa que, como qualquer outra, opera com a seleção e combinação de elementos para criar uma cena; mas uma cena na qual não ocorre um desenrolar seqüencial dos episódios. Ao contrário, a imagem muitas vezes emoldurada por uma grande massa de texto, pressupõe que seu observador

> complemente a dramatização, supondo um começo e um desfecho temporais que, a rigor, não estão ali desenhados. Dessa operação encarrega-se o leitor, conferindo alguma cronologia a uma percepção necessariamente simultânea da ação traçada (NERY, 2008).

Sobre a teatralidade da charge, Machado e Mello (2001, p. 51) tratam da noção de encenação do discurso (*mise en scène*), afirmando que “todos nossos atos linguageiros têm um lado teatral já que [...] temos de estar sempre atentos para produzir a encenação adequada”.

Nery (2008) comenta que a linguagem da charge está em comunicação constante, direta, aberta com o passado, a despeito de alimentar-se da novidade, do presente e, ainda, a despeito de ser considerada uma narrativa efêmera, cuja mortalidade está fixada para o mesmo dia. Sobre este aspecto, Nogueira (2003, p. 3-4) pondera que o desgaste das intenções da temática da charge, centrada na atualidade, “é inevitável, entretanto, dentro de um contexto histórico, poderá por diversas vezes repetir-se, ou seja, permanecer atual enquanto crítica ao *establishment* econômico ou social de um país”.

Importante acréscimo a esta discussão é feito por Nery (2008), quando afirma que, ao mesmo tempo em que a charge tem uma natureza extremamente plástica, adaptável, apóia-se num elenco de referências estáveis, altamente esquematizadas. Como num jogo, a charge envolve uma série de regras e suas peças podem ser reordenadas de acordo com os objetivos de cada partida. E conclui: “trata-se de uma forma narrativa que, embora pague tributo diário à sua própria tradição formal, é capaz de produzir diversão renovada, e também surpresa, dúvida ou estranhamento”.

3.5.1 Humor e ironia

Referindo-se a personagens reais ou a tipos socialmente reconhecíveis, o relato gráfico de humor é uma narrativa eloqüente, cujo êxito depende da eficiência com que captura a atenção de seu leitor-espectador. “Não há charge sem que o pacto entre autor e público seja rigorosamente respeitado e, mesmo, reiterado”, assevera Nery (2008). Assim, é possível pensar no gênero charge como um discurso

de flexibilidade apenas relativa, apto a falar com agilidade e precisão sobre o acontecimento político imediato, o personagem em voga, o tipo familiar, a novidade dos costumes, desde que estes sejam reconhecíveis pelo público.

> Essa aposta na elocução indica um discurso cuja motivação reside sobretudo no efeito, no afeto despertado no observador, que imediatamente identifica a inspiração original da cena desenhada e, o que é central, tem a expectativa de desfrutar das relações inusitadas que o chargista estabelece, recorrendo a sua principal (mas não única) arma: o humor (NERY, 2008).

Um dos traços mais marcantes da charge é a ironia, que tem como função criticar, impressionar e provocar humor. Sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica do autor, produzindo um humor intrinsecamente relacionado ao riso de zombaria. Como bem lembra Propp (1992, p. 42), a ironia “é um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que goza da cara dos outros”.

Para Propp (1992), o riso acontece na descoberta dos defeitos exteriores, quando é percebido um sinal que contraria as regras morais e físicas, presentes nas desproporções, destruindo a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio.

As charges mostram os atores políticos como seres ridículos e derrisórios, ou seja, como pessoas de quem se deve rir. E tornar uma personalidade pública objeto de riso não é ato fortuito, mas ação carregada de implicações políticas. A comicidade, segundo os estudos de Bergson (2001) e Propp (1992), está ligada à operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri. Tornar algum personagem alvo de derrisão significa apontar nele debilidades ou falhas, ou apresentá-lo em situações ridículas, realçando suas fraquezas.

De acordo com Castro (2005, p. 120), “a ironia é um caso típico de discurso bivocal. Nela a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para um outro discurso”. É o já-dito sendo retomado, não com a intenção de conservar seus valores, mas com o propósito da subversão, que se institui no discurso chárgico.

Nesta perspectiva, na função de autor, o sujeito recorre ao irônico para denunciar as relações político-sociais e econômicas de seu contexto sócio-histórico. Ao ironizar o que está na memória social, busca subverter valores já consolidados,

institucionalizados, com o propósito de desmascarar o que a ideologia dominante esconde.

“O humor é um elemento de subversão”, afirma Miani (2002). E a crítica e o desejo de denunciar, de revolver e analisar as ordens instituídas é marcada, na charge, por um humorismo de caráter subversivo. E é neste prisma que Millôr Fernandes (2008, p. 30) vê a ironia como “o último refúgio do oprimido [...], e nenhum tirano, por mais violento que seja, escapa a ela. O tirano pode evitar uma fotografia, não pode impedir uma caricatura. A mordaça aumenta a mordacidade”.

Nesta perspectiva, Nery (2008) enfatiza que a análise de charges mostra que sua leitura requer um duplo movimento, envolvendo a percepção concomitante de duas máscaras, a da seriedade/autoridade e a da ridicularização. Isto reconhecendo que “os efeitos de sentido da charge são ocasionados pela simultaneidade dos movimentos opostos, mas justapostos, que possibilitam um riso de zombaria sobre nossa atualidade sócio-político-econômica”.

Furlanetto (2002) comenta que se pode perceber o sentido irônico ou humorístico do texto, por exemplo, por uma expressão facial da personagem ou por uma expressão verbal inusitada. Segundo a autora, o uso de recursos expressivos possibilita uma leitura para além dos elementos superficiais do texto e auxilia o leitor na construção de novos e outros significados; então, o leitor precisa ter sensibilidade para perceber os efeitos de sentido subjacentes ao texto.

3.6 LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA CHARGE

Quando se trata de ler e interpretar charges, há que se considerar, como recomenda Flôres (2002, p. 11), que o discurso chargístico “dirige-se a sujeitos socialmente situados, ou seja, a sujeitos já inscritos na ideologia”, portanto, participantes na construção do sentido. “A temperatura ideológica das mensagens é alta [...] Sua leitura é exigente”, adverte a autora.

Romualdo (2000) salienta que a linguagem da charge está em comunicação constante com a notícia, alimenta-se da novidade, dos acontecimentos sociais, e é possível que não seja compreendida sem uma explicação sobre o fato que a gerou.

Nas palavras de Nogueira (2003, p. 3), “enquanto manifestação comunicativa baseada na condensação de idéias, a sua compreensão requer um entendimento contemporâneo ao momento exposto na relação dos personagens”, ou seja, no momento específico em que se estabelece a relação discursiva entre interlocutores.

Apontando como uma das características da charge “a polifonia, um jogo de vozes contrastantes, provocador do riso”, Romualdo (2000, p. 50) ressalta que outro aspecto importante é que, na construção interna da charge, o autor informa e também opina sobre um tema por meio da representação de um “mundo às avessas”, satirizado pela própria inversão de valores sociais, oferecendo ao interlocutor uma visão crítica da realidade.

Neste ponto, o discurso de Romualdo (2000) se concilia às palavras de Bakhtin (2003, p. 296-297):

> Todo enunciado concreto é um elo na cadeia de comunicação discursiva de um determinado campo [...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.

Então, seguindo os fundamentos de Bakhtin (2003), analisar charges implica estudá-las em seus aspectos polifônico e dialógico, considerando que é

> o discurso de outrem, na linguagem de outrem que serve para refratar a expressão das intenções do autor. A palavra deste discurso é bivocal. […] O discurso bivocal é sempre dialogizado. Assim é o discurso humorístico, irônico, paródico […] Todos são bivocais. Neles se encontram um diálogo potencial, um diálogo centrado de duas vozes de duas visões de mundo (BAKHTIN, 2003, p. 127).

Cabe aqui retomar a noção de interdiscursividade[34] apresentada anteriormente, pois é a partir dela que se analisam as relações de um discurso, considerando outros que lhes são recorrentes. Lembrando o dialogismo de Bakhtin (2003), os textos se remetem a textos anteriores e antecipam textos posteriores, ou seja, transformam textos anteriores e reestruturam as convenções existentes a fim de originar novos textos.

[34] Pêcheux (1988, p. 162) denomina interdiscurso “o todo complexo com dominante das formações discursivas”. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; são sentidos que foram se construindo historicamente a partir da constelação das relações de poder, que podem ser assumidos ou não pelo sujeito, a depender das posições discursivas que este poderá ou não ocupar em função do funcionamento da ideologia.

A interdiscursividade sustenta assim o “diálogo” da charge com outros textos/discursos: ela comumente contém informações que compõem editoriais, matérias e reportagens, ou seja, enfatiza o mesmo acontecimento abordado por outros textos apresentados num mesmo espaço e num mesmo tempo. Esta relação é deflagrada na medida em que o autor produz a charge buscando elementos nesses outros textos/discursos, ao mesmo tempo em que procura prever o posicionamento do público-leitor.

Para desenvolver uma análise de charges deve-se, então, situá-las no seu contexto sócio-histórico e verificar as condições de produção, compreender a relação dialógica estabelecida entre texto-autor-interlocutor, identificar os julgamentos e opiniões colocadas em jogo numa dada circunstância comunicativa, desvelar a cumplicidade entre os participantes deste discurso.

Importa também observar as entrelinhas, o dito e o não-dito, na tentativa de ouvir as diferentes vozes que se entrecruzam no discurso chargístico e decifrar as marcas tanto do sujeito-autor quanto da empresa jornalística, lembrando que a charge geralmente aparece como editorial gráfico – portanto expressa a opinião do jornal, da direção ou da equipe de redação.

Deve-se considerar que a charge, como observa Adghirni (2008), “é uma forma de opinião explícita, oferecida pelo artista ao povo, que tem o aval da chefia na hierarquia de poder dos jornais. [...] Usa-se com fins específicos, para rir, para provocar, para alertar o cidadão e exprimir o sufoco da sociedade em determinados momentos”. Portanto, “ela jamais é inocente”.

A autora chama a atenção para os acirrados debates sobre liberdade de expressão e tolerância religiosa motivados pela publicação por jornais europeus de caricaturas do profeta Maomé, porque, segundo ela, o episódio serve para lembrar o poder da imprensa e a força do discurso chargístico.

O problema começou em setembro de 2005 na Dinamarca, quando o jornal Jyllands-Posten publicou 12 caricaturas de Maomé, satirizando a intolerância entre os muçulmanos e islâmicos ligados ao terrorismo, e desencadeou uma crise entre o mundo muçulmano e a Dinamarca, que incluiu um boicote econômico a produtos dinamarqueses e ataques a suas sedes diplomáticas, além de um duro debate sobre a liberdade de expressão em vários países.

Segundo o jornal O Estadão (2008), mais de 50 pessoas morreram no mundo todo em protestos pela publicação das caricaturas. De acordo com o jornal *The New York Times* (2008), uma revista norueguesa publicou as caricaturas novamente em janeiro de 2006 e a questão explodiu depois que tentativas diplomáticas falharam em resolver as exigências de diversos países árabes furiosos que pediam uma punição. Desde então, as caricaturas foram publicadas também na França, Alemanha, Itália, Suíça, Espanha, Hungria e Inglaterra – a rede britânica BBC as divulgou em fevereiro de 2006.

As caricaturas incluem uma imagem de Maomé com uma bomba no lugar de um turbante sobre a cabeça (como mostra a figura 11) e outra mostrando Maomé em um paraíso nublado dizendo a um grupo de homens-bomba envoltos em fumaça: “Parem, nós não temos mais virgens!”.

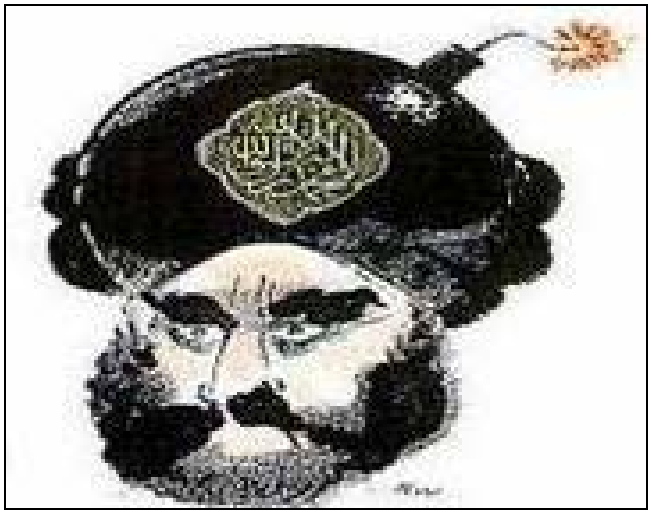


Figura 11 – Caricatura de Maomé publicada por jornais europeus
Fonte: *The New York Times* (2008)

Tomando por exemplo os conflitos provocados pelos desenhos de Maomé, Adghirni (2008) assevera: “não existe caricatura inocente. Charge é carga. Pesada. Provocou incêndios, destruição, rompimento de contratos diplomáticos e comerciais, manipulações políticas e muito mais. Quem diria? Um desenho mata muita gente”.

4 UMA LEITURA DAS CHARGES DE CAO HERING

Luiz Inácio Lula da Silva é um dos personagens mais presentes nas charges de Cao Hering publicadas pelo Jornal de Santa Catarina. Traços pessoais marcantes de figuras públicas e fatos políticos de grande repercussão na imprensa servem como munição ao chargista, que realça e satiriza principalmente hábitos e ações do governante brasileiro.

De acordo com o editor-chefe do JSC, Edgar Gonçalves[35],não há orientação formal do jornal para a produção do material chargístico, mas o *Santa* considera que são necessários, para uma boa charge, os seguintes ingredientes: crítica, humor, criatividade e profundidade.

Na construção composicional das charges, Cao Hering explora o desenho caricatural aliado a falas que particularizam cada personagem. Uma leitura atenta de suas obras confirma o gosto, manifestado pelo autor[36,] pelo "traço solto, não muito preciso, com um pouco de escracho, que insinue movimento".

Ele explora os recursos visuais, enfatizando certos detalhes que ajudam a identificar as personagens ou remeter à situação em que elas se encontram em determinado momento. Exemplo é o chapéu típico alemão: Cao o coloca tanto na cabeça de um ministro alemão quanto na de Lula, no episódio em que o presidente se dirige à reunião do G-8 na Alemanha e também quando ele se prepara para participar do Encontro Empresarial Brasil-Alemanha em Blumenau.

As linhas desenhadas pelo chargista podem até ser consideradas simples, conter uma certa leveza, mas para captar os sentidos dos quais elas se alimentam para compor uma personagem e dar-lhe vida é preciso uma leitura cuidadosa das charges e um razoável conhecimento de mundo e do contexto social, histórico e político na qual elas são produzidas, tanto para identificar as pessoas caricaturadas quanto para situá-las num tempo e num espaço determinados. A pena é leve, mas a carga é pesada.

---

[35] As informações prestadas por Edgar Gonçalves estão reunidas no Anexo C.
[36] Entrevista com Cao Hering encontra-se transcrita no Anexo A.

O conteúdo temático é associado a acontecimentos políticos de forte impacto sobre a opinião pública. O chargista coloca em evidência fatos de grande repercussão na imprensa brasileira – na maioria dos casos, tais acontecimentos ganharam espaço também no jornalismo internacional. “A charge precisa ser obviamente atual, o assunto de ontem já não interessa. Há exceções”, comenta Cao Hering.

Segundo Edgar Gonçalves, “a liberdade temática é total”. Ele afirma que a charge “está totalmente ligada à visão jornalística do chargista” e que os únicos limites são aqueles previstos no *Guia de Ética* adotado pela empresa jornalística: “ética e respeito às leis”. Na perspectiva do *Santa*, uma charge não pode conter calúnia, por exemplo.

Com relação ao estilo verbal, as charges analisadas apresentam um jogo semântico no qual a ironia é constituída na união da imagem com a palavra (em sentido *lato*). Assim como a ironia, a ênfase ao ridículo e a ambigüidade são estratégias usadas com freqüência pelo chargista para provocar efeitos de sentido e levar ao riso de zombaria conceituado por Propp (1992, p. 42): “é um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que goza da cara dos outros”.

Para o chargista, “ter estilo próprio é importante pra haver uma identificação, você precisa ter seu DNA nisso”. A primeira providência do artista, aconselha Cao, é “desvencilhar-se dos ídolos, das influências, desenvolver um traço só seu. Esquecer Disney, Angeli e Ziraldo, sem deixar de admirá-los.”

Nas charges de Cao Hering, invariavelmente, as falas são escritas de acordo com a pronúncia das personagens, o que ajuda a caracterizá-las. O ministro Nelson Jobim, por exemplo, usa a expressão “bueno” que remete ao linguajar típico gaúcho e identifica o seu Estado de origem: Rio Grande do Sul. As falas de Fidel Castro aparecem em espanhol e as do ministro alemão da Economia e Tecnologia, Michael Glos, em um português arrastado – neste caso, a introdução do termo “*nain*” (pronúncia de “não” na língua alemã) denuncia a origem do personagem.

Já as falas de Lula apontam problemas de dicção e de uso incorreto da língua portuguesa. O chargista troca o “s” e o “z” por “f”, como na frase “Dif pra FAB que eu tô mandando colocá orde na casa” (Diz pra FAB que eu estou mandando colocar

ordem na casa). Mas isto não é uma invenção de Cao Hering. Ele simplesmente realça a “língua presa” para dar mais veracidade e humor à caricatura do presidente.

Desde antes de se tornar presidente da República, Lula vem sendo alvo de chacota e discriminação por conta do problema de língua presa, uma alteração da fala que persegue muita gente famosa, como o jogador Romário e o piloto Felipe Massa.

Segundo explicação de fonoaudiólogos, a língua presa é caracterizada pela pronúncia dos sons de “s” e de “z” com a língua entre os dentes, o chamado ceceio. Distorções dos fonemas “r” e “l” também podem ser efeitos do problema. O fenômeno ocorre porque o freio lingual (aquele filete que fica abaixo da língua) é curto, não deixando que ela se mova para a articulação de todos os sons. As pessoas criam compensações para os sons que não conseguem fazer, como no tão popular “companheirosssss” dos discursos de Lula.

Não é por acaso que o governo petista que tomou posse em 2003 foi apelidado de “república da língua presa”. Um dos principais assessores, Antônio Palocci, e dois expressivos parlamentares do PT, o senador José Eduardo Dutra e o deputado federal Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, falam com aquele inconfundível acento de “s”, com a língua entre os dentes.

Também é de conhecimento público que Lula não domina bem as regras formais da língua portuguesa, comete erros de concordância e suprime os esses nos finais de palavras no plural. Estas referências lingüísticas e outros elementos, como a pouca escolaridade do presidente e o fato de não falar outros idiomas, costumam ser sutilmente – porém não despropositadamente – acrescentados na receita do discurso chargístico veiculado pelo *Santa.*

Comparações com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso fermentam o preconceito contra Lula. Tornou-se corriqueiro no Brasil discutir a escolaridade de um e de outro, comparar a fala mais ou menos canhestra de Lula com a fala empolada do outro. O próprio FHC por diversas vezes ironizou em público a situação de Lula, por não ter estudos, e depreciou o jeito errado com que o adversário usa a língua formal.

Ora, diferenças realmente existem e são notórias, mas não significam que um é melhor ou pior governante que o outro. Sobre esta questão, Isaias Edson Sidney (2007), professor de Língua Portuguesa e Literatura, faz uma interessante análise:

> Fernando Henrique Cardoso é *schollar*, sociólogo com obras publicadas, respeitado por sua erudição. Lula, o metalúrgico, tem apenas um curso no Senai. Trajetórias de vida absolutamente diferentes: classe média de um lado, com todas as suas aspirações burguesas; retirante nordestino, de outro, com todas as implicações e anseios que isso pode trazer. Têm, em comum, apenas o fato de que chegaram ambos à Presidência da República. FHC nunca enfrentou preconceitos, por falar bem, escrever razoavelmente, ter viajado por todo o mundo, ter sido professor universitário. Tem, portanto, aquilo que se costuma chamar de cultura. Lula não tem a erudição de FHC. Não estudou. Mas tem conhecimento, tanto quanto uma vasta experiência de vida, de observações práticas, nascido, criado e formado que foi num outro cadinho de cultura, que a erudição costuma chamar de popular. Mas, chame-se do que se chamar, também é cultura.

Todo esse discurso vira ingrediente para temperar as charges de Cao Hering que, ao explorar “o ângulo inusitado de uma notícia, o lado engraçado ou ridículo que ninguém viu” – as palavras são dele –, coloca o presidente como alvo de ironia e gozação. Esta estratégia sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica do autor, capaz de produzir um humor intrinsecamente relacionado ao riso de zombaria. Mas o chargista assevera que, em todos os casos, “a ofensa pessoal deve ser evitada, assim como o mau gosto ou a apelação”.

É de se esperar que tanto ele quanto o *Santa*, que declara “adotar uma linha editorial marcada pela pluralidade ideológica” e zelar pela “independência do jornal sobre qualquer interesse político ou econômico”, levem em conta que Lula, se fala mal o português, está nisso acompanhado por milhões de brasileiros de origem popular como ele. E ponderem, como adverte Iglecias (2007), doutor em Sociologia e professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, que “atacar o português ou a escolaridade de Lula nunca foi boa estratégia, pois ao fazê-lo corre-se o risco de se ofender o brasileiro humilde, que também derrapa no idioma e também teve pouca chance de freqüentar a escola”.

Nesta discussão, o ato de realçar os problemas do presidente como o uso incorreto da língua portuguesa pode ser interpretado em duplo sentido: o fortalecimento de uma discriminação contra Lula ou uma estratégia para aproximar o personagem de grande parcela de brasileiros, fortalecendo sua identificação com o público mais humilde que o elegeu.

Outro ponto explorado – mas “não dito” – por Cao é um suposto apreço de Lula por bebidas alcoólicas. Aproveitando contextos que propiciam a retomada deste aspecto, como circunstâncias que envolvem debates sobre a questão dos biocombustíveis, especificamente o álcool etílico (etanol), o chargista não poupa ironia para sugerir que o presidente cultiva o hábito de beber – motivo de reportagens e declarações polêmicas da imprensa.

“Se Lula tem realmente ou não um problema com bebidas, a questão penetrou na consciência popular e se tornou motivo de piada”, escreveu o jornalista Larry Rohter em matéria publicada em 9 de maio de 2004 pelo jornal norte-americano *The New York Times* com o título “Hábito de beber de Lula se torna preocupação nacional”. No texto, Rohter (2004) afirmava que

> Luiz Inácio Lula da Silva nunca escondeu seu apreço por um copo de cerveja, uma dose de uísque ou, melhor, um trago de cachaça, a potente aguardente do Brasil. Mas alguns de seus conterrâneos começaram a se perguntar se a predileção do presidente por bebidas fortes está afetando sua atuação no governo.

E a imprensa brasileira usou carga pesada para atacar Lula, dando munição a Rohter (2004). O jornalista do *New York Times* cita uma edição de março da revista Veja, na qual o colunista Diogo Mainardi (*apud* ROHTER, 2004) declarava que o presidente se tornou o “maior garoto-propaganda da indústria do álcool” com seu consumo explícito. Este e outros comentários contundentes da imprensa repercutiram fortemente junto aos leitores e comandaram desaprovação popular ao criticado “alcoolismo de Lula”, colocando em questionamento a capacidade de governar do presidente.

Conforme a matéria de Rohter (2004), alguns jornalistas se manifestaram em defesa do presidente, como o colunista Ali Kamel (*apud* ROHTER, 2004) no jornal O Globo. Segundo ele, qualquer um que já tenha estado em recepções formais ou informais em Brasília testemunhou presidentes bebericando uma dose de uísque, mas nada foi dito a respeito dos outros presidentes, somente de Lula. “Isso cheira a preconceito”, declarou.

Em 15 de maio de 2004, matéria divulgada pela Agência Estado (2008) relatava:

> Com declarações firmes, Lula fez questão de deixar claro que, sim, consome bebidas alcoólicas. “Nenhum político neste país já bebeu com o povo como eu bebi”, arriscou. “Nunca escondi de ninguém, nunca fingi, nunca impedi que tirassem uma fotografia minha.” Mas, explicou Lula, o grande problema da reportagem de Rohter é que ela atinge o presidente da República, “que é uma instituição”. “Eu duvido que qualquer companheiro tenha me visto bêbado alguma vez. Faço este desafio para a imprensa nacional”.

O resumo da ópera é claro, salienta Weis (2004) no site Observatório da Imprensa: “assim como o governo, a imprensa brasileira não soube lidar com os ‘hábitos sociais’ do presidente nem antes nem imediatamente depois da matéria de Larry Rohter”, que caiu como uma bomba nos bastidores do poder.

Nem as muitas crônicas, artigos e matérias jornalísticas em repúdio aos ataques sofridos pelo presidente nem as respostas dos porta-vozes de Lula (*apud* TORRES, 2008), que consideraram a especulação de que ele bebe em excesso como “uma mistura de preconceito, desinformação e má fé”, conseguiram enfraquecer a imagem do governante associada a excessos alcoólicos que se cristalizou na memória de muitos brasileiros e tem servido tanto de munição aos adversários políticos que procuram desqualificar o presidente quanto de mote aos chargistas de plantão que constroem discursos absorvendo e transformando outros discursos.

Cabe observar que, para elaborar suas charges, Cao costuma buscar elementos em textos publicados pelo Jornal de Santa Catarina e por outros veículos de comunicação social, num processo que envolve o dialogismo e a interdiscursividade. Para produzi-las, o chargista consulta o material que está sendo analisado pelas editorias do jornal no dia anterior e troca idéias com a equipe de redação sobre o que será publicado na edição do dia seguinte. Edgar Gonçalves informa que todas as tardes Cao “troca idéias com o editor executivo (atualmente Fabrício Cardoso) para conhecer o cardápio de pautas do dia seguinte. Com base nelas, faz a charge”.

O chargista confirma: “Recebo uma pauta do jornal lá pelas 17h30min, escolho o assunto, ligo pra ver se não caiu a matéria e vou em frente. Muitas vezes ligo pros editores pra pedir ajuda com detalhes, dar um palpite a mais sobre a matéria, etc”. Isto quer dizer que as charges publicadas pelo *Santa* contêm informações que compõem editoriais, matérias e reportagens, ou seja, enfatizam o

mesmo acontecimento abordado por outros textos apresentados num mesmo espaço e num mesmo tempo.

É nesta dinâmica que se estabelece o dialogismo referido por Bakhtin e se insere a polifonia, que se caracteriza pela multiplicidade de vozes e consciências que representam pontos de vista sobre o mundo, vozes oriundas de diversos textos/discursos que se instauram no interior de outro e o definem. Lembrando Bakhtin (2003, p. 313), “em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas [...] inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente”.

Com base nesta premissa, pode-se constatar que as charges publicadas pelo *Santa* não expressam apenas as idéias de Cao Hering, porque nelas estão contidas outras vozes cruzadas, complementares, concorrentes e contraditórias que dialogam e tecem polifonicamente o discurso, atribuindo-lhe heterogeneidade discursiva.

Esta pluralidade de vozes, apresentada como polifonia por Bakhtin (1981) e descrita por Authier-Revuz (1990) como a heterogeneidade constitutiva da linguagem, é produzida pela dispersão do sujeito, que deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído.

Pode-se dizer, então, que o discurso chargístico de Cao Hering – num processo que afeta todo discurso jornalístico – é atravessado por outros discursos que se cruzam e dialogam para significar. Neste contexto, há que se considerar que a mídia se alimenta de fatos políticos e a prática política arregimenta o trabalho da imprensa, num movimento que afeta a produção de charges. Em síntese, no discurso artístico do chargista estão fortemente imbricados o discurso jornalístico e o discurso político – e os três são portadores de memória, de pré-construídos que se insinuam para produzir sentidos.

Nesta perspectiva, importa retomar as considerações de Mariani (1998), para quem o discurso jornalístico encontra-se “assujeitado” ao interdiscurso, à memória do dizer de uma formação discursiva determinada. Em outras palavras, as charges assinadas por Cao, assim como os discursos do Jornal de Santa Catarina, já nascem com as representações simbólicas e ideológicas que irá o jornal irá reforçar ou refutar, apesar de surgir com aparência de novo.

Nos textos apresentados como notícias, como acontecimentos a ler – e nas charges que a partir deles são produzidas –, a memória discursiva restabelece elementos pré-construídos, que são sentidos pré-existentes que foram se construindo historicamente a partir da constelação das relações de poder, que podem ser assumidos ou não pelo sujeito, a depender das posições discursivas que este poderá ou não ocupar em função do funcionamento da ideologia. Assim, estes saberes constituídos na memória do dizer sustentam o sentido sobre o qual a charge é produzida e a colocam num percurso de leitura já escrito discursivamente em outro lugar.

A interpretação feita até aqui é resultado de uma leitura genérica das 10 charges que compõem o corpus deste estudo e que são a partir de agora apresentadas separadamente, numa nova leitura que busca revelar e compreender as particularidades de cada charge, seguindo a perspectiva da AD que comporta a idéia de que a palavra vai se revestindo de sentidos em situação de uso e que o discurso é, conforme Pêcheux (1988), efeito de sentidos entre interlocutores.

Edição de quinta-feira, 8 de março de 2007
Tema: Lula recebe Bush no Brasil

A charge publicada pelo *Santa* no dia 8 de março mostra o presidente dos Estados Unidos, Jorge W. Bush, estendendo a mão (esquerda) para Lula e dizendo “Tocar aqui”. Com os braços para trás, Lula fala: ”Nois combinamo não falá em Chaves. O Amorim me ensinou que ‘ki’ é chave em inglês!”

Figura 12 – Charge publicada na edição de 8 de março de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Na quarta-feira 7 de março, a imprensa já noticiava que o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, anunciara um ato público contra Bush, que iniciava uma viagem pelos países da América Latina, começando pelo Brasil.

O presidente americano chegou por volta da 20 horas do dia 8 e no dia seguinte, 9 de março, encontrou-se com Lula. A curta passagem de Bush motivou protestos contra ele. Segundo o jornal Agência Folha (2007), 23 mil pessoas em 17 Estados se reuniram para protestar. Os manifestantes botaram fogo em bandeiras americanas, enforcaram bonecos de Bush e atacaram lojas do McDonald's e do Wall Mart. O maior protesto aconteceu em São Paulo, onde 6 mil pessoas fecharam a avenida Paulista. Houve confronto entre os manifestantes e a Polícia Militar, e cerca de 20 pessoas ficaram feridas. A partir destas informações, tem-se uma noção do impacto que a presença de Bush causou em território brasileiro.

Enquanto isso, em Buenos Aires, Hugo Chávez planejava um ato "antiimperialista". De acordo com a Folha Online (2007a) a ação engrossaria um protesto organizado pelas Mães da Praça de Maio e por entidades sociais, sindicais e políticas da Argentina. Nos dias anteriores à chegada de Bush ao Brasil, os jornais noticiavam a movimentação do líder venezuelano e afirmavam, como o Globo Online (2007a), que Lula esperava não discutir Hugo Chávez com o presidente norte-americano.

Estes fatos explicam o comentário de Lula na charge: “Nois combinamo não falá em Chaves”. O complemento da fala fica por conta do chargista que, para satirizar a personagem Lula, mostra o presidente confuso diante da saudação de Bush: o “aqui” remete à palavra inglesa “*key*” (pronúncia ki) que significa chave. Assim, junto da recusa em tocar no nome de Hugo Chavez, o chargista realça o fato de o presidente brasileiro não saber se expressar na língua inglesa.

Ao dizer “O Amorim me ensinou que ‘ki’ é chave em inglês!”, Lula certamente se refere ao embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, que domina o idioma estrangeiro e supostamente teria ensinado ao presidente pelo menos a pronúncia de “*key*”.

Há outro aspecto que merece observação nesta análise. Ao lado esquerdo da charge, a coluna *Opinião do Santa* manifesta defesa aos direitos do público feminino. O editorial destaca que a instituição do dia internacional da mulher (08 de março) ocorreu em 1857, “quando uma fábrica norte-americana foi incendiada com 129 mulheres dentro”. Uma crítica sutil aos Estados Unidos.

Edição de quarta-feira, 23 de maio de 2007
Tema: Lula assina decreto que limita propaganda de álcool e define bebida alcoólica

A charge publicada no dia 23 de maio mostra Lula falando com um assessor que diz: “Presidente, o decreto que define o que é bebida alcoólica, é pro senhor assinar...”. Lula retruca: “Tu qué i pa rua?!”. Novamente o assessor: “Não, senhor. Por quê?”. E lula: “Trais as bebida aqui! Eu vou defini!!”.

Figura 13 – Charge publicada em 23 de março de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

No dia anterior, a imprensa já havia sido avisada de que o governo federal lançaria, na manhã de quarta-feira, a Política Nacional sobre Álcool, um conjunto de medidas para prevenir o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e ampliar o acesso a tratamento para pessoas dependentes. Conforme a Agência Brasil (2007a), o decreto, assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, limita a publicidade de produtos desta natureza nos meios de comunicação e muda o conceito de bebida alcoólica para efeito de controle da propaganda e demais medidas destinadas a evitar que o álcool seja consumido com tanta facilidade por jovens menores de 18 anos e reduzir a violência e a criminalidade associadas ao consumo prejudicial do álcool.

A Abert (2007) ressalta que o decreto também define que o conceito de bebida alcoólica é o do produto que tem mais de 0,5 grau no padrão Gay Lussac. Isso significa que cervejas, "*coolers*" e "*ices*" terão de respeitar grande parte das limitações que, anteriormente, eram impostas às bebidas com 13 graus ou mais de teor alcoólico como vinhos, uísque e cachaça.

Outra medida do governo diz respeito à proibição de venda de bebidas nas estradas federais. Ao abrir espaço para esta informação, a Abramet (2007) transcreve matéria jornalística que usa um trecho do documento que acompanha o decreto de Lula: "É imprescindível que o governo institua de imediato uma política

nacional sobre o álcool, visando a redução do impacto negativo do uso abusivo desta substância na sociedade brasileira".

Dentre essas várias informações, Cao Hering destacou na sua charge aquelas que resumiam as matérias jornalísticas que leu na véspera da publicação e que respondiam a duas perguntas básicas: o quê? – assinatura do decreto que define bebida alcoólica – e quem? – o presidente Lula. Depois de colocar em contexto o tema e o seu protagonista, enfatizando o acontecimento de grande destaque nacional naquele dia, o chargista aproveitou a deixa para associar o presidente à prática etílica. Mais uma vez, percebe-se a memória dos discursos jornalístico e político se cruzando no discurso chargístico.

A fala "Tu qué i pra rua?" revela a surpresa de Lula diante da informação do assessor, como se este estivesse abordando um assunto delicado que poderia gerar transtornos ao presidente, a exemplo do que aconteceu em 2004 com a reportagem de Larry Rohter publicada pelo *New York Times*. Há que se lembrar que, na época, o governo brasileiro cancelou o visto de permanência do correspondente do jornal norte-americano no Brasil. Ao relacionar os dois momentos, Cao insinua que o assessor de Lula, pela suposta retomada de uma crítica ao hábito de beber do presidente, corria o risco de ser demitido, ou seja, ter cancelado o vínculo institucional com a Presidência da República.

A ordem: "Trais as bebida aqui! Eu vou defini!!" reforça a imagem de Lula pouco sintonizado com o que acontece ao seu redor – ele parece não entender muito bem sobre o que o assessor está falando – e tendente ao consumo de álcool. A charge mostra um presidente atordoado, talvez pela ressaca provocada por tantas e tão duras críticas ao seu governo.

Edição de quarta-feira 6 de junho de 2007
Tema: Lula participa de reunião do G-8 na Alemanha

Na edição de 6 de junho de 2007, o Santa publicou charge mostrando Lula vestido com típico chapeuzinho alemão. Ao lado de uma placa com seta que indica o caminho para o G-8, Lula fala ao telefone: "Ô, Vavá, eu já ti falei mil vezes pra não usa cheque. Tu dá tanta bandera que até a operação levô o nome de cheque!" Do

outro lado, o interlocutor contesta: “O Dirceu tá me dizendo aqui que xeque-mate é com x...”

Figura 14 – Charge publicada em 06 de junho de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Para entender estas falas, é preciso ter conhecimento sobre dois fatos noticiados pela imprensa na data de publicação da charge e também nos dias anteriores. Nesse período, os jornais brasileiros, a exemplo da Folha Online (2007b), Correio Braziliense (2008) e BBC Brasil (2008a), destacaram a participação de Lula no Encontro do G-8 (o grupo dos sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo – Itália, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Canadá, Estados Unidos e Japão – mais a Rússia) que aconteceu no vilarejo de Heiligendamm (Alemanha) nos dias 6 a 8 de junho. E ao mesmo tempo ocuparam espaços nobres em seus noticiários com o indiciamento de Genival Inácio da Silva, o Vavá, irmão mais velho do presidente, por tráfico de influência no Executivo e exploração de prestígio no Judiciário.

As matérias, veiculadas também por O Globo (2008) e Agência Brasil (2007b), colocavam em evidência que no dia 4 de junho, a Polícia Federal revistou a casa do irmão do presidente em São Bernardo do Campo em São Paulo como parte da Operação Xeque-Mate, executada em seis estados do país e que desarticulou uma suposta máfia de caça-níqueis envolvida num esquema de contrabando, corrupção policial e tráfico de drogas. A grande repercussão do fato na mídia levou o presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia (PT-SP), a declarar que

esse tipo de “exploração” em cima do caso já era esperado. “É claro que ele é um atrativo não só jornalístico do ponto de vista quando se trata do irmão do presidente é notícia”, declarou ele em entrevista feita no dia 5 e publicada pela Folha Online (2007c).

Na manhã de 5 de junho, Lula estava em Nova Déli no último dia de uma visita oficial à Índia. Ele afirmou que ainda não havia recebido informações sobre o caso e declarou à imprensa – como pode ser lido na Agência Brasil (2007c), Folha Online (2007d) e O Globo (2008) – que não acreditava no envolvimento de Vavá com atividades criminosas. O presidente disse que não falou com seu irmão, mas foi informado da operação por Tarso Genro, ministro da Justiça.

Ainda no dia 5, matérias da imprensa, como as veiculadas pela Folha Online (2007e) e Veja Online (2007a), desmentiam o presidente ao afirmarem que Lula soube na véspera sobre a ação na casa do irmão. Afirmavam que o ministro da Justiça, Tarso Genro, havia telefonado na noite de domingo, 3 de junho, para Lula, em Nova Déli, para avisá-lo sobre o mandado de busca e apreensão que seria realizado na manhã do dia seguinte na casa de Vavá, em São Bernardo. Revelavam também que Tarso foi informado sobre a “Operação Xeque-Mate”, pelo diretor-geral da Polícia Federal, Paulo Lacerda, contradizendo informação de que o ministro não fora avisado da operação.

A partir dessas informações, pode-se identificar o nome que aparece na fala do presidente como Vavá (irmão de Lula) e entender a alusão feita à Operação Xeque Mate. Subentende-se que Dirceu, a quem o interlocutor de Lula se refere na charge, é o ex-ministro da Casa Civil, companheiro de partido e amigo pessoal de Lula, José Dirceu. Indiciado no inquérito do mensalão, o deputado cassado é um defensor do PT e das políticas públicas do Governo Lula. A referência a ele na charge pode ser entendida como uma intenção velada do autor de associar Lula a políticos acusados de corrupção. Esta estratégia do chargista é vista por Orlandi (2002b) como a relação que o dizer tem com o não-dizer, ou seja, com o implícito, que pode ser pressuposto (aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem) ou subentendido (aquilo que se dá em contexto).

No episódio representado por Cao Hering, José Dirceu, em matéria assinada por Luiz Francisco da Agência Folha (2008) considerou absurdo a Polícia Federal não ter informado sobre suas operações ao presidente e ao ministro da Justiça,

Tarso Genro. Afirmava que Vavá trabalhou em suas campanhas políticas e que não havia nenhum motivo para acreditar no envolvimento do irmão de Lula com a máfia dos caça-níqueis.

A fala da conversa com o irmão – “eu já ti falei mil vezes” – soa como um alerta dado por Lula anteriormente, e muitas vezes, o que leva a supor que o presidente sabia do envolvimento de Vavá em alguma atividade escusa. “Tu dá tanta bandera” é outro trecho que pode ser interpretado como constatação. Dar bandeira é uma expressão coloquial (gíria) que significa deixar perceber. Ora, criticar alguém por “dar bandeira” é quase uma confissão de que se sabe ou já observou práticas que não deveriam ser percebidas, muito menos reveladas.

O fato repercutiu nos dias seguintes não somente na imprensa, mas também junto à população. No dia 7 de junho, o paulista Renato Luis Bueloni Ferreira (2008), em *blog* por ele organizado (visaoaolonge.blogspot.com) com o objetivo de “incentivar a discussão de temas relacionados ao cotidiano, à política, à música, à literatura e à cultura em geral”, comentava a notícia que lera num jornal paulista com a seguinte manchete: “Lula sabia da batida na casa de Vavá”. O blogueiro comenta que “a manchete, de duplo sentido, faz rir. Lula deveria saber das 2 batidas na casa do Vavá: a policial e a feita com cachaça. Desta última, ele não só sabia como já teve ter provado muito. Depois ele diz que não sabe de nada, mas da cachaça ele sabe!”

Aí, a alusão ao gosto de Lula por bebida alcoólica feita por um cidadão comum. E também a uma característica de não saber de nada ou de mentir que não sabe: dois traços atribuídos à personalidade de Lula mesmo antes de se tornar presidente da República, como pode ser constatado também na leitura das charges seguintes.

Edição de terça-feira, 26 de junho de 2007
Tema: Caos aéreo – Lula manda FAB botar ordem na casa

Para a edição do dia 26 de junho, Cao Hering produziu uma charge mostrando Lula sentado em seu gabinete, lançando aviõezinhos de papel. Ao telefone, ele ordena: “Dif pa FAB que eu tô mandando colocá orde na casa!”

Figura 15 – Charge publicada em 26 de março de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Esta fala faz parte de discurso sobre o caos aéreo feito por Lula no dia anterior, 25 de julho, e transcrito pelos jornais diários brasileiros. “A determinação minha para o comando da Aeronáutica é colocar ordem na casa, faça o que tiver que ser feito”. A frase foi proferida por Lula em seu programa de rádio semanal “Café com o presidente” e transcrita pela Agência Brasil (2007d) e Folha Online (2007f). Mas, no comentário de alguns jornalistas, ela poderia ter sido dita por qualquer general dos tempos da ditadura.

Segundo a Folha Online (2007g), Lula disse ao brigadeiro Juniti Sato, comandante da Força Aérea Brasileira (FAB), que “a Aeronáutica deve tomar todas as medidas que considerar adequada para estabelecer o fluxo e a normalidade do tráfego aéreo”. A ordem do presidente liberou a repressão contra os controladores de vôo e resultou na prisão de líderes da Federação Brasileira das Associações de Controladores de Tráfego Aéreo (Febracta).

Na época, segundo matéria da Agência Estado publicada por diversos órgãos de comunicação, como o Jornal A Verdade (2008) e o JC Online (2007a), a Aeronáutica afastou 14 militares controladores de vôo do Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo 1 (Cindacta-1), em Brasília, que controla a movimentação aérea em toda a região Sudeste, sob as acusações de terem realizado uma “operação-padrão velada”, “sabotagem” e insubordinação ao comando militar.

Ao presidente Lula coube cobrar dos controladores de vôo o cumprimento das regras militares e o respeito à hierarquia e acionar as duas comissões parlamentares de inquérito (CPIs) que funcionavam na Câmara e no Senado para apurar as causas do chamado “apagão aéreo”, uma crise que completava nove meses, recheada de confusão nos aeroportos brasileiros. Uma das preocupações era evitar o caos aéreo no período de realização dos XV Jogos Pan-americanos.

O jornal de Santa Catarina repercutiu a ordem de Lula, repetida na charge do dia 26 de junho, na qual Cao Hering mostra o presidente lançando aviõezinhos de papel, alinhavando uma crítica à demora do governante em apresentar medidas coerentes para combater o descontrole nos aeroportos e restaurar a ordem no setor. Em outra perspectiva, pode-se entender como alusão a um comportamento irresponsável, negligente, de brincadeira em meio do caos aéreo. Lula estaria brincando de governar.

Ao analisar a fala: “Dif pa FAB que eu tô mandando colocá orde na casa!”, pode-se verificar que o tom é autoritário – “tô mandando” – e de austeridade – “colocá orde na casa”. Neste aspecto, o chargista explorou os ingredientes mais marcantes do discurso de Lula e que foram enfatizados também por toda a imprensa nacional. Sem esquecer daquele toque de língua presa: “Dif” no lugar de “Diz”.

Edição de quinta-feira 26 de julho
Tema: Lula fala com o novo ministro da Defesa, Nelson Jobim

A charge apresenta caricaturas de Lula e Nelson Jobim. Lula pergunta ao ministro: “Qual vai sê tua primeira defivão como minichtro da defeva?”. E ele responde: “Bueno, vamo obriga todo mundo a pousar no Tom Jobim!”

Figura 16 – Charge publicada em 26 de julho 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

No dia 25 de julho, conforme relato da Agência Brasil (2007e), o ex-ministro da Justiça e ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Nelson Jobim, assumira o cargo de ministro da Defesa, em lugar de Waldir Pires que, desgastado no cargo após dez meses de crise aérea, pediu exoneração. Antes mesmo de dar posse ao novo ministro, o presidente reuniu Jobim com representantes de sindicatos de aeroviários no Palácio do Planalto. Ao novo ministro caberia também o comando do Conselho Nacional de Aviação Civil (Conac).

Jobim assumia o cargo com a determinação de aumentar a presença do Ministério da Defesa na busca de uma solução para a crise aérea. Segundo a colunista Tereza Cruvinel, citada em matéria transcrita pelo site Defesanet (2007), “Lula queria um nome com bom trânsito junto aos militares, mas que desfrutasse também do respeito da sociedade e capacidade de comando para lidar com a crise aérea”. Embora sem experiência no assunto, Jobim é conhecido pelo temperamento autoritário e pela capacidade de tomar atitudes enérgicas. Gaúcho de Santa Maria, colecionou aliados e inimigos devido a suas opiniões fortes.

O uso da palavra “bueno” – típica do Rio Grande do Sul – no início da frase colocada na charge do *Santa* revela a origem do ministro. E a expressão “vamo obriga” confirma a proposta de uma ação enérgica.

Cao Hering buscou, para compor a charge, uma informação destacada na principal notícia do dia e a expressou na fala do ministro: “Bueno, vamo obriga todo mundo a pousar no Tom Jobim!”. O chargista cria um efeito de sentido ao relacionar

o nome do ministro Nelson Jobim ao de Tom Jobim. Trata-se de um tipo de ambigüidade intencional, tanto que a palavra Jobim aparece sublinhada.

Sabe-se que o Jobim que dá nome ao aeroporto carioca é o compositor, poeta e maestro Antônio Carlos Jobim. Ao assumir a responsabilidade de colocar a aviação civil em rotas menos turbulentas, o Jobim ministro colocou-se no papel de regente de uma orquestra barulhenta e pouco afinada. Em matéria veiculada pelo Globo Online (2007b) ele declarou: “O maestro sou eu”.

O discurso da charge leva também à inferência de que o nome Jobim foi propositalmente destacado a fim de despertar a curiosidade do leitor, chamando a atenção para o plano do governo federal em lançar uma série de benefícios para as empresas aéreas que decidirem utilizar com mais freqüência o aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro.

Conforme noticiado pela Folha Online (2007h), uma das propostas analisadas para estimular o uso do Tom Jobim previa a redução de tarifas para as companhias no uso de serviços da Infraero, por exemplo. Jobim, o ministro, afirmava que o objetivo do plano, denominado “contingência”, era garantir o fim do incômodo aos passageiros, mas com medidas de segurança.

Novamente, o problema de dicção de Lula aparece na fala “Qual vai sê tua primeira defivão como minichtro da defeva?”. Cao troca o “c” por “f” em defivão (decisão), o “s” por “v” em defeva (defesa) e carrega na pronúncia do “s” de ministro ao usar “ch” (minichtro).

Edição de segunda-feira, 30 de julho de 2007
Tema: Deserção de atletas cubanos nos XV Jogos Pan-americanos

A charge publicada em 30 de julho pelo *Santa* apresenta Lula e Fidel Castro falando ao telefone. De um lado da linha, o ditador cubano fala: “Camarada, ordené la vuelta precoz de mis atletas porque la Vila Olímpica estava llena de las elites capitalistas”. E Lula responde: “Ifo que tu não viu nada, companhêro. Tu prefivava vê o Maraca!”

Figura 17 – Charge publicada na edição de 30 de julho 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Há nesta charge a condensação de várias informações captadas no contexto político naquele período e que exigem uma leitura atenta para que se possa captar os efeitos de sentido contidos neste material. A farda e o uso da língua espanhola ajudam a identificar Fidel Castro na caricatura feita por Cao Hering e que compõe a charge, assim como o uso de expressões comuns ao discurso do presidente socialista: ele chama Lula de camarada e diz que a Vila Olímpica do Pan está cheia (llena em espanhol) das elites capitalistas.

A identificação do personagem se completa a partir da associação da charge com a cobertura feita pela imprensa sobre a deserção de atletas cubanos dos XV Jogos Pan-americanos – chamado de Rio 2007 – realizados entre 13 e 29 de julho no Rio de Janeiro, município onde estão localizados o estádio do Maracanã e a Vila Olímpica construída especificamente para hospedar os atletas participantes desse evento multiesportivo. Novamente, a marca da interdiscursividade: Cao Hering se apoiando em elementos pré-construídos, na memória do discurso jornalístico para construir um discurso chargístico.

Para compreender o diálogo dos dois presidentes, é imprescindível acionar um conhecimento prévio sobre alguns fatos que marcaram os Jogos Pan-americanos e que foram ostensivamente divulgados pela mídia, a exemplo da Agência Brasil (2007f) e da Agência O Globo (2008) no período de realização do evento. Pode-se começar pela cerimônia de abertura dos jogos, na noite de 13 de julho no Maracanã, relatada por Aretha Martins e Nara Alves no site Último Segundo

(2007). Diferentemente da delegação norte-americana, que entrou no estádio cercada por vaias, os cubanos foram recebidos com aplausos calorosos. O público ficou de pé para receber a delegação de Cuba.

Segundo as repórteres do Último Segundo (2007), o presidente estava no estádio acompanhando o espetáculo, que reuniu um público de aproximadamente 90 mil pessoas. O presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Nuzman, primeiro a discursar, foi vaiado pela platéia ao citar a presença de Lula. O mesmo aconteceu logo em seguida, quando o presidente da Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa), o mexicano Mario Vázquez Raña, anunciou que Lula faria a abertura oficial dos Jogos.

De acordo com as mesmas fontes, Lula acabou vaiado todas as vezes que apareceu no telão ou teve seu nome citado no sistema de som e não discursou, como estava previsto. Para evitar constrangimento, o cerimonial resolveu poupar o presidente, e a frase “Boa sorte, Brasil”, que seria dita por Lula, foi pronunciada por Carlos Nuzman. Foi a primeira vez que um chefe de Estado não discursou durante a abertura de um Pan-americano.

No domingo 29 de julho, dia imediatamente anterior à publicação da charge pelo Jornal de Santa Catarina, manifestações contra o presidente da República se repetiram na festa de encerramento dos jogos no mesmo estádio. Lula não compareceu, mas sua ausência não impediu as vaias do público que lotou o Maracanã e protestou quando seu nome apareceu no telão.

Nesse ínterim, a imprensa brasileira, a exemplo da Gazeta Esportiva Net (2007), ocupou-se também em ressaltar os desfalques da delegação cubana. O primeiro caso de deserção aconteceu antes mesmo do início oficial dos Jogos. Rafael Capote, da equipe de handebol, fugiu da Vila no dia 11 e foi para São Caetano do Sul em São Paulo. Depois foi a vez do técnico de ginástica artística, Lázaro Lamelas Ramírez, seguido pelos boxeadores Guillermo Ortiz Rigondeaux e Erislandy Lara Santoya.

De acordo com a mesma fonte, preocupado com os boatos sobre um plano de deserção em massa na madrugada de sábado, 28 de julho, o presidente em exercício de Cuba, Raúl Castro, irmão de Fidel, exigiu a volta imediata para o país da delegação, que contava com 200 integrantes na Vila Pan-Americana. Por isso, a

seleção cubana masculina de vôlei não esteve presente na cerimônia de premiação para receber a medalha de bronze na noite de 28 de julho no Maracanãzinho. Seis ônibus levaram os atletas para o Aeroporto Internacional Tom Jobim no final da noite.

A Gazeta Esportiva Net (2007) salientou que a medida do governo cubano causou uma situação inusitada no Pan: a cerimônia de entrega de medalhas no vôlei masculino da competição contou apenas com as equipes do Brasil (ouro) e dos Estados Unidos (prata). Pensando se tratar de um boicote ou de provocação, o público vaiou, desconhecendo o embarque para Cuba. Nenhum atleta cubano participou da cerimônia de encerramento no domingo 29 de julho.

Na charge de Cao Hering, Fidel Castro menciona o envolvimento de “elites capitalistas” no caso de deserção de atletas cubanos, retomando um conceito muito empregado nos discursos socialistas para designar sistemas econômicos e políticos detentores de poder e riqueza que defendem os valores do capital. Pode-se inferir que esta fala tem a ver com as propostas feitas aos seus conterrâneos por uma empresa de promoção de boxe, que estaria planejando levá-los para a Alemanha.

Fidel Castro mostrou inúmeras vezes durante os Jogos sua irritação com as fugas, inclusive escreveu um artigo – habitual texto para a imprensa com o título “Reflexiones del comandante” –, divulgado em página que ele mantém no site oficial do país, fazendo duras críticas aos membros que abandonaram a delegação e classificando a deserção dos boxeadores Guillermo Ortiz Rigondeaux e Erislandy Lara Santoya de “golpe baixo”. Nas palavras do presidente cubano, transcritas pela BBC Brasil (2008b) e por O Globo (2007a), eles “simplesmente nos nocautearam com um golpe direto no queixo”.

Cabe lembrar que antes mesmo de definir a equipe que viria ao Pan do Rio, o boxe cubano já havia sofrido desfalques consideráveis. Relatam a BBC Brasil (2008b) e O Globo (2007a) que, em dezembro de 2006, promotores alemães contrataram três importantes nomes da modalidade do país, que participavam de um período de treinamento na Venezuela: Yan Barthelemy (medalhista de ouro nas Olimpíadas de Atenas), Odlanier Solis (tricampeão mundial) e Yuriorkis Gamboa. Cogitava-se que Rigondeaux e Santoya haviam recebido proposta idêntica.

Em texto fornecido por agências de notícias cubanas à imprensa brasileira e divulgado pelo Globo Esporte (2007), Fidel Castro declarava: "A traição por dinheiro é uma das armas prediletas dos Estados Unidos para destruir a resistência de Cuba [...] Na Alemanha, existe uma máfia que se dedica a selecionar, comprar e promover boxeadores cubanos nas competições esportivas internacionais. Usa métodos psicológicos refinados e muitos milhões de dólares".

Quanto aos atletas que abandonaram o Pan, Fidel afirmava: "Não existe justificativa alguma para solicitar asilo político. Pouco importa se não é o Brasil seu mercado definitivo. Há países ricos do Primeiro Mundo que pagam muito mais [...] De antemão, se conhece seu destino final, como atletas mercenários, em uma sociedade de consumo".

Estas declarações de Fidel esclarecem a fala presente na charge de Cao Hering: "[...] la Vila Olímpica estava llena de las elites capitalistas". Retomando a charge, na conversa com o presidente cubano, Lula diz: "Ifo que tu não viu nada, companhêro. Tu prefivava vê o Maraca!". Trata-se de uma referência a grupos presentes no Maracanã e que supostamente teriam organizado manifestações de protesto para desmoralizá-lo publicamente, aproveitando um evento que foi televisionado para todo o Brasil e o mundo.

Importa lembrar que, de acordo com texto publicado pelo JC Online (2007b) o ministro dos Esportes, Orlando Silva, referiu-se à onda de vaias contra Lula no Maracanã como "coisa orquestrada", sem especificar quem teria organizado a manifestação, deixando suspensa a hipótese de uma reação de grupos (elites capitalistas) contrários ao governo do PT e interessados em constranger publicamente o presidente.

Há indícios de que a manifestação tenha sido planejada um dia antes. O blog República Vermelha (2007) disponibiliza um vídeo do YouTube, gravado na véspera da abertura do Pan, que mostra que a vaia ao presidente Lula foi ensaiada. Alguns espectadores observaram que as vaias de Lula e os aplausos para César Maia partiam de uma mesma área do estádio. O mesmo blog denuncia uma série de estratégias dos organizadores do evento para beneficiar determinadas empresas particulares que auferiram lucro significativo com a promoção dos jogos.

Por falar em elites, um fato que ganhou espaço na imprensa na mesma época do Pan foi a organização, a partir de São Paulo, de um grupo de entidades de representação da sociedade civil para lançar um movimento em defesa do direito cívico dos brasileiros, denominado “Cansei", com objetivo de sensibilizar a sociedade brasileira a protestar contra o caos aéreo e a corrupção, como noticiado pelo Observatório da Imprensa (2007), por O Globo (2008) e pela revista Veja Online (2007b).

De acordo com estas fontes, paralelamente à indicação de Nelson Jobim para o Ministério da Defesa, numa estratégia do governo para enfrentar a crise aérea, o movimento lançou sua campanha oficialmente dia 27 de julho, com peças publicitárias veiculadas na TV, rádio e mídia impressa. Os filmes mostravam pessoas descrevendo situações e fatos que contribuem para a sensação de caos, contra a qual a campanha se posicionava.

O movimento “Cansei”, liderado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – Seccional São Paulo, contava com a participação de diversas entidades e lideranças da sociedade civil, entre elas Associação Brasileira das Empresas de Rádio e TV (Abert), Associação Brasileira dos Pilotos de Helicóptero (Abraphe), Associação Comercial de São Paulo, Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB), Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), Confederação Nacional dos Jovens Empresários (Conaje), Conselho Regional de Medicina (CRM), Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Instituto de Estudos Empresariais (IEE), Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis, Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas (Sescon) de São Paulo. Não seriam estas também representantes das chamadas “elites capitalistas”?

Voltando à fala de Lula na charge – “Ifo que tu não viu nada, companhêro. Tu prefivava vê o Maraca!” – verifica-se a repetição do recurso empregado pelo chargista para mostrar o problema fonoaudiológico do presidente. Os dois “esses” da primeira palavra foram trocados por “f” (Ifo = isso), que também substituiu “c” em “prefivava” (precisava) e ainda nesta palavra, a troca de “s” por “v”.

Edição de quarta-feira, 31 de outubro de 2007
Tema: Lula na Fifa

A charge publicada pelo *Santa* nesse dia traz o presidente em discurso transmitido por emissoras de televisão brasileiras, com a seguinte fala: “Hoje, aqui na Fifa, eu me sinto meio torcedô, meio presidente...”. Um casal, sentado num sofá em frente ao aparelho de TV, assiste ao pronunciamento. O homem segura um controle remoto com a mão esquerda e a mulher, ao lado dele, pede: “Não desliga, querido. Ele tá tendo um surto de sinceridade...” Na parte superior do visor, acima da caricatura de Lula, aparece o número 2014.

Figura 18 – Charge publicada na edição de 31 de outubro de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Esta aparição de Lula ocorreu no dia anterior, terça-feira, 30 de outubro, quando o presidente esteve na sede da Federação Internacional de Futebol (Fifa), em Zurique, na Suíça, participando em cerimônia na qual o comitê executivo da entidade anunciou o Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014.

No discurso que fez na sede da Fifa, Lula não escondeu que estava “dividido: um pouco presidente e um pouco amante do futebol”. Chegou a comparar sua função com a de técnico da seleção:

> É sempre muito difícil ser técnico da seleção brasileira, porque cada um de nós, brasileiros, se acha técnico. Cada jornalista que comenta [futebol] se acha técnico. Cada ex-jogador se acha técnico. Mas tem alguém que, meia hora antes da partida, tem que colocar no papel quem entra [...] É como presidente da República. Tá cheio de gente que acha que é fácil, que dá palpite. Mas tem hora que tem que tomar decisão. [...] daí não pode dar muito ouvido. Tem que apostar no seu taco (AGÊNCIA BRASIL, 2007g).

Estas declarações do presidente, disponibilizadas pela Secretaria de Imprensa do Planalto (2007), ganharam eco na imprensa brasileira e, no dia 31, a maioria dos jornais diários destacou o discurso de Lula. Exemplo é a matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo e assinada por Clóvis Rossi (2007), enviado especial a Zurique, que foi transcrita pelo Ministério das Relações Exteriores. O jornalista comentava que “Luiz Inácio Lula da Silva despiu-se ontem das vestes de presidente da República para adotar, com indisfarçável entusiasmo, as de torcedor de futebol fanático pelo Brasil”. Rossi (2007) relatava que, ao deixar o encontro na Fifa com destino de volta ao Brasil, Lula foi abordado por jornalistas de vários países. Um deles perguntou: “Vai doer no coração não estar comandando o país na Copa de 2014?”. O presidente respondeu: “Não, porque estarei lá como torcedor, se Deus quiser”.

Cao Hering seguiu o foco da imprensa brasileira e importou, dos textos jornalísticos publicados em outras editorias do *Santa* e por vários jornais brasileiros, a fala de Lula que foi colocada na charge. Mas o que dizer da reação do casal que acompanhava o discurso pela TV?

Antes de procurar resposta a este questionamento, cabe sublinhar que, muito embora o discurso chargístico se apóie na função referencial (investida de didática) do discurso jornalístico para constituir-se como informativo e documental, sua produção e circulação ocorrem numa conjuntura determinada, na qual há forças políticas em confronto, várias e diferentes vozes que vão produzir sentidos. A charge é, portanto, um discurso que reproduz memória, significa e ressignifica os dizeres jornalísticos e políticos, por meio de mecanismos simbólicos e ideológicos nem sempre aparentes.

A charge dá margem ao entendimento de que o cidadão em frente ao televisor ameaça usar o controle remoto para desligar a TV ou quem sabe mudar de canal, demonstrando pouca disposição em ouvir o presidente. Mas sua companheira

pede que ele não desligue, aparentemente surpreendida diante do que ela chama de “um surto de sinceridade” do presidente. Ora, dar atenção especial a alguém por ser sincero significa que a sinceridade não é uma marca de tal personalidade. O adjetivo sincero remete a sinônimos como “franco, leal, verdadeiro, autêntico, que se expressa sem artifício, sem intenção de enganar, sem dissimulação, afetação ou disfarce, de boa fé, sem impostura ou malícia”.

Neste ponto, é possível perceber a ideologia organizando direções de leitura, fazendo circular alguns sentidos e desviando outros indesejáveis, numa ação que atesta o funcionamento do interdiscurso e que renegocia o sentido das formações discursivas.

Outro aspecto que merece atenção é o uso da expressão “surto de sinceridade”. Surto significa irrupção, aparecimento repentino. Assim, a fala da espectadora permite interpretar que a sinceridade de Lula apareceu de repente, fora de uma rotina na qual se observa uma postura contrária, marcada por desonestidade, dissimulação e mentira, ou seja, o presidente geralmente não é confiável.

É neste contexto que o chargista, ao mesmo tempo em que projeta a imagem de um observador imparcial, produzindo um efeito de distanciamento sobre o que fala, cria espaços para emitir opinião, explicar, formar juízos de valor, permitindo que os sentidos se configurem movidos e controlados pela memória discursiva.

Edição de quinta-feira 8 de novembro de 2007
Tema: Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau (SC)

A charge reúne duas caricaturas: uma de Lula e outra da primeira-dama, dona Marisa. Lula aparece vestido de terno, com um chapéu típico alemão e uma caneca de chope pendurada ao corpo. A mulher fala: “Benhê, não te entusiasma. O Dirceu ligou dizendo que é encontro Brasil-Alemanha e não Oktuberfest...”

Figura 19 – Charge publicada na edição de 8 de novembro de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Os acessórios na roupa de Lula (o chapeuzinho alemão e o caneco) remetem à Oktoberfest (expressão alemã: *oktober* = outubro + *fest* = festa), segunda mais importante festa de cerveja do mundo, só perdendo para o consagrado festival de Munique. Desenvolvida desde 1984, no mês de outubro (como o nome revela), faz parte do calendário cultural e turístico de Santa Catarina e já se consolidou como um dos mais importantes produtos turísticos nacionais. A festa, na qual se pode saborear bons chopes, é realizada no Parque Vila Germânica de Blumenau – centro de eventos onde foi desenvolvido o Encontro Brasil-Alemanha.

O uso dos dois objetos representativos mais populares da Oktoberfest demonstra a preparação de Lula para uma visita a Blumenau, cidade conhecida como “Alemanha brasileira” ou “Alemanha tropical” por causa das influências da colonização germânica na cultura, na culinária e na arquitetura.

Ao falar “O Dirceu ligou dizendo que é encontro Brasil-Alemanha e não Oktuberfest...”, dona Marisa – identificada pelo estilo de vestir e pelo tom de familiaridade ao falar com Lula – comunica ao presidente que o evento para o qual ele foi convidado é um encontro com empresários e políticos brasileiros e alemães, não um festival da cerveja. “Benhê, não te entusiasma”, diz ela, dando a entender que Lula deveria conter seu arrebatamento com a festa do chope. Os traços nos rostos do casal, principalmente as linhas das bocas e olhos, conotam repreensão em Marisa e decepção em Lula.

Nas entrelinhas, Cao Hering constrói uma anedota com insinuações de bebericagem do personagem principal de sua charge, como incentivo ao resgate de um discurso do passado: a reportagem do jornalista Larry Rohter, correspondente do *New York Times*, que criou um lamentável imbróglio com o governo brasileiro ao apresentar o presidente como alcoólatra em 2004.

Sodré (2004), no Observatório da Imprensa, lembra que Rohter “tentou corroborar o conteúdo do texto com uma imagem (o presidente Lula na Oktoberfest de Santa Catarina, com uma caneca de cerveja na mão) protocolar, deslocada de seu contexto celebratório”. Ele comenta:

> À flagrante desonestidade da foto, acrescenta-se a incompetência jornalística no que diz respeito à apuração e relato dos fatos. Em primeiro lugar, a nação não havia revelado nenhuma preocupação com qualquer suposto excesso alcoólico do presidente da República. Em segundo, ao relatar as insinuações de figuras públicas (em técnica de jornal, diz-se "fonte de segundo grau", do ponto de vista do repórter), a matéria deveria ter informado que se tratavam de adversários notórios do presidente, o que daria ao público receptor a liberdade de interpretar o eventual viés malicioso das declarações. (SODRÉ, 2004).

Dona Marisa cita Dirceu em sua fala e aqui se pode inferir que ela se refere ao ex-ministro da Casa Civil, companheiro de partido e amigo pessoal de Lula, José Dirceu. Repetindo um recurso já observado na charge publicada em 6 de junho de 2007, que enfoca a participação de Lula na reunião do G-8 na Alemanha, o chargista sugere uma associação de Lula a políticos acusados de corrupção – Zé Dirceu teve o mandato de deputado cassado e foi indiciado no inquérito do mensalão.

Nesta charge fica bem representada a heterogeneidade discursiva que se aproxima dos conceitos de interdiscurso e de pré-construído: sentidos pré-existentes que estão na sustentação do atual sentido sobre o qual o texto é produzido, um conjunto de já-ditos da política e da imprensa que sustenta o dizer de Cao Hering.

Esta postura do autor da charge confirma a teoria de Authier-Revuz (1990, p. 28) de que todo dizer é um já dito e o sujeito não tem domínio do seu dizer, pois não é livre para exercer suas escolhas, mas conduzido pela realidade que o antecede.

Edição de sábado e domingo 17 e 18 de novembro de 2007
Tema: Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau

A charge publicada nessa data pelo *Santa* mostra a comitiva presidencial motorizada a caminho do local onde acontece o Encontro Brasil-Alemanha. A escolta é formada por dois homens de motocicleta, que seguem à frente do carro oficial que transporta Lula e de um comboio de automóveis que vem logo em seguida. Há uma bifurcação na estrada com duas placas de sinalização (setas): uma, à esquerda (direção dos veículos na charge), traz escrito em letras maiúsculas a indicação Encontro Brasil-Alemanha; outra, à direita, indica o *Biergarten*. Os motociclistas tomam o rumo da esquerda e o automóvel do presidente desvia para a direita.

Figura 20 – Charge publicada na edição de 17 e 18 de novembro de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

A interpretação desta charge começa com um esclarecimento acerca da palavra *Biergarten*: expressão alemã que significa jardim da cerveja (*bier*=cerveja + *garten*=jardim) e se refere a cervejarias ao ar livre, muito comuns na Alemanha. O *Biergarten* de Blumenau, inaugurado em 24 de setembro de 1996, é uma mini-cervejaria na Praça Hercílio Luz, com vista panorâmica da curva do Rio Itajaí-Açu. Na mesma praça localiza-se o Museu da Cerveja, que tem características de uma fábrica antiga da época da colonização e integra-se à técnica construtiva enxaimel, estilo de arquitetura colonial alemã presente em toda a cidade.

Mas não foi neste local que aconteceu o Encontro Brasil-Alemanha, desenvolvido de 18 a 20 de novembro. O evento, organizado pela Confederação

Nacional da Indústria (CNI) e a sua congênere alemã, a *Bundesverband der Deutchen Industries* (BDI), foi realizado no Parque Vila Germânica, que abriga a Oktoberfest.

O presidente Lula participou da abertura na segunda-feira (19 de novembro). Falou sobre oportunidades de negócios no Brasil e sobre as ações e obras do governo previstas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Ao lado do ministro alemão da Economia e Tecnologia, Michael Glos, acompanhou painel de debates sobre cooperação tecnológica e inovação, tema principal do encontro.

Matérias publicadas pela imprensa brasileira, incluindo o JSC e outros jornais de Santa Catarina, em dias anteriores à abertura do evento – ele foi objeto de matérias jornalísticas durante toda a semana que antecedeu a abertura – declaravam que, com o objetivo de estreitar as relações comerciais entre os dois países, a edição de 2007 do encontro seria a maior da história. Segundo o Centro Cultural Brasil-Alemanha (2008), o programa, realizado anualmente desde 1982 (em 2006 ocorreu em Berlim), deveria contar com um público de 1,3 mil empresários e autoridades, sendo 250 empresários alemães de diversos setores.

O Globo (2007b) salientava que a Alemanha é a maior potência econômica da Europa, com um Produto Interno Bruto de aproximadamente US$ 3 trilhões, e o quinto maior parceiro comercial do Brasil, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, Argentina, China e Países Baixos. Com base em dados fornecidos pelo governo federal, O Globo (2007c), assim como muitos veículos de comunicação social do país, destacava que de janeiro a outubro de 2007, as exportações brasileiras para o mercado alemão totalizaram US$ 5,8 bilhões, com aumento de 24,4% sobre o mesmo período do ano anterior. No mesmo período, as importações brasileiras do mercado alemão somaram US$ 7,1 bilhões, 29% a mais. Em 2006 o comércio bilateral atingiu US$ 12,2 bilhões.

Os números, enfatizados nas notícias veiculadas pela impressa, davam uma noção da importância do Encontro, que ganhou espaço em notícias vinculadas às editorias de Política e Economia. Blumenau virou vitrine nacional e internacional do debate das relações e do comércio entre Brasil e Alemanha.

A charge de Cao Hering insinua que, apesar da grande importância econômica e política atribuída ao Encontro Brasil-Alemanha, o presidente brasileiro

estava mais interessado nos atrativos do *Biergarten*, ou seja, na bebida servida pela mini-cervejaria. No desenho, os traços indicativos de movimento atrás do carro presidencial conotam uma virada rápida para a direita, num desvio proposital da rota do evento, a fim de tomar o rumo do *Biergarten*.

Num olhar atento à caricatura dentro do automóvel, observam-se sinais (um sorriso alegre) de uma certa animação no rosto de Lula, diferentemente do que se verificou na charge do dia 8 de novembro, quando o personagem aparenta estar insatisfeito, ou melhor, decepcionado. Mais uma vez, o chargista explora o humor e ironiza a imagem de Lula como consumidor de bebidas alcoólicas.

Edição de terça-feira 20 de novembro de 2007
Tema: Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau (SC)

A charge do dia 20 de novembro mostra Lula em contato com ministro da Economia e Tecnologia da Alemanha, Michael Glos. Vestido de terno e com um chapéu típico que o caracteriza como alemão, o personagem aparece apontando um barril de petróleo e dizendo: “Nain! Nón themos interrése no alcohol do Brasil... O senhor que gosta tanto dele, devia saber que o petroleum é muito mais envelhecido...”

Figura 21 – Charge publicada na edição de 20 de novembro de 2007
Fonte: Jornal de Santa Catarina (2007)

Em 20 novembro, dia de encerramento do Encontro Brasil-Alemanha, novamente Cao Hering traz para a página 3 do *Santa* uma charge sobre este tema. E mais uma vez o evento ganhou destaque na imprensa nacional, que repercutiu os resultados da promoção, destacando a possibilidade de novos negócios e investimentos entre os dois países.

Numa leitura dos textos jornalísticos publicados na época, observa-se que o uso de biocombustíveis entrou na pauta de discussões do Encontro Empresarial Brasil-Alemanha, que teve como tema: “Inovação e cooperação tecnológica: fortalecimento da competitividade internacional”, como mostram matérias publicadas pela Agência Brasil (2007h) e pelo JB Online (2007).

Wilhelm (2008), em matéria publicada na Magazine-Deutschland, sublinha que a produção do biocombustível etanol, o Brasil está à frente; é hoje o maior fornecedor mundial do álcool obtido a partir do açúcar, que pode ser utilizado tanto para movimentar motores quanto na petroquímica, no ramo de cosméticos e na indústria de bebidas. Em contrapartida, a Alemanha lidera quando se trata da tecnologia de motores. Vem daí o empenho dos dois países em estabelecer processos de cooperação na produção e utilização de biocombustíveis.

O ponto fraco do mundo móvel é a dependência do petróleo, recurso esgotável e, portanto, escasso, o que faz os preços subirem quando a demanda aumenta. Além disso, a queima do combustível fóssil em veículos castiga o meio ambiente, enquanto o uso de biocombustíveis resulta em emissões extremamente reduzidas de dióxido de carbono. Por causa destes fatores, segundo o ministro Glos (*apud* WILHELM, 2008), a União Européia quer substituir 20% de seu consumo de combustíveis fósseis por biocombustíveis até 2020.

Luciana Collet (2006), correspondente da Gazeta Mercantil, destaca que quanto ao preço, o etanol brasileiro não tem concorrente e este é um dos argumentos explorados pelo governo Lula a fim de conquistar a cooperação da Alemanha para expandir o mercado mundial de álcool. Mas a indústria automobilística alemã pondera que o combustível viria ou de um único fornecedor além-mar, o Brasil, ou seria produzido a partir de alimentos com baixo teor de dióxido de carbono, concorrendo com o abastecimento da população. Por isso, as grandes companhias alemãs do setor ainda têm reservas sobre a ampliação do mercado de etanol à base destas fontes.

A jornalista, que participou em 2006 do Encontro Brasil-Alemanha em Berlim, a convite da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, comenta que os alemães parecem temer uma troca de dependência: a do Oriente Médio pela do Brasil. Eles têm dúvidas se a produção seria suficiente para atender ao mercado, se o preço não se inviabilizaria com uma eventual queda na produção do petróleo e se, afinal, não resultaria em uma nova dependência energética para a Alemanha, numa espécie de migração do Oriente Médio, produtor de combustível fóssil, para o Brasil, produtor de biomassa.

Tais argumentos são resumidos pelo chargista Cao na fala de Glos: “Nain! Nón themos interrése no alcohol do Brasil...” (Não! Não temos interesse no álcool do Brasil...), apesar de nenhuma declaração do ministro ter sido tão incisiva durante o encontro. Diante de um presidente aparentemente atordoado com o discurso de seu interlocutor, o representante do governo alemão ironiza: “O senhor que gosta tanto dele, devia saber que o petroleum é muito mais envelhecido...”.

Na charge, Lula ouve o ministro Glos, num silêncio acompanhado por uma expressão facial que denuncia ao mesmo tempo surpresa e desagrado. Eis aí outra forma de se trabalhar o não-dito: o silêncio, colocado não como falta, mas como “horizonte, iminência de sentido, um lugar de recuo necessário para que o sentido faça sentido”, segundo Orlandi (2002b, p. 83). A autora salienta que entre o dizer e o não-dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move.

A caricatura de Lula é ainda marcada por um sinal gráfico (acima da cabeça) que insinua certo estranhamento. Era o detalhe artístico que faltava para compor um quadro que ajuda a cristalizar a imagem de um presidente meio atônito, quase de ressaca, silencioso. Entenda-se que este silêncio, como diz Orlandi (1997, p. 70), “não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa”.

O chargista explora a possibilidade de interpretação em duplo sentido da frase “O senhor que gosta tanto dele [do álcool], devia saber que o petroleum é muito mais envelhecido...”. Pode-se entender que Michael Glos se refere ao fato de Lula ser um grande incentivador do uso de biocombustíveis, uma experiência bastante nova quando comparada à exploração de reservas de petróleo que é um dos mais antigos e tradicionais combustíveis do mundo. Por resultar da decomposição de material fóssil, o petróleo leva séculos para ser produzido,

portanto, é “muito mais envelhecido” que o etanol, cuja produção acontece em poucos dias, desde a colheita da cana-de-açúcar até a industrialização.

Numa perspectiva comercial, o comentário do ministro alemão comporta a idéia de que os acordos de fornecimento de óleo com o Oriente Médio, mesmo impondo dependência aos países importadores, são bem mais antigos que contratos que venham porventura a ser firmados com o Brasil para exportação do álcool combustível. Apesar das vantagens do etanol apregoadas pelo governo brasileiro, por que trocar o certo pelo duvidoso?

Analisado na perspectiva das representações (pré-construídos) de Lula feitas anteriormente pela imprensa, o comentário de Glos pode assumir um sentido completamente diferente: o presidente brasileiro gosta de álcool, notadamente o etílico (etanol), ingrediente principal dos biocombustíveis e de bebidas destiladas. O termo “envelhecido” leva à noção de “envelhecimento” como parte do processo de produção de bebidas alcoólicas, como o whisky e a cachaça, geralmente envelhecidas em tonéis de madeira.

Há que se considerar que tanto esta charge como as duas anteriormente analisadas, que apresentam o mesmo tema, foram publicadas no período de realização do Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau, município que é também endereço na matriz do Jornal de Santa Catarina e para o qual é destinada grande parte dos exemplares que circulam diariamente pelo Estado. É de se supor que essas edições do *Santa* circularam pelo Parque Vila Germânica entre os dias 18 e 20 de novembro e que, portanto, as charges foram visualizadas por empresários e políticos participantes do evento.

Seria ingenuidade pensar que a direção do jornal, os editores e o chargista não previram essa situação, para não dizer que eles sabiam que o material provocaria certo impacto entre o público-leitor. Haveria então o propósito de “vender” a imagem de um presidente mais interessado em beber do que em negociar o álcool etílico produzido no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história da charge, arte e política sempre caminharam juntas, estabelecendo uma forte relação com o jornalismo. Como espaço significante, o discurso chargístico traz, na sua constituição, marcas de heterogeneidade como o implícito, o silêncio e a ironia, possibilitando novas conexões entre história e linguagem e multiplicando as perspectivas de leitura e ressignificação.

O humor contido na charge muitas vezes mascara a intenção ideológica com o estímulo ao riso. Ao proporcionar uma releitura das notícias, ao mesmo tempo em que sugere, a charge esconde significados, constituindo-se como um discurso polifônico e dialógico. Nele, a memória discursiva restabelece elementos pré-construídos, trazendo consigo um percurso de leitura já inscrito discursivamente em outro lugar.

É neste jogo de sentidos que o discurso chargístico se constrói como um mosaico de já-ditos, de diferentes perspectivas e visões de mundo, como uma trama tecida a partir de inscrições históricas, sociais e ideológicas que reclamam novos significados.

Como se pode observar na análise apresentada nesta dissertação, os sentidos produzidos no interior das charges são representações do mundo, envolvem a interpretação de acontecimentos que podem estar filiados a diferentes formações discursivas. Nesta perspectiva, o chargista não está livre para escolher deliberadamente, numa determinada situação, o que falar, pois o seu dizer estará sendo afetado pelo interdiscurso, ou seja, pelos sentidos pré-existentes que estão na sustentação do atual sentido sobre o qual a charge é produzida.

Constata-se que, ao produzir os discursos chargísticos que são publicados no Jornal de Santa Catarina, Cao Hering o faz com base em muitos outros discursos com os quais se depara, estabelecendo ligações com o que Barthes (1992, p. 39) chama de um “mundo de significados sempre em expansão”.

Para elaborar suas charges, Cao costuma buscar elementos em textos publicados pelo Jornal de Santa Catarina e por outros veículos de comunicação social, num processo que envolve o dialogismo e a interdiscursividade. É neste movimento que o sujeito-autor deixa de ser origem absoluta do seu discurso para ser

entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído.

Costurado pelo viés de um humor irreverente, crítico, aparentemente inofensivo, o discurso chargístico absorve e reflete valores, experiências, fraquezas, grandezas e misérias, enfim, conflitos marcadamente sociais. Assim, revela-se poderoso instrumento de reflexão e crítica social.

Para compreender os significados contidos em uma charge, a partir do entendimento de que os discursos nunca são neutros, é preciso desenvolver uma atividade de leitura que englobe o processo de sua produção e circulação. Isto considerando a existência de um diálogo e de uma relação interdiscursiva entre o discurso chargístico e outros discursos anteriores – notadamente os políticos e os jornalísticos – e posteriores, incluídas aqui as reações dos leitores.

Cabe salientar que essa pluralidade de vozes, que estabelece um efeito de sentido de veracidade e ostenta o efeito de objetividade do discurso chargístico associado ao discurso jornalístico, é permeada por determinadas formações discursivas que materializam uma formação ideológica.

No discurso artístico do chargista, estão fortemente imbricados o discurso jornalístico e o discurso político – e os três são portadores de memória, de pré-construídos que se insinuam para produzir sentidos. Pelo menos é isso que se constata ao observar que o Jornal de Santa Catarina divulga, por meio das charges de Cao Hering, mais que uma inocente caricatura de Lula, não somente uma despretensiosa e bem-humorada representação do presidente brasileiro em situações embaraçosas.

Percebe-se isto nas charges de Cao Hering, nas quais a figura política de Luiz Inácio Lula da Silva é invariavelmente colocada como alvo de ironia e gozação. A ironia parece servir de pretexto e pano de fundo para realçar a imagem de um político atordoado diante de circunstâncias constrangedoras, um personagem embriagado por uma suposta conduta que o condena e o ridiculariza.

Acontece que o *Santa*, declara o editor-chefe Edgar Gonçalves, “adota uma linha editorial marcada pela pluralidade ideológica” e publica “conteúdos de todas as orientações e tendências”. Mas o fato é que, no que diz respeito ao material chargístico, a ideologia do jornal fica bem marcada pela crítica contundente a Lula. Se “o *Santa* não tem posicionamento político”, como afirma o editor-chefe, isso por certo não inclui as charges de Cao Hering.

Segundo Gonçalves, raramente o jornal de depara com dilemas de natureza ética, como calúnia, por exemplo, na charge. Ele diz que quando há debate entre chefia de redação e chargista, “em 99% dos casos é porque não achamos graça mesmo. Aí propomos uma melhoria. Felizmente, nosso chargista é um craque e está sempre inspirado”. Esta declaração atesta que o *Santa* coloca em discussão os diferentes aspectos das charges e as aprova – ou sugere alterações – antes de serem publicadas, concordando, assim, com todo o discurso explítico e implícito explorado pelo chargista.

Um aspecto que merece ser apreciado é que as charges são colocadas invariavelmente na página 3, um espaço nobre do jornal reservado ao material de opinião. Ocupam duas colunas no centro e na parte superior da página, ao lado da *Opinião do Santa*. Aparecem geralmente como editorial gráfico, portanto, expressam a opinião do jornal, da direção ou da equipe de redação.

Interessa sublinhar que a neutralidade do discurso é uma ilusão, uma vez que ele envolve o histórico e o ideológico. E Orlandi (1987, p. 13) mostra esta posição quando afirma que “numa realidade social e histórica como a nossa, em que se é obrigado a reconhecer que sempre se ocupam determinadas posições (e não outras) no conflito constitutivo das relações sociais, não se pode fazê-lo neutramente”.

Há que se considerar que o chargista não apenas informa, mas também opina sobre um tema. Neste movimento, a charge se desprende da função de apenas ilustrar o cotidiano, tornando-se um ataque a personagens e fatos políticos. Como afirma Mariani (2001, p. 35), “sob a alegação de estar informando, o jornal permanece opinativo e interpretativo, constituindo sentidos, produzindo histórias”.

O discurso chargístico situa-se, portanto, num campo onde brotam instigantes questões para pesquisa e onde se instaura uma diversidade de material simbólico que estimula análises discursivas. Toda leitura é uma interpretação diferente das já feitas e de tantas outras que podem vir a ser desenvolvidas com o objetivo de compreender o funcionamento da linguagem.

Considero cumprido meu objetivo de compreender como a formação discursiva de charges se constitui na relação com o interdiscurso – que significa os saberes constituídos na memória do dizer, saberes pré-construídos, sentidos do que é dizível e circula na sociedade, a partir da noção de interdiscursividade referida em Michel Pêcheux e nos conceitos de polifonia e dialogismo propostos por Mikhail Bakhtin.

É vislumbrando algumas interessantes possibilidades que sugiro, como tema a ser trabalhado na perspectiva da Análise do Discurso, as formas de recepção dos discursos jornalísticos com ênfase para as charges. Entendo que os estudos nesta área podem se ampliar, buscando observar e compreender as reações do leitor, ou seja, as leituras de charges feitas pelo público que lê jornais.

Afinal, tudo já foi dito ou escrito, mas toda esta memória do dizer ou recortes dela se inscrevem num cosmo de múltiplas possibilidades de interpretação, de sentidos pré-construídos em constante diálogo e imbricação, um mutável e agitado universo prenhe de significados.

Nossas palavras estão infinitamente em percurso e como a personagem Jaques da comédia de Shakespeare, somos, todos nós, atores em cena desempenhando diferentes papéis, sujeitos históricos que se movem e produzem sentidos num mundo a significar.

REFERÊNCIAS BIOBLIOGRÁFICAS

ABERT – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.
1ª Edição – Decreto limitará publicidade de cerveja na TV (23 maio 2007). Disponível em: <http://www.abert.org.br/D_mostra_clipping.cfm?noticia=105318>. Acesso em: 11 mar. 2008.

ABRAMET – Associação Brasileira de Medicina de Tráfego. Decreto de Lula endurece conceito de bebida alcoólica. Fonte 1ª Hora (23 maio 2007). Disponível em: <www.abramet.org/informacoes/noticiasVer.asp?id=294>. Acesso: 19 fev. 2008.

ADGHIRNI, Zélia leal. Quando a charge mata. Mídia&Política – Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (Nemp) da Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: <http://www.midiaepolitica.unb.br/visualizar.php?id=56&autor=Z%C3%A9lia%20Leal%20Adghirni>. 10 maio 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Cerimônia dos Jogos Pan-Americanos vai destacar diversidade. (13 julho 2007f). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/07/13/materia.2007-07-13.0857677634/view>. Acesso em: 22 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Encontro Brasil-Alemanha termina hoje com expectativa de aumento nos negócios. (20 nov. 2007h). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/11/20/materia.2007-11-20.8528570093/view>. Acesso em: 24 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Leia a íntegra do programa Café com o Presidente (25 junho 2007d). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/25/materia.2007-06-25.6261373089/view>. Acesso em: 23 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Lula afirma que Brasil sara exemplo durante a Copa, quando será apenas torcedor. (30 outubro 2007g). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/10/30/materia.2007-10-30.6081430700/view>. Acesso em: 23 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Lula diz na Índia que não acredita no envolvimento do irmão com jogos de azar. (06 maio 2007c). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/05/materia.2007-06-05.1102519286/view>. Acesso em: 24 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Operação Xeque-Mate prende 77 acusados de tráfico de drogas e jogos ilegais. (4 junho 2007b). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/06/04/materia.2007-06-04.9562600013/view>. Acesso em: 24 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Publicada política de enfrentamento ao consumo prejudicial de bebidas alcoólicas. (23 maio 2007a). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/23/materia.2007-05-23.2597539493/view>. Acesso em: 23 mar. 2008.

AGÊNCIA BRASIL. Waldir Pires sai do Ministério da Defesa e Nelson Jobim assume. (25 julho 2007e). Disponível em: <www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/07/25/materia.2007-07-25.6492142565/view>. Acesso em: 23 mar. 2007.

AGÊNCIA ESTADO. “País não é governado por um alcoólatra", diz Lula. In: Cento de Mídia Independente – CMI Brasil (15 maio 2004). Disponível em: <www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/05/280128.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2008.

AGÊNCIA FOLHA. Protestos contra Bush reúnem 23 mil pessoas em todo o país. In: Folha Online (8 março 2007). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90128.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2008.

AGÊNCIA O GLOBO. Aeroportuários prometem greve às vésperas dos Jogos Pan-Americanos. (05 julho 2007). O GLOBO ONLINE. Disponível em: <oglobo.globo.com/economia/mat/2007/07/05/296646967.asp>. Acesso em: 16 abr. 2008.

AGOSTINHO, Aucione T. A charge. São Paulo: ECA/USP, 1993. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. 330 p.

AGUSTINI, Carmén Lúcia Hernandes. Dobras interdiscursivas: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos. **Sínteses**, Campinas, SP, Unicamp, v. 5, p. 9-17, 2000.

ALCÂNTARA, Norma S.; CHAPARRO, Manual Carlos; GARCIA, Wilson. **Imprensa na berlinda**: a fonte pergunta. São Paulo: Celebris, 2005.

ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Presença, 1980.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ASSIS, DIEGO. Termos charge e caricatura têm interpretações distintas na história. Folha de S. Paulo. 22 ago. 2004. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u46871.shtml>. Acesso em: 27 fev. 2008.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

AUTHIER- REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, n. 19, p. 25-42, jul./dez 1990.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARTHES, Roland. ***S/Z***. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BBC BRASIL. Empresa alemã criticada por Fidel (02 agosto 2007). Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/08/070802_cuba_atletas_dg.shtml>. Acesso em: 2008b.

BBC BRASIL. WASSERMANN, Rogério (Enviado especial a Berlim) Encontro do G8 Lula leva etanol e Doha para agenda dos países ricos. BBC BRASIL (07 junho 2007). Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070607_g8_lula_cg.shtml>. Acesso em: 2008a.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1992.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. Palmas/União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

BORGES, Rosane da Silva. O já-dito e o não-dito: o papel da imprensa no debate sobre as cotas. In: SILVA, Cidinha da (Org.). **Ações afirmativas em educação**: experiências brasileiras. São Paulo: Summus, 2003.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

CASTRO, Maria Lília Dias de. “A dialogia e os efeitos de sentido irônicos”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: UNICAMP, 2005. p. 119-128.

CAVALCANTI, Lailson de Holanda. **Historia del humor gráfico en el Brasil**. Espanha: Universidad de Alcalá de Henares; Editorial Milenio, 2005.

CAVALCANTI, Lailson de Holanda. HUMOR WORLD. Site oficial do cartunista Lailson de Holanda Cavalcanti. Disponível em: <http://www.lailson.com.br/fihq6hist01.htm>. Acesso em: 20 fev. 2008.

CAVALCANTI, Lailson de Holanda. No princípio era O Carcundão: a polêmica em torno da primeira manifestação do humor gráfico na imprensa brasileira. **Revista Continente Multicultural**, 75. ed. mar. 2007. (capa).

CENTRO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA – CCBA. Encontro Brasil-Alemanha em Blumenau. Disponível em: <www.ccba.com.br/asp/texto.asp?idtexto=73>. Acesso em: 11 fev. 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalismo independente. **Observatório da Imprensa**. Matérias 01 de julho de 2003. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp010720034.htm>. Acesso em: 11 mar. 2008. Não paginado.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalismo na fonte. In: DIMES, Alberto; MAURIN, Mauro (Org.) **Jornalismo brasileiro**: no caminho das transformações. Brasília: Banco do Brasil, 1996, p. 132-154.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalistas são socializadores do conhecimento. Entrevista à Agência Sergipe de Notícias. 24 nov. 2007. Disponível em: <www.agencia.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=4622>. Acesso em: 24 abr. 2008. Não paginado.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**? São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COLLET, Luciana – Gazeta Mercantil. Alemão desconfia do álcool brasileiro. Instituto Paranaense de Relações Internacionais. 12 jul. 2006. Disponível em: <www.inpri.com.br/noticias_ver.php?id=583 - 12k>. Não paginado.

CORDEIRO, Mário. Belmonte, o gladiador do riso. Palestra publicada na Folha da Manhã. Bando de Dados Folha – Acervo de Jornais. 11 maio 1947. Disponível em: <almanaque.folha.uol.com.br/belmonte10.htm>. Acesso: 15 mar. 2008. Não paginado.

CORREIO BRAZILIENSE. Comércio exterior – Reunião informal sobre juros (01 junho 2007). Disponível em: <ww2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030601/pri_pol_010603_224.htm>. Acesso em: 3 mar. 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político:** as derivas da fala pública. Tradução Nilton Milanez e Carlos Piovezan Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DEFESANET. Mudança na Caserna: Jobim, que será o novo ministro da Defesa, se reúne com Lula para discutir crise aérea (25 julho 2007). Disponível em: <www.defesanet.com.br/zz/md_cmd_20.htm>. Acesso em: 2 abr. 2008.

DICIONÁRIO MICHAELIS – UOL. UOL – Michaelis. Expressões latinas e de outras línguas estrangeiras. Non plus ultra. Disponível em: <www2.uol.com.br/michaelis/expressoes.htm>. Acesso em: 12 mar. 2008.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes: 1987.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1972.

ERICKSON, Frederick; SCHULTZ, Jeffrey. O quando de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolingüística interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

FAÏTA, Daniel. A noção de “gênero discursivo” em **Bakhtin: uma mudança de paradigma**. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 159-177.

FERNANDES, Millôr. O último refúgio do oprimido é a ironia. Disponível em: <www.pensador.info/frase/MTEyODQ>. Acesso em: 10 mar. 2008.

FERREIRA, Renato Luis Bueloni. Lula sabia da batida na casa de Vavá. 07 jun. 2008. Disponível em: <visaoaolonge.blogspot.com>. Acesso em: 10 abr. 2008.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.

FOLHA ONLINE. ALENCAR, Kennedy. Participação no G8 é grande aposta de Lula. (06 jun. 2007b). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/brasiliaonline/ult2307u302307.shtml>. Acesso em: 23 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Caricatura da cantora Cássia Eller. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/galeria/album/i_salao_humor_2002.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Chávez lidera ato contra Bush na Argentina (08 mar. 2007a). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u105293.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Governo adia anúncio de medidas contra o caos aéreo nas férias. (28 nov. 2007h). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u349400.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Justiça e PF se contradizem sobre aviso da operação a Lula (6 jun. 2007d). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302624.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Lula autoriza Aeronáutica a prender "sabotadores" (22 jun. 2007g). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u306391.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Lula endurece e exige que Aeronáutica “ponha ordem na casa” (25 jun. 2007f). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u306916.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Lula soube na véspera sobre ação na casa do irmão (5 jun. 2007e). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302215.shtml>. Acesso em: 16 fev. 2008.

FOLHA ONLINE. Oposição cobra apuração e base defende Vavá; Lula crê em inocência do irmão. (5 jun. 2007c). Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u302174.shtml>. 15 fev. 2008.

FONSECA, J. **Caricatura:** a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

FURLANETTO, Maria Marta. **Proposta curricular de Santa Catarina:** revisão e perspectivas para o estudo de gêneros. 2002.

FURLANETTO, Maria Marta. Argumentação e subjetividade no gênero: o papel dos *topoi*. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, volume 6, número 3, set./dez. 2006. Disponível em: <www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/10%20art%208%20(furlanetto)>. Acesso em: 11 abr. 2008. Não paginado.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível:** o discurso na história da lingüística. Campinas: Pontes, 2004.

GALLO, Solange Leda. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, Editora da Unisul, v. 1, n. 2, p. 61-70, jan./jun. 2001.

GAZETA ESPORTIVA NET. Jogos Pan-americanos/Bastidores.
Boato de deserção obriga delegação de Cuba a deixar o Rio. (28 julho 2007). Disponível em: <www.gazetaesportiva.net/**panamericano**/2007/notas.php?id_nota=5084>. Acesso em: 20 fev. 2008.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002. p.244-70.

GLOBO ESPORTE. Das agências de notícias em Havana. Fidel acusa pugilistas de traição por dinheiro. (24 julho 2007). Disponível em: <pan2007.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL76140-3862,00.html>. Acesso em: 12 mar. 2008.

GLOBO ONLINE. “O maestro sou eu”, diz ministro Nelson Jobim. (26 julho 2007b). Disponível em: <g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL77790-5601,00.html>. Acesso em: 15 mar. 2008.

GLOBO ONLINE. Bush evita polemizar sobre Hugo Chávez (09 março 2007a). Disponível em: <oglobo.globo.com/mundo/mat/2007/03/09/294864592.asp>. Acesso em: 16 mar. 2008.

GOMBRICH, E. H. "O arsenal do caricaturista", In: _____. **Meditações sobre um Cavalinho de Pau e outros ensaios sobre a Teoria da Arte**. São Paulo: Edusp, 1999, p.127-142.

GONDAR, Jô. Memória, poder e resistência. In: GONDAR, J.; BARRENECHEA, M. A. **Memória e espaço**: trilhas do contemporâneo. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2003.

IGLECIAS, Wagner. FHC, Lula e o português. Entrelinhas. (24. nov. 2007). Disponível em: <blogentrelinhas.blogspot.com/2007/11/ -fhc-lula-e-o-portugus.html>. Acesso em: 13 abr. 2008.

JB ONLINE. Encontro intensifica relação Brasil-Alemanha. (20 nov. 2007). Disponível em: <jbonline.terra.com.br/extra/2007/11/20/e20111929.html>. Acesso em: 18 abr. 2008.

JC ONLINE. Aeronáutica afasta 14 líderes dos controladores de vôo. (22 junho 2007a). Disponível em: <jc.uol.com.br/2007/06/22/not_142478.php>. Acesso em: 3 mar. 2008.

JC ONLINE. Ministro diz que vaias a Lula foram orquestradas. (14 julho 2007b). Disponível em: <jc.uol.com.br/2007/07/14/not_144303.php>. 11 abr. 2008.

JORNAL A VERDADE. Rebeldia de sargentos da Aeronáutica é justa e legítima. Disponível em: <www.averdade.org.br/ler.php?secao=0&nota=7>. Acesso em: 10 abr. 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica:** ética no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

LACAN, Jacques . O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Livro 11. 2. ed. Versão M. D. Magno. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LANDOWSKI, Eric. Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges. **Face**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 64-95, jul./dez. 1995.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 4 V.

MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). **Análise do discurso:** fundamentos e práticas. Belo Horizonte: UFMG/NAD, 2001.

MARIANI, Bethânia. Discurso e instituição: a Imprensa. **Rua**, Campinas, SP, n. 5, p. 47-61, 1999.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa**: as conquistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Campinas: Editora da Unicamp; Revan, 1998.

MARIANI, Bethânia. Os primórdios da imprensa no Brasil (Ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

MARINGONI, Gilberto. Humor na charge política no jornal. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, Moderna, USP, n. 7, 1996.

MARTINS, Aretha; ALVES, Nara. Cerimônia de abertura do Pan é marcada por muito samba e energia no Maracanã. ÚLTIMO SEGUNDO. (13 julho 2007). Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/esportes/pan2007_/2007/07/13/cerimonia_de_abertura_do_pan_e_marcada_por_muito_samba_e_energia_no_maracana_922021.html>. Acesso em: 2 mar. 2008.

MARTINS, F. M. “O que pode e deve ser dito no discurso de divulgação de ciência: Nós precisamos da incerteza, é o único modo de continuar”. In: SEAD, 3., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach**). São Paulo: Hucitec, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento**? Conferência feita nos cursos da Arrábida – Universidade de Verão – setembro de 1997. Biblioteca online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Acesso em: 13 maio 2008. Não paginado.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEMÓRIA VIVA. O amigo da onça. Disponível em: <www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/amigo.htm>. Acesso em: 12 mar. 2008.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. (p.194-207).

MIANI, R. A. Iconografia e as transformações no mundo do trabalho. In: SEMINÁRIO DO TRABALHO, 2., Marília, 2002. **Resumos...** Marília, 2002.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 24., 2001, Campo Grande/MS. **Anais…**, Campo Grande/MS, set. 2001. Disponível em: <reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5090/1/NP16MIANI.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2008.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

MORETTI, Fernando. Artigos sobre quadrinhos: 1996 a 2000. São Bernardo do Campo, 12 maio 2004.

MUSSALIM, F. Análise de discurso. In: MUSSALIM, F.: BENTES, A.C. (Org.). **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2000.

MUTTI, R. O primado do outro sobre o mesmo... . In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1., Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 10-13. 1 CD-ROM.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. Do discurso artístico à percepção de diferentes processos discursivos. Texto apresentado no encontro da ANPOLL – PUC/SP, jul. 2006. Disponível em: <www.cni.unc.br/artes/discurso_artistico.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2008. Não paginado.

NERY, Laura. Charge: cartilha do mundo imediato. **Revista Semear**, PUC/Rio. Disponível em: <www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/7Sem_10.html>. Acesso em: 23 fev. 2008. Não paginado.

NOGUEIRA, Andréa de Araújo. A charge: função social e paradigma cultural. Trabalho apresentado no Núcleo de História em Quadrinhos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 26., 2003, Belho Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 02 a 06 set. 2003.

O ESTADÃO. Jornalista que reproduziu caricaturas de Maomé condenado. 19 jan. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/internacional/not_int111815,0.htm>. Acesso em: 11 fev. 2008.

O GLOBO. Blumenau sedia encontro Brasil-Alemanha a partir de segunda (16 nov. 2007b). oglobo.globo.com/economia/mat/2007/11/16/327192231.asp>. Acesso em: 16 mar. 2008.

O GLOBO. Boxeadores cubanos que fugiram durante o Pan são presos. (02 julho 2007a). Disponível em: <oglobo.globo.com/esportes/mat/2007/08/02/297088514.asp>. Acesso em: 3 mar. 2008.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Mídia e política – “Prefiro cães a ladrões”. (29 ago. 2007). Disponível em: <observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=448ASP007>. Acesso em: 11 abr. 2008.

OLIVEIRA, Sara. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 9, n. 1, p.15-39, jan./jun. 2006.

ONDA ART. Assim falou Juca Pato. Disponível em: <www.onda.art.br>. Acesso em: 18 mar. 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formação e circulação de sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Os recursos do futuro: um outro discurso. **Revista MultiCiência**, Unicamp, 2008. Disponível em: <www.multiciencia.unicamp.br/art05.htm>. Acesso em: 15 mar. 2008. Não paginado.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 2003a.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003b, p. 10-13. 1 CD-ROM.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002a.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação:** autoria, leitura, efeitos sobre o trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes: 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Língua e conhecimento lingüístico**: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortês Editora, 2002b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993. p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas/São Paulo: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Remontemos de Foucault a Spinoza**. Trad. Brasileira de GREGOLIN, M. R, mimeo, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: uma nova retórica. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIMENTEL, Luís. Jornal da ABI – Associação Brasileira de Imprensa. Rio de Janeiro, edição extra, out. 2007.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à analise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Humor e guerra nas charges de Belmonte e J. Carlos. 2008. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/MARILDA%20LOPES%20PINHEIRO%20QUELUZ.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2008. Não paginado.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

REPÚBLICA VERMELHA. Vaia foi ensaiada um dia antes. (julho de 2007). Disponível em: <republicavermelha.blogspot.com/2007/07/blog-post.html - 205k>.

ROHTER, Larry. Hábito de beber de Lula se torna preocupação nacional. New York Times. (09 maio 2004). Disponível em: <www.culturabrasil.org/rohternytlulabebe.htm>. Acesso em: 20 mar. 2008. Não paginado.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia - um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá, PR: Eduem, 2000.

ROSSI, Clóvis. Folha de São Paulo. Com direito a bola e taça, Lula vira torcedor. 31 out. 2007. Disponível em: <www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe3.asp?ID_RESENHA=387826>. Acesso em: 10 abr. 2008.

SAUSURRE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. [S.l.]: Cultrix, 1995.

SCHIRMER, L. **RBS:** da voz-do-poste à multimídia. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SECRETARIA DE IMPRENSA DO PLANALTO. Entrevista do Presidente da República - Zurique-Suíça, 30 de outubro de 2007. (30 outubro 2007). Disponível em: <www.imprensa.planalto.gov.br/download/Entrevistas/pr412-2@.doc>. Acesso em: 19 mar. 2008.

SEIXAS, Lia. O que é jornalismo? É possível entender através dos gêneros. Entrevista com José Marques de Melo em 26 de abril de 2008. Disponível em:

<http://generos-jornalisticos.blogspot.com/2008/05/o-que-jornalismo-possvel-entender.html> Acesso em: 13 maio 2008. Não paginado.

SIDNEY, Isaías Edson. Quando todo mundo fala e ninguém tem razão. Os marimbondos (6 dez. 2007). Disponível em: <osmarimbondos.blogspot.com/2007/12/quando-todo-mundo-fala-e-ningum-tem.html>. Acesso em: 13 abr. 2008. Não paginado.

SODRÉ, Muniz. Lula e NY Times. Faltou um "despacho saneador". Observatório da Imprensa. (18 maio de 2004). Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=277IMQ007>. Não paginado.

SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O gênero charge como recurso para leitura e produção de texto na sala de aula. **Mathésis**, v. 5, n. 2 , p. 39-56, jul./dez. 2004.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de Souza. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua**, Campinas, SP, Unicamp, n. 7, p. 65-94, mar. 2001.

SOUZA, Pedro de. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. esp., p. 37-54, 2003.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa**. São Paulo: Ibep, 2004.

THE NEW YORK TIMES. Discussão sobre caricatura da Maomé continua.

TORRES, Fernando. Sobre censura e imperialismo. Canal da Imprensa. Disponível em: <www.canaldaimprensa.com.br/canalant/foco/trint2/foco2.htm>. Acesso em: 20 mar. 2008. Não paginado.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias". **Revista Comunicação e Linguagens**, Lisboa, Editora Vega, 1993.

VEJA ONLINE. Movimento vence sabotagem. (17 ago. 2007). Disponível em: <veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/08/movimento-vence-sabotagem-indita.html>. Acesso em: 10 fev. 2008.

VEJA ONLINE. Tarso no comando? Não. (5 jun. 2007a). Disponível em: <veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/06/tarso-no-comando-no.html>. Acesso em: 12 fev. 2008.

WEIS, Luiz.Os tragos de Lula e os medos da mídia. In: Observatório da Imprensa (11 maio 2004). Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=276IMQ002>. Acesso: 20 mar. 2008.

WIKIPÉDIA. História do Brasil – O Primeiro Reinado. Disponível em: <http://pt.wikibooks.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Brasil/O_Primeiro_Reinado>. Acesso em: 20 fev. 2008b.

WIKIPÉDIA. Honoré Daumier. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Honor%C3%A9_Daumier_-_Gargantua.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2008a.

WIKIPÉDIA. Manuel de Araújo Porto Alegre. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Araújo_Porto-alegre>. Acesso em: 10 mar. 2008d.

WIKIPÉDIA. Reis católicos. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Reis_Católicos>. Acesso em: 03 mar. 2008c.

WILHELM, Sybille. Alemanha e Brasil unem seus conhecimentos na tecnologia de combustíveis alternativos. Juntos pelo meio ambiente. Magazine-Deutschland. (28 jan. 2008). Disponível em: <www.magazine-deutschland.de/magazin/LA-Fuel_1-08_POR_P.php>. Acesso em: 03 fev. 2008.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista com Cao Hering

Entrevistadora: Cynthia Morgana Boos de Quadros
Entrevistado: Cao (Carlos) Hering
Data: 25 de março de 2008

1 – **Informações pessoais e profissionais**. **Quem é Cao Hering? Cronista, chargista.....**
Cao Hering – Formado na PUC de Porto Alegre em Comunicação Social. Fui sócio da Scriba e mais tarde fundei a própria agência, Direcional. Já dediquei 90% do meu tempo à publicidade e 10% às charges, as duas coisas sempre de alma. Consegui ser referência na profissão por uns anos e ganhei alguns prêmios. Tínhamos uma equipe talentosa e uma carteira de clientes respeitável. Durante um longo período dos anos 80/90 operamos com uma das maiores agências brasileiras, a DPZ de São Paulo. Foi uma época de muito aprendizado, contatos profissionais e pé-de-meia. E amizades principalmente, que duram até hoje. Atualmente o quadro está invertido: dedico somente 10% do meu tempo à publicidade. A coluna do caderno Viver! do Santa foi um gratificante experiência. Gosto cada vez mais de escrever. A charge já vai no piloto automático, o que muitas vezes é um perigo para a qualidade. Depois de trinta anos de traço é preciso ficar atento.

2 – **Envolvimento com arte e imprensa.**
Cao Hering – Paralelamente à publicidade sempre atuei na imprensa. Como estudante já participava com tiras e ilustrações no extinto jornal A Cidade. Assim que me formei fui ilustrador de matérias no Jornal de Santa Catarina. Também escrevia crônicas eventuais para o próprio jornal e outras publicações. A charge e a crônica com espaço fixo só aconteceram depois.

3 – **Quando começou a produzir charges para o JSC?**
Cao Hering – No final dos anos 70, sem página fixa. Às vezes eram charges, às vezes somente ilustrações. Fiquei afastado do jornalismo por um período nos anos 80. A partir da aquisição do jornal pela RBS, em meados dos anos 90, fui convidado para voltar a fazer charges, inicialmente semanais, no caderno de domingo. Depois passei para dias alternados e finalmente a sátira foi diária.

4 – **Critérios usados para produzir as charges.**
Cao Hering – A charge precisa ser obviamente atual, o assunto de ontem já não interessa. Há exceções. Eu gosto do traço solto, não muito preciso, com um pouco de escracho, que insinue movimento. Ter estilo próprio é importante, pra haver uma identificação, você precisa ter seu DNA nisso. A primeira providência do artista, eu aconselho, é desvencilhar-se dos ídolos, das influências, desenvolver um traço só seu. Esquecer Disney, Angeli e Ziraldo, sem deixar de admirá-los. E a ofensa pessoal deve ser evitada, assim como o mau gosto ou a apelação.

5 – **Como determina os temas?**
Cao Hering – Recebo uma pauta do jornal lá pelas 17:30h, escolho o assunto, ligo pra ver se não caiu a matéria e vou em frente. Muitas vezes ligo pros editores pra pedir ajuda com detalhes, dar um palpite a mais sobre a matéria, etc.

6 – **Quais os aspectos mais interessantes do gênero charge?**
Cao Hering – A caricatura em traços simples; as diversas expressões em traços simples; o ângulo inusitado de uma notícia, o lado engraçado ou ridículo que ninguém viu. A charge é boa quando é entendida por praticamente todas as classes sociais. A boa charge, como dizem, tem que ser universal. Eu nem sempre consigo isso...

ANEXO B – Histórico do Jornal de Santa Catarina

Dados fornecidos pela empresa em 25 de março de 2008

O Jornal de Santa Catarina (Santa) surgiu através da iniciativa dos empresários blumenauenses Wilson de Freitas Melro e Caetano Deeke de Figueiredo, nas antigas dependências de uma fábrica de chapéus, em Blumenau. Seu lançamento deu início a uma nova etapa no setor das comunicações em Santa Catarina, pois foi o primeiro jornal do Estado a ser impresso com equipamentos off-set.

O Jornal de Santa Catarina começa a circular em 22 de setembro de 1971, quase que simultaneamente às primeiras transmissões de televisão no Estado, a TV Coligadas. Na ocasião, foi o então governador de Santa Catarina, Colombo Machado Salles quem acionou a rotativa, dando início à impressão da primeira edição daquele novo jornal diário, em formato standard.

Prosseguindo com seu pioneirismo, o Santa iniciou uma rede de sucursais e correspondentes em todo o Estado e, para agilizar o processo de produção da notícia, foi implantada uma fotocopiadora por computador e, também, a transmissão de informações via teletipo e telefax, além de serviços de agências internacionais.

Após sucessivas crises, segundo Schirmer (2002, p. 112), o Jornal de Santa Catarina foi vendido, em 1992, para a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), grupo multimídia gaúcho, sediado em Porto Alegre e fundado por Maurício Sirotsky Sobrinho. O Grupo RBS já estava em Blumenau há mais de uma década com a RBS TV – antiga TV Coligadas, também comprada pelo Grupo – e a Rádio Atlântida.

A partir deste momento o Jornal Santa Catarina, que tinha uma proposta de abrangência estadual, volta-se editorial e comercialmente para a região dos Vales, formada por 65 municípios nos Alto e Médio Vales do Itajaí, Vale do Rio Tijucas, Vale do Itapocu e Litoral Centro-Norte Catarinense. O jornal foi todo informatizado e, dois anos depois, passa a circular em cadernos coloridos. Em 1996, ele passa a ser o primeiro jornal on line do Estado, podendo ser acompanhado, desde então, via internet.

Em 1997, modificações no projeto gráfico deram maior espaço para a região dos Vales e dois anos após, o Santa acompanha uma tendência mundial de jornais standard, ficando mais estreito. Em novembro de 2000, estréia a edição de fim de semana (sábado e domingo), a Revista do Santa – caderno de variedades – o Guia da Tevê e três novos cadernos temáticos – sobre empregos e carreiras, imóveis e veículos.

Em 2002, no mês de setembro, as estruturas comerciais do Santa e do Diário Catarinense – jornal sediado em Florianópolis, pertencente ao Grupo RBS – são unificadas. Com isto, as equipes comerciais dos dois jornais, incluindo as sucursais, passam a comercializá-los igualmente. Em maio de 2003, o Santa passa por uma nova modernização do projeto gráfico e editorial, dando-lhe mais páginas coloridas, mais notícias por página e novos colunistas.

Recentemente, em setembro de 2004, o Santa passou pela mais significativa mudança de sua história: deixou o formato standard e passou a circular em formato tablóide. Segundo o Departamento de Marketing do jornal, a mudança acompanha uma tendência mundial, que está sendo chamada de tabloidização. Vários jornais em todo mundo estão passando por este processo, que teve como precursor o jornal inglês The Independent. Outro forte motivo para a mudança foi uma pesquisa qualitativa realizada pelo Santa, que apontou a aprovação dos leitores ao formato tablóide. Além do formato, a pesquisa também indicou outras mudanças importantes de conteúdo, que já foram adotadas pelo jornal, juntamente com a mudança de formato.

ANEXO C – Entrevista com Edgar Gonçalves

Entrevistadora: Cynthia Morgana Boos de Quadros
Entrevistado: Edgar Gonçalves
Data: 25 de março de 2008

1 – Qual a linha editorial e o posicionamento político do Jornal de Santa Catarina?
Edgar – Como os demais jornais do Grupo RBS, o Santa adota uma linha editorial marcada pela pluralidade ideológica. Como um jornal que se propõe a ser o espelho da sociedade no Vale do Itajaí, publica em suas páginas conteúdos de todas as orientações e tendências. O Santa não tem posicionamento político. Zelamos pela independência do jornal sobre qualquer interesse político ou econômico. Geograficamente, prioriza as notícias de interesse regional.

2 – Quais as editorias?
Edgar – As editorias são: Opinião, Política, Economia, Geral, Segurança, Mundo, Esporte, Lazer, Cadernos Temáticos (Vida, Viagem, Sobre Rodas, Casa&Cia e Gastronomia), Fotografia e Diagramação/Arte.

3 – O jornal tem ou segue algum manual de redação?
Edgar – Temos um Manual de Redação e Estilo, que nasceu no jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Adaptações regionais foram feitas. E também seguimos o Guia de Ética, Qualidade e Responsabilidade Social do Grupo RBS. É um documento público com um conjunto de orientações éticas e editoriais seguidas por todos os colaboradores do Grupo.

4 – Desde quando publica charges?
Edgar – Seria necessária uma pesquisa aprofundada no Arquivo (está à disposição), mas creio que desde sempre. Desde que o jornal nasceu, em 22 de setembro de 1971.

5 – Há alguma orientação sobre produção e publicação de charges?
Edgar – Não há orientação para a charge, além do que é necessário para uma boa charge: crítica, humor, criatividade e profundidade. A liberdade temática é total. Todas as tardes o chargista (Cao) troca idéias com o editor executivo (Fabrício Cardoso) para conhecer o cardápio de pautas do dia seguinte. Com base nelas, faz a charge. A palavra “charge” vem do francês e significa “carga”, ou seja, colocar carga sobre determinado ponto da realidade para realçá-lo. Pertence ao gênero jornalístico interpretativo. A charge está totalmente ligada à visão jornalística do chargista. Os únicos limites para a charge são aqueles previstos no Guia de Ética: ética e respeito às leis. Uma charge não pode conter calúnia, por exemplo. Mas de modo geral raramente deparamos com dilemas dessa natureza na charge. Quando há debate entre chefia de redação e chargista, em 99% dos casos é porque não achamos graça mesmo. Aí propomos uma melhoria. Felizmente, nosso chargista é um craque e está sempre inspirado.

ANEXO D – Página 3 do JSC de 8 de março de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Igualdade

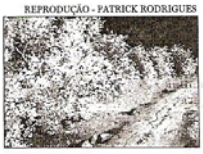
Em 1857, quando uma fábrica norte-americana foi incendiada com 129 mulheres dentro, motivando a criação do Dia Internacional da Mulher, Blumenau ainda lutava para prosperar. Passaram-se 150 anos, reduziram-se as diferenças de gênero e em todo o Vale do Itajaí mulheres foram protagonistas do crescimento da região. Na indústria – onde formam parcela considerável da mão-de-obra –, na administração de empresas e órgãos públicos, na solidariedade, na educação dos filhos ou em qualquer outra atividade, as mulheres participaram ativamente do desenvolvimento do Vale que conhecemos. Mas ainda não há igualdade em muitos ambientes. Mudar este quadro é responsabilidade delas, mas também deles. Uma sociedade igual – em todos os sentidos – é comprovadamente melhor para se viver.

Mobilização

O secretário de Estado da Educação, Paulo Bauer, visitaria o Colégio Pedro II hoje. Ex-diretores da instituição já convocavam pais, alunos e professores a acompanharem a visita.

No fim da tarde, Bauer adiou o compromisso, alegando problemas com a agenda.

REPRODUÇÃO - PATRICK RODRIGUES



A foto de Artur Moser, capa do **Santa** de 28 de fevereiro, que mostra os pés de silva ao longo da Via Expressa, foi reproduzida em uma obra da artista plástica Rose Darius, de Pomerode.

Correção

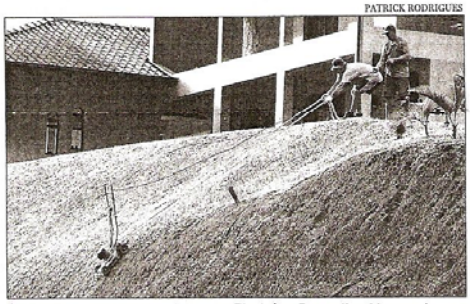
Na foto de capa de terça-feira, 6, quem aparece não é o sargento Maureci Carlos de Sales, como informado na legenda. Trata-se de um policial do Grupo de Respostas Táticas (GRT) da PM, que por questões de segurança pediu para não ser identificado.

CAO

PRODUTOS BEL PARA PISCINAS
CLOROBEL (Hipoclorito de Cálcio 65%)
Balde 10 kg: R$ 110,00 à vista
Pote 1 kg: R$ 13,00 à vista
B&L BUSCHLE & LEPPER www.buschle.com.br
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Blumenau - 47 3334-1088

Criatividade

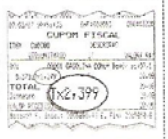
PATRICK RODRIGUES



Moradores da rodovia entre Timbó e Benedito Novo criaram um revolucionário método de roçar grama em terrenos inclinados. O problema é que a operação exige um trabalhador a mais, para esticar e puxar a tomada.

R$ 2,39

O posto da Rua das Missões que faz a proeza de vender gasolina com preço mais baixo mantém a onda de promoções. Ontem, o litro do combustível saiu por R$ 2,399 no estabelecimento, como comprova o cupom fiscal ao lado.



E afinal...

Foi concluída a investigação sobre o suposto envolvimento de funcionários do Presídio de Blumenau na fuga de quatro detentos em janeiro do ano passado?

O Informe é editado por **Evandro de Assis** - ☎ (47) 3221-1539 - leitor@santa.com.br

16 berços, 8 cores e muita praticidade!

Carrossel Mecânico
Giro automático
mcm

Mogk
Máquinas para grandes lavouras
www.mogk.com.br

Fone: 47 3323-5844 Fax: 47 3323-3172 | mogk@mogk.com.br

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

A culpa é do clima

O pessoal que trabalha na construção civil arrisca o pêlo quando não faz uso de equipamentos de segurança. A prudência recomenda.

Mas dá para entender, sem justificar, o procedimento da rapaziada: esforço físico no verão de Blumenau, muitas vezes a céu aberto, usando luvas, sapatões e capacetes plásticos, é torturante.

No inverno de São Joaquim, nem seria necessário fiscalizar. Todos usariam.

Não passa

O senador Expedito Junior (PPS-RO) propõe a extinção da prisão especial, aquela que privilegia criminosos com curso superior. Deveria propor a inversão da coisa: prisão especial para os comuns, prisão comum para os de colarinho branco. Com o Fernandinho Beira-Mar tem sido assim.

De qualquer maneira, a proposta acabará numa gaveta. Vê lá se político brasileiro legisla em causa imprópria.

Agilidade

Carlos Olimpio Menestrina, presidente do Seterb, determinou que um fiscal verifique o porquê dos ônibus de transporte urbano pararem sobre a pista quando existe uma baia, especificamente ali naquele ponto perto da Cia. Hering.

E reforça que o telefone 3323-3033 está à disposição da comunidade.

Complicado

A demora para se chegar a um nome que substitui Newton Mota, secretário da Saúde de Blumenau, tinha explicações: o salário é baixo, o desgaste é imenso, a verba é curta e o PP é indeciso. E dependia da agenda de um deputado federal.

Vale para todos

Por que não é feito ou permitido, em casos de atropelamento, o exame da dosagem alcoólica do atropelado?

Nosso trânsito é trágico pelo comportamento irresponsável tanto dos embarcados quanto o de alguns desembarcados.

Não é justo

Bala perdida, podem notar, sempre é encontrada no corpo de quem não está envolvido no tiroteio.

Legalização à inglesa

Discute-se novamente a legalização do uso de drogas. Pura perda de tempo.

Recentemente os legisladores afrouxaram a coisa.

O consumidor, origem e sustentação do tráfico e sua medonha rede de violência, está isento de qualquer responsabilidade. Flagrado, basta declarar-se usuário. Na prática, é quase uma liberação. Mais um pouquinho e a coisa se legaliza por si, dispensando toda e qualquer discussão.

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clic

Gráfica e Papelaria ZF Ltda.
www.graficazf.com.br | zf@graficazf.com.br
PROMOÇÃO
Cópias P&B R$ 0,08 unid.
(acima de 50 cópias)
Cópias COR R$ 1,20 unid.
Pesquise! É Ganho Nota 10 em economia
Vila Nova - 3323-0062 / Fortaleza - 3339-0645 / Garcia - 3329-0355

ANEXO E – Página 3 do JSC de 23 de maio de 2007

QUARTA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 2007 | Informe | JORNAL DE SANTA CATARINA | 3

OPINIÃO DO SANTA

Um símbolo catarinense

Um dos principais símbolos de Blumenau poderá ter um novo dono após o leilão de hoje. O Castelinho da Rua XV de Novembro é um marco turístico para a cidade e uma referência para Santa Catarina. O imóvel faz a alegria dos turistas que visitam o Vale, atrás de diversão e lembranças. Levam na bagagem imagens da arquitetura dos colonizadores, espalhando pelo Brasil as fotos do imóvel símbolo da receptividade blumenauense. O prédio histórico vai trocar de mãos, mas sempre será um importante patrimônio do povo. Espera-se que o novo proprietário identifique esse valor e saiba usar o prédio em benefício da promoção da cidade.

Destaque nacional (1)

Programas de educação desenvolvidos pela prefeitura de Blumenau foram citados em reportagem do jornal Estado de São Paulo, veiculada domingo. A matéria tratava do número de vagas nas creches de todo o país.

A cidade foi mencionada como um dos exemplos que investe na construção de práticas educativas e não-assistenciais.

Destaque nacional (2)

A cidade também foi citada em reportagem de capa da revista Gerente de Cidade, editada pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Com o título Blumenau, a melhor cidade do Brasil para se morar, a matéria, de 13 páginas, destaca o potencial da cidade catarinense.

A Faap está ministrando curso de pós-graduação em parceria com o Ibes, em Blumenau.

Furto desqualificado

Em Pomerode, a Polícia Militar está preocupada com todo tipo de crime. Nem mesmo furto de bicicleta escapa impune. Na segunda-feira, a PM recuperou uma bicicleta de cor roxa, feminina quadro nº3f05223, mas não foi possível identificar a marca.

A bicicleta aguarda o proprietário na Delegacia de Polícia.

CAO

FEIJOADA-GRÜNER PLATZ
Aos sábados
Das 11:30 às 15 hs.
GRÜNER PLATZ chopp e cozinha
2 tipos de feijões
14 tipos de carnes
Faça sua reserva
Av. Martin Luther, 1124 - Blumenau
3340-4706

Uma placa no chão

RAFAELA MARTINS

Ela não resistiu. A placa colocada perto do trevo do Celeiro do Vale, na entrada de Blumenau, não sinaliza mais nada

Desprestígio

O vereador Marco Antônio Wanrowsky (PSDB) registrou sua tristeza ao ler a revista Empresário, da Acib de Blumenau, e perceber a ausência de uma manifestação do presidente da Casa em reportagem onde aparecem diversas lideranças políticas da cidade e do Estado.

Segundo o vereador, a revista menciona o Código Tributário e a Vila Germânica, mas esquece de citar a parceria da Câmara.

Interatividade clicRBS

De segunda a sexta-feira o Santa Online pergunta: Deve ser proibido fumar nos terminais rodoviários? Responda em santa.clicrbs.com.br.

E afinal ...

Quem vai ficar com o Castelinho da Rua XV de Novembro?

☎ *(47) 3221-1539 - leitor@santa.com.br*

Papo's 10
Restaurante e Choperia
ALMOÇO DE DOMINGO À DOMINGO
Praça de Alimentação · ANGELONI DA FONTE · 3335·0480

Valther Ostermann
valther@santa.com.br

Boa idéia

Algumas ações de marketing são saudáveis, nestes tempos do "politicamente correto". Uma incorporadora de Blumenau prevê o plantio de 100 árvores para cada apartamento construído. Nos próximos 20 meses entregará 216 apartamentos distribuídos por quatro edifícios. Se vingar a idéia, a cidade será acrescida de 21,6 mil árvores.

A coluna pega carona e sugere que o plantio se dê, onde puder, nas vias públicas. Seria um passo para distribuir as necessárias sombras, enquanto não vem um projeto integral de arborização da cidade.

Carga horária

Do leitor, com lógica incontestável: "Se o Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário é contra a ampliação do Tribunal, porque a Justiça de 1º grau está com muito serviço, a primeira coisa que deveria fazer era lutar para que os servidores trabalhassem em dois turnos, como qualquer trabalhador. Voltem a trabalhar oito horas por dia, e isso já será um grande avanço para a Justiça andar mais rápido. Experimente ir ao fórum das 8h às 12h horas e veja se há expediente."

Insistentes

Eles não desistem. Está acontecendo mais uma Marcha a Brasília dos vereadores que querem de volta as vagas cortadas em 2004, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral. Só de Santa Catarina foram 158 inconformados.

Pressionam o Congresso para mudar a Constituição e devolver a eles pelo menos parte das vagas. Certamente pretendem retomar os mandatos para continuar defendendo o "povo sofrido".

O pior é que podem conseguir.

Dose cavalar

Esta sucessão de escândalos, se serve para dar alguma esperança de que o país já não agüenta (será?) tanta corrupção, ao mesmo tempo não dá nem tempo para digerir o escândalo anterior. Alguém aí ainda lembra-se de Waldomiro Diniz, Marcos Valério, Delúbio ou do churrasqueiro do Lula?

Punição, claro, nem pensar, porque aí já seria esperar demais.

O direito ao contraditório

A respeito de maior conforto para a próxima edição da Feira de Antigüidades de Blumenau, sugerida ontem pela coluna, alguns leitores manifestaram-se na direção oposta.

Alegam que aquele tipo de feira tem, como característica, a simplicidade dos chamados mercados de pulga.

Sofisticados, perdem o charme.

Utilidade pública

O Banco de Leite Humano de Blumenau está precisando de doadoras.

Contato pelo telefone 3326-7570.

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

ANEXO F – Página 3 do JSC de 06 de junho de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Via dupla do trânsito

A única coisa que assemelha duas das principais rodovias do Vale, a SC e a BR-470, é o número que lhes nomeia. Na quantidade de vítimas que fazem, porém, a SC e a BR-470 apresentam realidades distantes. Enquanto a Jorge Lacerda, iluminada e com a pista em melhor conservação, entra no 171º dia sem mortes, a rodovia federal é temida pela quantidade de vidas que são perdidas todos os anos sobre seu asfalto. Não se pode justificar as mortes no trânsito somente pelas condições da pista. A população precisa dar, sim, continuidade à reivindicação de estradas melhores, mas também deve ter consciência ao volante. As autoridades, além de terem o dever de investir em campanhas educativas, têm a obrigação de priorizar as obras de melhorias para o tráfego. À população, por sua vez, cabem a responsabilidade ao volante e a conservação do patrimônio público em nome da vida, nos dois lados da pista.

Mafisa

O nome de empresa que fará o novo Trevo da Mafisa ainda não foi divulgado. O Departamento Nacional de Infra-estrutura (Dnit) terminou o relatório de propostas, mas falta a assinatura de um diretor do órgão para o documento ser publicado no Diário Oficial da União.

Nome (1)

Teve parecer favorável ontem o projeto de lei do vereador Vanderlei de Oliveira (PT), que proíbe a que se dê nome de pessoas vivas para ruas, prédios ou instituições, ou que elas sejam homenageadas em vida com estátuas ou monumentos.

Nome (2)

Se aprovada a lei, pessoas mortas poderão ser homenageadas com seus nomes em locais públicos somente se tiverem prestado serviços relevantes ou conquistado destaque na vida social ou cultural blumenauense.

CAO

AÇO E TELAS PARA CONSTRUÇÃO
Cimento - Cal - Arames - Pregos
B&L BUSCHLE & LEPPER
Tel. (47) 3334-1088
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Blumenau

Poeira

O leitor Paulo Roberto Knaesel envia foto tirada na Rua Gustavo Zimmermann, no Bairro Itoupava Central, para mostrar a poeira no local sem asfalto. – Este é nosso tormento diário na rua, com veículos quase sem visibilidade por causa do pó, transitando com grande perigo – escreveu

FOTO DO LEITOR

"A estrada não é a principal culpada pelos acidentes, mas se estiver em boas condições ajuda na prevenção"

José Figueroa, chefe de operações da Polícia Rodoviária Federal, sobre a diferença de ocorrências no trânsito entre a SC e a BR-470

Interatividade clicRBS

MURAL
O que você achou da Texfair?
Opine em santa.clicrbs.com.br

E afinal...

O futebol catarinense será campeão da Copa do Brasil?

☎ (47) 3221-1539 - leitor@santa.com.br

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Cidade violenta

Uma das pessoas mais gentis que conheço sofreu estúpida agressão, sexta-feira passada. Retornava, de carro, de uma visita que fizera à mãe quando, nas imediações da antiga Gaitas Hering, parou no sinal fechado de uma das sinaleiras. Um indivíduo aproximou-se e agarrou-o pelo pescoço, com o intuito de cometer assalto. No susto que dá para imaginar, sem experiência de vítima de assalto, reagiu instintivamente, querendo fugir do abraço. Resultado: um golpe de faca que quase lhe decepou a orelha. 20 pontos.

Está em profunda e compreensível depressão. E nós, os amigos, em profundo e compreensível sentimento de revolta.

O marginal, ninguém sabe, ninguém viu. Evadiu-se. Logo atacará novamente.

Sons da cidade

Regularmente chegam à coluna, de leitores que moram em bairros, reclamações do som dos carros de propaganda.

Aquela forma de anúncio interfere no sossego, sem dúvida. Sino é fichinha perto dela.

Mas está, quem faz, dentro da lei. Exerce uma atividade legal.

Não há o que fazer, portanto. Melhor exercitar a tolerância, necessária – até onde der – à vida em comunidade.

Pelas calçadas

Um lembrete para quem reclama do excesso de ambulantes em Blumenau: eles vão – e ficam – onde há mercado.

Pelo visto, aqui há.

Pela arborização

Ontem de manhã, na Praça Dr. Blumenau, a Acaprena (Associação Catarinense de Preservação da Natureza) lançou manifesto pedindo à prefeitura um projeto de arborização da cidade. Houve exposição de faixas e distribuição de mudas.

A coluna, claro, abraça a causa. Com braços, unhas e dentes. E espera que a prefeitura e a sociedade se mexam.

Investimentos

A Havan – e seus 200 empregos projetados – é bem-vinda ao Castelinho da XV. Sua atividade é adequada àquele endereço, que não ficaria bem como mais uma loja de eletrodomésticos ou, o que seria trágico, de 1,99.

Só tem uma coisinha: se vai bancar integralmente o projeto de recuperação do imóvel, algo que não será barato; se, conforme anuncia, investirá, no total, R$ 10 milhões no empreendimento... não teria sido mais negócio ter comprado o imóvel, que foi vendido por R$ 4 milhões, parcelados?

Grande e lerdo

Em alguns aspectos, ser um país de dimensão continental é desvantagem.

O desaforo do preço do álcool combustível, que na entressafra aumenta num instante e na colheita diminui a passos de cágado, mereceria um boicote nacional.

Mas como fazê-lo no Brasil?

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

VIDROLUX
A grife do vidro
Rua Itajaí, 1246 - Blumenau 3035-4445

ANEXO G – Página 3 do JSC de 26 de junho de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Adoção para todos

A liderança de Blumenau na fila da adoção no Estado mostra a importância dada para o ato de amor. Mas enquanto o número de interessados em adotar é grande, ainda é preciso evoluir na questão das preferências de perfil feitas no processo. Muitas vezes, a adoção demora a ocorrer por causa das exigências impostas pelos candidatos a pais, com idade e etnia. Tais requisitos condenam muitas crianças a viver até a vida adulta em instituições, à espera de alguém que lhes aceite. Para que a adoção seja mais rápida, é preciso avaliar também a hipótese de uma adoção tardia.

Elfy (1)

Após seis meses, foi concluído o exame de DNA da ex-servidora da Furb, Elfy Eggert. Funcionários do Instituto de Análises Laboratoriais (IAL), responsável por confrontar o DNA da vítima com o material genético dos suspeitos do crime, devem liberar o laudo com o resultado até sexta-feira.

Elfy (2)

Segundo o coordenador interino do IAL, Lorival Abreu Júnior, o resultado será encaminhado para a 1ª Vara Criminal de Blumenau. Os dois principais suspeitos pelo assassinato de Elfy, o viúvo Julio Cesar Sary e o pai-de-santo Ricardo Soares Rodrigues, foram submetidos aos exames. Eles estão presos no Presídio Regional de Blumenau.

YouTube

A modelo Daniella Cicarelli e seu ex-namorado Tato Malzoni perderam ontem a ação por danos morais movida contra o site de vídeos YouTube, que mostrou cenas do casal fazendo sexo em 2006 numa praia espanhola. Eles não terão direito à indenização por danos morais e o vídeo pode voltar ao ar.

CAO

AÇO E TELAS PARA CONSTRUÇÃO
Cimento - Cal - Arames - Pregos
BUSCHLE & LEPPER
Tel. (47) 3334-1088
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Blumenau

Esquilo

A leitora Priscila Pereira fotografou um esquilo no quintal de sua casa, no final de semana. O roedor apareceu na Rua Franz Volles, no Bairro Itoupava Central

FOTO DO LEITOR

DCE

A votação para a diretoria do DCE da Furb ocorre hoje, das 8h às 22h. Os concorrentes são Eduardo Lara e Felipe Detz. Para votar, os alunos devem levar documento com foto. A apuração encerra por volta da meia-noite.

Correção

Luciano Monteiro Bem é o atual presidente do Blumenau Convention & Visitors Bureau, e não Nei Azambuja, ao contrário do que foi publicado na página 3 da edição de ontem.

Interatividade clicRBS

Você se sente seguro ao voar de avião?
( ) sim ( ) não
Opine em santa.clicrbs.com.br

E afinal...

Quando será concluído o lago do Parque Ramiro Ruediger?

☎ (47) 3221-1539 - leitor@santa.com.br

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Não é por aí

Quando da implantação das câmeras de vigilância no Centro de Blumenau, a coluna cantou a pedra: não diminuiria o crime, apenas o faria mudar de endereço. Conclusão óbvia, claro. E está acontecendo. Já que a Rua XV e a Beira-Rio estão monitoradas, assaltos ocorrem na Rua Curt Hering, a paralela mais próxima. E se também lá forem implantadas câmeras, o crime irá para novo endereço, e assim sucessivamente.

As câmeras, para serem efetivas, deveriam monitorar o município inteiro, o que é impraticável.

O que fazer, então? Ora, basta levar a sério, nas três esferas do poder, a política de segurança pública.

Estão nos devendo, já que cobram e não entregam.

Pompa

Da prefeitura de Gaspar chega o convite para a "solenidade de entrega de retífica de motor do veículo Kombi, para o Centro Educativo Maria Hendricks". Hoje, 11h30min.

A coluna agradece, mas, caramba!, solenidade para retífica de motor de Kombi denota um apego exagerado com a formalidade, não é não?

O dono da rua

Segundo o leitor Luiz Alberto Pinto, o caminhão que faz a coleta de lixo na Rua Marianna Bronemann (esquina com a Rua Humberto de Campos) tem por hábito trafegar lá ocupando o meio da pista. Na prática, ocupa a pista inteira. Hábito perigoso, que já causou acidente com o leitor, em colisão quase frontal.

Pés no chão

Mesmo sendo contrariada por alguns e contrariando outros tantos, a coluna mantém a convicção de que mesmo uma rodovia em cacos, como a nossa BR-470, não deve ser tachada de assassina. Perigosa, sem dúvida, mas não assassina.

Quem mata (e morre) são os imprudentes, os inábeis e os que insistem em dirigir com drogas na corrente sangüínea, notadamente o álcool, mas não somente ele.

Raros são os casos que não se enquadram aí.

Ligue para eles

"Todo fumante tem duas chances de se livrar do cigarro: a primeira, antes de ficar doente. A segunda, depois de ficar doente. Às vezes, entretanto, tem apenas uma."

Fumantes Anônimos de Blumenau: 3035-1521.

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

VIDROS TEMPERADOS E LAMINADOS
Conheça a nova tendência: Box Curvo em Vidro Temperado
VIDROLUX
VIPEL
Rua Itajaí, 1246 - Blumenau 3035-4445

ANEXO H – Página 3 do JSC de 26 de julho de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Vitória do município

A construção do Trevo da Mafisa deve começar em agosto. A ordem de serviço será assinada amanhã e, se tudo correr conforme o esperado, as obras vão sair do papel, deixando para trás a parte burocrática. A previsão é que as benfeitorias estejam prontas em um ano. Os investimentos da ordem de R$ 7,1 milhões são há muito aguardados e só trarão benefícios para quem transita pelo complicado trevo. O avanço do processo é uma importante vitória do município, coroando, assim, um ano de lutas em prol de qualificar a infra-estrutura da região das Itoupavas. Que este seja o primeiro passo no sentido de melhorar os acessos à cidade.

É ouro

A atleta medalhista de ouro nos Jogos Pan-americanos, Fabiana Gripa, foi convocada com urgência para defender a Seleção Brasileira de Handebol em amistosos contra a França, no Caribe.

Fabiana, portanto, não poderá

CAO

FERRO, VIGAS, CHAPAS, TUBOS E PERFIS
Acessórios para Serralheria
BEL
BUSCHLE & LEPPER
www.buschle.com.br
Tel. (47) 3334-1088
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Blumenau

Perigo na pista

ANEXO I – Página 3 do JSC de 30 de julho de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Solução urgente

O encontro da Ponte do Salto com a Rua Bahia virou um tormento nos horários de pico. Os engarrafamentos somam mais de um quilômetro. Não deixa de ser um alívio saber que a prefeitura conhece o problema, a ponto de incluir o trevo entre os cinco pontos mais críticos do trânsito da cidade. A proposta de dividir o fluxo, escoando parte do tráfego para o Horto Florestal, também parece sensata. Porém, escapa à urgência exigida pela situação o prazo para a construção do retorno na Rua Fritz Müller, que é o atalho até a Escola Agrícola. Se a obra sair somente no segundo semestre de 2008, como calcula a prefeitura, o blumenauense, que já dá doses diárias de paciência ao cruzar por ali, será penalizado pela lentidão.

De quem é?

Uma caminhonete Ford EcoSport branca, com placas de Blumenau, vem chamando a atenção de pessoas que trabalham no Aeroporto de Navegantes.

Estacionado há 14 dias em uma rua vizinha ao terminal, e aparentemente abandonado, o veículo possui no seu interior uma carteira e cartões de crédito à mostra, além de objetos pessoais.

Sedução

O líder do PSB em Santa Catarina, deputado federal Djalma Berger, mantém a mobilização para reforçar a sigla no Estado.

O alvo do socialista agora é o vice-prefeito de Timbó, Dediergo Wolter Filho (DEM).

Segundo o parlamentar, as negociações estão adiantadas.

Direitos

Os usuários de celular terão, a partir de 2008, mais direitos na disputa com as operadoras.

Um novo regulamento do serviço, divulgado pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), prevê, entre outras medidas, que as empresas terão de ressarcir em dobro e com juros as cobranças indevidas e cumprir prazos mínimos para atender aos pedidos dos clientes, como rescisão de contratos.

CAO

FERRO, VIGAS, CHAPAS, TUBOS E PERFIS
Acessórios para Serralheria
BEL BUSCHLE & LEPPER www.buschle.com.br
Tel. (47) 3334-1088
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Blumenau

Mobilização

RAFAELA MARTINS

A tarde de domingo foi de trabalho para a Guarda de Trânsito de Blumenau. Uma operação com o Foto Blitz – equipamento que permite identificar motoristas com a documentação irregular – interceptou carros e motos em situação duvidosa na Rua São Paulo.

Reta final

Termina amanhã o prazo para adesão ao Supersimples, o sistema que unifica em um único pacote nove tributos municipais, estaduais e federais que incidem sobre pequenas e microempresas.

Quem ainda tem dúvidas, porém, não é obrigado a decidir agora. Em janeiro de 2008, será novamente possível aderir ao modelo.

E afinal....

Quando serão instalados os semáforos na confluência das ruas Benjamin Constant e Almirante Barroso?

☎ (47) 3221-1539 - leitor@santa.com.br

MÁQUINAS PARA ESTAMPARIA
Mesas elétricas · Flash cure · Carrosséis
Secadoras · Misturadores · Prensas térmicas
Mogk
www.mogk.com.br
47 3323.5844

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Fugindo do paraíso

No Pan de Winnipeg, Canadá, treze atletas cubanos desertaram. Ano passado, durante uma competição de boxe disputada em Caracas, três pugilistas cubanos pediram asilo político aos venezuelanos.

No Pan do Brasil, fugiram quatro: dois boxeadores, um jogador de handebol e o técnico da ginástica artística. Para não dar chance a novas deserções, os donos do povo anteciparam o retorno da delegação cubana, quase toda, que teve que sair apressada e na marra do Brasil, sábado à noite.

Atleta é bicho esquisito. Tem mania de liberdade.

Mordida

O preço mais alto do álcool combustível em Santa Catarina, quando comparado ao preço praticado em São Paulo, é explicado pelo presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo de Blumenau, Julio Zimmermann.

A voracidade fiscal é a principal responsável. Aqui, o Estado atocha 25% de ICMS em cima do combustível, contra a 12% em São Paulo. O dobro e um pouquinho mais, portanto. Além disto, São Paulo é produtor de álcool, o que barateia o frete.

Resumo da ópera: a diferença não fica no cofre dos postos. Fica com o governo.

Fazendo a coisa certa

Moda não é a praia da coluna. Mesmo assim, uma notícia alvissareira, em termos estéticos, faz valer a pena abordar o tema. Foi anunciada a nova tendência: reposicionar a cintura feminina na... cintura. Chega de cintura lá em cima, que fazia todas parecerem grávidas, e basta de cintura lá embaixo, no limite, coisa para poucas, mas que todas usavam.

Enfim uma tendência – quem decide isso? – que respeita a anatomia.

Absurdo pouco é bobagem

A governadora do Pará, Ana Júlia Carepa (PT), virou ídolo da turma do papo para o ar. Decretou que no Estado que governa, durante o mês de julho, toda sexta-feira é ponto facultativo.

Ibsen, aquele norueguês que teima em querer entender o Brasil, ligou:

- Pode?
- Pode, Ibsen, pode. Para essa gente, tudo pode...

Sugestão de pauta

A Turma do Marreta exagera na irreverência. A respeito dos quatro blumenauenses que toparam o desafio do **Santa**, de ficar uma semana sem fazer uso do telefone celular, desdenharam:

- Desafio mesmo seria ficar uma semana sem fazer uso de papel higiênico!

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

ESCOLAR PAPERBRASIL
Feira de Produtos, Serviços e Tecnologia para Escolas, Escritórios e Papelarias
Saída: 27/08/07 (Segunda-feira)
Retorno: 29/08/07 (Quarta-feira)
CONSULTE-NOS E FAÇA SUA RESERVA.
JGM TURISMO Sua viagem será um prazer.
www.jgmturismo.com.br
3322-1611 / 3322-3577 / 3322-1965

ANEXO J – Página 3 do JSC de 31 de outubro de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Mais perigos

Rodovia que já apresenta toda sorte de riscos àqueles que por ela trafegam, a BR-470 impõe também aos seus usuários os perigos decorrentes da ocupação irregular de suas margens. São veículos expostos, bancas de frutas ou barracas para comercialização de diferentes tipos de produtos, ocupando espaço destinado a aumentar a segurança de pedestres e motoristas. Admita-se até que, isoladamente, o fato não representa problema de extrema gravidade. No entanto, trata-se de uma violação legal que, adicionada a um coquetel que já inclui fatores como rodovia saturada, motoristas imprudentes e veículos em más condições, cria um ambiente adverso à segurança. Tão inaceitável quanto esta constatação, é mais uma vez testemunhar a incapacidade do poder público de enfrentar um problema que afeta os cidadãos e perceber que, sem a mobilização da comunidade, ele tende a se perpetuar.

Camarotes

Projeto apresentado pelo vereador Jovino Cardoso Neto (DEM) propõe a cobrança de ingresso nos camarotes da prefeitura durante a Oktoberfest. Pela proposta, os valores arrecadados seriam repassados a entidades filantrópicas.

O projeto está na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara e recebeu pedido de parecer da Procuradoria Jurídica da Casa.

Posse

O ex-prefeito e ex-deputado federal Renato Vianna assume na próxima terça-feira a presidência do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE).

Santa Online clicRBS

Enquete do dia

■ Blumenau falhou ao não apresentar proposta para ser uma das cidades que vão abrigar jogos da Copa de 2014?

Opine em santa.clicrbs.com.br.

Resultado de ontem

■ Nas atuais condições, passar pelo túnel do Morro do Boi é:

Total de votos: 82

CAO

VILLA interiores
Solução em móveis
Rua Almirante Tamandaré, 1824
Vila Nova - Blumenau - Tel 3041-4120

Brincando com o perigo

CARLOS SILVA - ESPECIAL

Trafegando a mais de 100 km/h, um motociclista brincava de colocar a vida em risco, no início da tarde de sábado, na BR-101 – sentido Itajaí-Balneário Camboriú

Poluição

Dentro de um mês, a Polícia Rodoviária Federal passará a utilizar um equipamento capaz de medir a emissão de gases poluentes dos veículos que trafegam pela BR-470.

Na semana que vem, dois policiais rodoviários vão a São Paulo participar de treinamento para operar o aparelho, adquirido graças a um convênio com o Ministério Público Federal. A idéia é autuar veículos cuja emissão de fumaça ultrapasse os limites definidos pela legislação.

Ouvidoria

A implantação de uma ouvidoria no Tribunal de Contas do Estado é uma das metas para o próximo ano.

O objetivo é abrir um canal específico para receber denúncias e atender demandas do cidadão, seja através de e-mail, telefone, por correspondência ou contato pessoal na sede do TCE.

E afinal...

Até quando o túnel do Morro do Boi será motivo de preocupação para a população?

Você tem dificuldade em ouvir?
Venha testar o aparelho auditivo com inteligência artificial mais discreto do mundo!
Tecnologia alemã
LIGUE AGORA E MARQUE UMA AVALIAÇÃO DE SUA AUDIÇÃO
Blumenau: (47) 3322.9404 / Brusque: (47) 3355.3284
Florianópolis: (48) 3223.4487 / Joinville: (47) 3025.6979
SOLUÇÕES AUDITIVAS VITASONS
vitasons
www.vitasons.com.br

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Heróis da resistência (1)

No Brasil, leva-se cerca de 5 meses para abrir uma empresa (152 dias) – mais que o dobro do tempo médio nos demais países latino-americanos, que é de 73,3 dias. Nos países desenvolvidos, o prazo para abertura de empresas é de 16,6 dias.

Além disto, o empreendedor sai pagando (ao governo) na frente. Gasta uma nota antes de emitir a primeira nota fiscal. E cada emprego que dá, custa dois. Não há incentivo, nem solidariedade. Muito pelo contrário.

Loja que recentemente abriu as portas na XV, Centro de Blumenau, no terceiro dia recebeu a visita da Fiscalização Fazendária do Estado. Não esperaram nem o empreendedor recuperar o fôlego.

Heróis da resistência (2)

Tanto esforço, risco e atribulações para depois ser taxado de opressor, sonegador ou, como agora é moda, elite.

Tem que ser herói, mesmo.

Comitivas

Candidato único para sediar a Copa de 2014, o Brasil não relaxou. Estavam em Zurique, além do presidente da Fifa, o presidente do país, nove governadores, mais o Romário e o escritor Paulo Coelho. Isto é que é pressão. Ou insegurança.

Se não fosse candidato único, teriam ido o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas, todas as Câmaras de Vereadores, mais o Eurico Miranda, Ivete Sangalo e o ator Paulo Betti.

Brasileiro não relaxa nunca.

Só aqui!

Esta placa está no portão de uma residência blumenauense. No idioma alemão, como se vê. Tem todo o jeitão de ser antiga.

Traduzida, é uma peça de bom-humor e fina ironia: "AVISO – CÃO DE GUARDA SOLTO – Quando o cão vier, deite-se completamente no chão e aguarde ajuda – Se não vier ajuda... BOA SORTE".

Recomenda-se aos invasores monoglotas que tenham à mão um dicionário alemão-português.

GILBERTO HÄRBS/ESPECIAL

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

INOX do Brasil
Confiança e qualidade inoxidável.
AGORA COM CORTE A PLASMA
www.inoxdobrasil.com.br
Tel. 47 3326-0064 - Blumenau

ANEXO K – Página 3 do JSC de 08 de novembro de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Difícil cruzada

A já difícil cruzada das autoridades da área de segurança contra o tráfico e o consumo de drogas ganhou contornos ainda mais preocupantes com as notícias sobre o crescimento de 800% na apreensão de ecstasy no Estado neste ano, em relação a 2006. Mais assustador, os números co'locam Santa Catarina como segundo colocado no ranking de recolhimento deste entorpecente no país, atrás apenas de São Paulo. A expansão do consumo de drogas sintéticas – das quais o ecstasy é a face mais visível – e suas particularidades complicam uma realidade na qual o uso de crack, cocaína e maconha já está disseminado. A decisão da polícia catarinense de intensificar a fiscalização sobre as festas raves – apontadas como o cenário preferido para consumo desta nova geração de entorpecentes – é o primeiro passo, dos muitos que são necessários. Mais urgente e importante é que esta preocupação seja compartilhada pela sociedade de forma geral, e pelas famílias em particular, para que se integrem na luta contra esta nova onda.

Sistema prisional

Um encontro às 19h de hoje na sede da OAB discutirá a situação do sistema prisional de Blumenau. Entre os convidados estão o juiz corregedor Osmar Tomazzoni e o presidente do Conselho da Comunidade da Comarca de Blumenau, Célio Ribeiro.

Na reunião, Ribeiro falará sobre o relatório que apontou, entre outros itens, a superlotação e a violação da Lei de Execução Penal no Presídio Regional e sobre a necessidade de uma Defensoria Pública.

Santa Online clicRBS

Enquete do dia

■ A presença do presidente Lula dará mais prestígio ao Encontro Brasil-Alemanha, que será realizado em Blumenau entre os dias 18 e 20 de novembro?

Opine em santa.clicrbs.com.br.

Resultado de ontem

■ Ser blumenauense deve ser condição para ser Rainha da Oktoberfest?

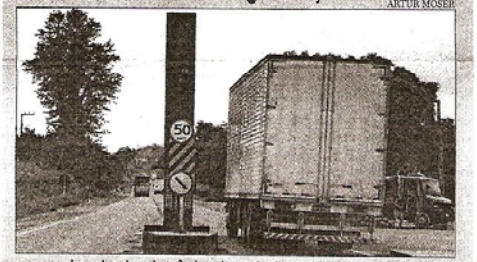
Total de votos: 259

CAO

O VERÃO ESTÁ CHEGANDO
Prepare a sua piscina...
BEL
BUSCHLE & LEPPER
www.buschle.com.br
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Salto do Norte - Blumenau
Tel. 3334-1088
Use produtos BEL

Menos segurança

ARTUR MOSER



Lombada eletrônica instalada na BR-470, próximo à escola Nemésia Margarida, não está funcionando, ampliando os já conhecidos perigos da rodovia

Consultas

A Policlínica de Blumenau pede às pessoas que não receberam atendimento oftalmológico em 31 de outubro e ainda não remarcaram a consulta que entrem em contato com Neila Santoro, coordenadora do órgão. O telefone é o 3144-2098.

Ontem, a Policlínica informou a Reginaldo Rodrigues da Silva, que ficou um ano e nove meses esperando pela consulta, a data da nova consulta: quarta-feira, dia 17. O caso foi mostrado na edição do **Santa** de 1º de novembro.

Na ativa

Guarda de Trânsito concursado, o diretor de Articulação Política da prefeitura de Blumenau, Célio Dias, está atuando no controle do tráfego na Rua José Reuter, Bairro da Velha.

Das 6h45min às 12h25min, ele pode ser visto administrando o trânsito em frente à escola Heréflio Deeke.

E afinal...

Quanto tempo os blumenauenses terão de esperar para ver as barragens contra as cheias operando normalmente?

BRASLIFT EMPILHADEIRAS
Rua Dep. Heitor Alencar Furtado, 3215
Curitina (PR) - Tel. 41 3015-3822
EMPILHADEIRAS
GLP - Elétricas - Diesel
PALETEIRAS - TRANSPALETEIRAS - CONTRABALANÇADAS
www.braslift.com.br
Repres. Regional: 47 9991-8521
Locação ou Venda

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Drama

Mãe angustiada de dois jovens dependentes químicos liga para a coluna, reclamando da falta de clínica para tratamento em Blumenau. Relata que um dos filhos luta desesperadamente para livrar-se do vício, mas que sozinho não conseguirá.

De fato, não é caso para hospitais. E não dá para ter muita esperança.

O país não constrói cadeias para os traficantes, que dirá clínica para os dependentes.

Tudo isto não dá voto.

Vai sonhando...

Os lucros bilionários anunciados pelos bancos brasileiros certamente irão redundar em aumento salarial para os bancários, além de permitir a contratação de mais mão-de-obra para melhorar o atendimento.

Arregaçando as mangas

O médico Adilson Tadeu Machado, aquele que quer nosso rio margeado por ipês, deu o primeiro passo. No último dia 3, sábado, 16h45min, juntamente com José Pfau e Jean Carlo Michel, plantou o primeiro.

Em Blumenau.

Urgente!

Que o equipamento das Forças Armadas do Brasil está caindo de velho todo mundo sabe. Agora que o Chávez está se armando até os dentes, eis que se cogita reequipá-las. Já não era sem tempo.

Um bom começo seria revendo o soldo dos militares, que está indigno. Qualquer afilhado político deste país (e como têm!), aboletado em cargo comissionado que não exige qualificação alguma, ganha mais que um oficial militar brasileiro altamente qualificado.

Alívio

Apesar de poderoso lobby, não deve ser aprovado projeto de lei obrigando os compradores de carros a registrar os contratos de financiamento em cartório.

Parece que alguma alma boa, lá na Câmara dos Deputados, está com dó dos esfolados consumidores brasileiros.

Extrapolou

Todo mundo sabe que é proibido dirigir e falar ao telefone celular ao mesmo tempo. Quase todo mundo desobedece à proibição, todos os dias. Isto é algo que não precisam nos contar; a gente vê.

Mas quando o desobediente é um motorista de ônibus, como aconteceu segunda-feira passada, em Blumenau, aí já é um pouco demais.

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

EXCURSÕES E FRETAMENTOS EM GERAL
A passeio ou a negócios, a JGM Viagens e Turismo proporciona Segurança, Conforto, Experiência e Comodidade.
Consulte-nos e faça sua reserva.
Sua viagem será um prazer.
www.jgmturismo.com.br
JGM TURISMO Blumenau
3322-1611 / 3322-3577 / 3322-1965

ANEXO L – Página 3 do JSC de 17 e 18 de novembro de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Além do chope

Mais do que uma extraordinária oportunidade de lucros imediatos e negócios futuros, o 25º Encontro Econômico Brasil-Alemanha – que será realizado de domingo a terça-feira em Blumenau – deve ser o ponto de partida para uma revisão do modelo de relação que o município estabeleceu com a herança germânica. Bem-sucedida na tarefa de preservar as profundas e reconhecidas ligações culturais que mantêm com a Alemanha, Blumenau deve ir além, colocando-se como desafio a tarefa de modernizar seus vínculos com a terceira maior economia mundial, pólo de excelência em qualquer área na qual os itens ciência e tecnologia tenham precedência. Aprofundar o intercâmbio de conhecimentos com a moderna Alemanha deve ser prioridade num debate que também leve em conta a pergunta sobre o que Blumenau tem para oferecer como moeda de troca.

Totem

O Grupo Almeida Júnior convocou entrevista coletiva para terça-feira, às 9h, para tratar do polêmico totem colocado na calçada em frente ao Shopping Neumarkt. A expectativa é de que a empresa anuncie recurso judicial para tentar manter o painel, cuja retirada foi solicitada pela prefeitura.

Apelo

A Associação de Moradores do Bairro Nova Esperança quer aproveitar a passagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva por Blumenau para entregar uma carta denunciando a falta de saneamento na Rua Augusto Groh.

Santa Online clicRBS

Enquete do dia

■ Você ainda comemora quando Blumenau ganha o título dos Jogos Abertos?

Responda em santa.clicrbs.com.br.

Resultado de ontem

■ O governador Luiz Henrique deve assinar a lei que proíbe cães da raça Pit Bull em Santa Catarina

CAO

GRÜNER PLATZ
O lugar ideal para o seu Happy Hour
5 anos
Av. Martin Luther, 1.120 - Blumenau 3340-4706
Aberto de seg. à sáb. a partir das 17:30h - Almoço aos sábados e domingos.

ARTUR MOSER

Risco às crianças

Lombada eletrônica estragada em frente à Escola Emílio Baumgart, no sentido bairro-Centro da Rua Dr. Pedro Zimmermann, na Itoupava Central

"Unimos o agradável do alemão com o fantástico do brasileiro"

Hans Prayon, empresário e ex-cônsul honorário da Alemanha, falando sobre o que Blumenau mostrará aos visitantes durante o 25º Encontro Econômico Brasil-Alemanha.

Doações

O Dia Nacional do Doador de Sangue é no próximo domingo, 25 de novembro, mas o Centro Hemoterápico de Blumenau começará a festejar a data já na próxima quarta-feira, quando será feita uma homenagem à banda Sangue Derramado, de Rio do Sul, pela participação em campanhas para estimular as doações.

E afinal...

O que leva o comando da Polícia Militar a concluir que Blumenau não precisa de reforço no efetivo?

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Competência

O Encontro Econômico Brasil-Alemanha de Blumenau será o maior de todos até aqui. Quase dobrou o número de inscritos do que havia sido o mais movimentado antes, o de Fortaleza, com 700. E é três vezes maior do que os que acontecem na Alemanha, com média de 400 inscrições.

Isto tudo sendo a primeira cidade não-capital a sediar o evento.

Blumenau, quando faz, arrebenta!

Insuperável

Já comentei aqui meu inesgotável espanto com os superlativos usados para designar alguns ocupantes de cargos que, sendo de fato honrosos, não mereciam tão exagerada demonstração de falta de modéstia.

Meritíssimo, excelentíssimo, reverendíssimo, magnífico, eis alguns exemplos que nos chegam aos ouvidos com rigorosa freqüência.

Vem de longe, e até hoje ninguém ousou sugerir um "menos, menos...".

A taça de campeões da presunção, porém, vai para os escritores. Quando fundaram a Academia Brasileira de Letras, não deixaram por menos: designaram-se imortais

Abandono

Aquela visão distorcida de antigamente, quando julgavam que Blumenau era auto-suficiente, ainda resiste em alguns setores da administração estadual.

É o caso do Comando Geral da Polícia Militar, que nos deixou de fora do reforço do efetivo. Logo nós, que estamos roucos de tanto gritar por mais policiais.

"A alemoada se vira", parece que ouço dizerem.

Dinheiro público-tur

Uma das maneiras mais práticas de conhecer diversos países é entrar para a política.

Como viaja aquela gente!

Mixaria

O balancete da Oktoberfest deste ano ainda não veio à luz.

Deve ser inibição. Face à lucratividade dos bancos, qualquer resultado financeiro será constrangedoramente merreca.

Tudo bem no ano que vem

O Castelinho da VX, em reforma, deverá ser reaberto no final de fevereiro do próximo ano. Se houver algum imprevisto – reforma é sempre reforma – fica para o começo de março. Mas daí não passa, garante o novo proprietário.

Em nome do povo...

Não se iludam: na América Latina, democracia não é um regime. Nem mesmo uma doutrina.

É apenas um argumento.

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

INOX do Brasil
Confiança e qualidade inoxidável.
Cortamos conforme sua necessidade
Chapas - Barras - Tubos e Conexões
Pronta Entrega
www.inoxdobrasil.com.br
Tel. 47 3326-0064 - Blumenau

Você tem dificuldade em ouvir?
Venha testar o aparelho auditivo com inteligência artificial mais discreto do mundo!
Tecnologia alemã
LIGUE AGORA E MARQUE UMA AVALIAÇÃO DE SUA AUDIÇÃO
Blumenau: (47) 3322.9404 / Brusque: (47) 3355.3284
Florianópolis: (48) 3223.4487 / Joinville: (47) 3025.6979
10x SEM JUROS
vitasons
www.vitasons.com.br

ANEXO M – Página 3 do JSC de 20 de novembro de 2007

OPINIÃO DO SANTA

Resultados

Está coberta de méritos a decisão do governo do Estado de incluir Blumenau entre os municípios que receberão novos policiais militares em 2008, revendo decisão anterior que excluía o município do rol de cidades que receberiam tal reforço. Para tanto, foi necessária a mobilização da comunidade, deflagrada a partir de reportagens publicadas pelo ***Santa*** *sexta-feira e no fim de semana – nesta última, comerciantes falaram dos problemas decorrentes da falta de policiamento. Mais do que corrigir erro de avaliação do edital anterior, tal decisão merece elogios por mostrar que o governo estadual está sensível às necessidades e pressões da comunidade.*

Ato falho (1)

Pelo menos num trecho do discurso, ontem, na Vila Germânica, Lula pode ter tranqüilizado os que temem o terceiro mandato. Foi quando afirmou sua crença no futuro da economia brasileira.

– Quando nós sairmos em 2010, Luiz Henrique...

E complementou, vislumbrando um país melhor para os netos.

Ato falho (2)

Ao nominar as autoridades da mesa, Lula deixou escapar uma simpatia política local ao saudar primeiro o deputado Décio Lima, depois o prefeito João Paulo Kleinübing.

Gafe

Já quando chamou os empresários alemães de "empresários espanhóis", Lula não cometeu um ato falho. Foi uma gafe mesmo.

Santa Online clicRBS

Enquete do dia

■ O presidente Lula acerta ao insistir no desenvolvimento dos biocombustíveis, mesmo com a descoberta da megarreserva do Campo de Tupi?

Opine em santa.clicrbs.com.br.

Resultado de ontem

■ As escolas de Blumenau deveriam incluir o alemão entre as disciplinas obrigatórias em todos os níveis

Total de votos: 117

CAO

O VERÃO ESTÁ CHEGANDO
B&L BUSCHLE & LEPPER www.buschle.com.br
Prepare a sua piscina...
Tel. 3334-1088
Rua Eng. Udo Deeke, 1218 - Salto do Norte - Blumenau
Use produtos BEL

GILMAR DE SOUZA

Agitação no céu

A passagem dos helicópteros que traziam a comitiva presidencial ao Encontro Brasil-Alemanha chamou a atenção da população na manhã de ontem

Informação

Sucesso de circulação na Vila Germânica, o **Santa**, que trazia o caderno especial sobre o Encontro Brasil-Alemanha, atraiu a atenção de participantes como Sönke Böge, executivo da Boyden do Brasil Ltda.

E afinal...

Que estímulos as micro e pequenas empresas brasileiras receberão para exportar mais?

BRASLIFT EMPILHADEIRAS VENDA · LOCAÇÃO
Rua Dep. Heitor Alencar Furtado, 3215
Curitina (PR) - Tel. 41 3015-3822
EMPILHADEIRAS
GLP - Elétricas - Diesel
PALETEIRAS - TRANSPALETEIRAS - CONTRABALANÇADAS
www.braslift.com.br
Repres. Regional: 47 9991-8521
Locação ou Venda

Valther Ostermann

valther@santa.com.br

Importante

Na próxima quinta-feira acontecerá o 2º Fórum sobre Esgoto Sanitário na Bacia do Itajaí, destinado aos profissionais da área da saúde, ONG's ambientais, entidades organizadas, governantes e gestores municipais, instituições e empresas, associações de moradores.

Tomara que dê quorum, pela importância do assunto, que tem décadas de atraso. Eu disse décadas? Entendam século.

No auditório do Bloco F do Senai, Blumenau, a partir das 8h. Informações: 3326-1230, Acib.

Cara de pau

Santa Catarina é o Estado da federação em que mais se morre, proporcionalmente, nas rodovias federais. Levantamento feito pela Polícia Rodoviária Federal constatou que nos trechos duplicados o excesso de velocidade é uma constante.

A imprudência viaja em rodovias críticas, como a BR-470, e em trechos teoricamente mais seguros, como a BR-101 duplicada.

E diz que as rodovias é que são assassinas.

Ouro de tolo

É espantoso que alguém pague R$ 250 mil por um Rolex, relógio que no Brasil fascina ricos, novos-ricos e ladrões. Tudo bem, quem tem muito pode ser excêntrico e perdulário. O que é incompreensível, porém, é que tem quem pague 25 mil dólares por uma sobremesa, um sundae que inclui ouro em pó em sua receita.

Tem rico que também é bocó.

Implicância

Um leitor questiona a presença de bandinha típica, daquelas nossas, na recepção aos alemães que desembarcavam no Aeroporto Hercílio Luz, em Florianópolis.

– Se fosse na Alemanha o Encontro Econômico, nos receberiam com samba?

Certamente não, querido leitor. Mas cada povo tem seu jeito. Nós somos assim, bem mais simpáticos, fazer o quê?

Quem disse que não?

Na coluna de ontem, disse que rinha de galo não dá punição para ninguém. Errei. O delegado que indiciou Duda Mendonça num flagrante de briga de galos, em 2004, foi punido, sim senhor. Não pegou cana, mas foi afastado da chefia da Delegacia de Meio Ambiente da Polícia Federal.

Já o Duda Mendonça...

Leia colunas anteriores em santa.clicrbs.com.br clicRBS

FIM DE ANO:
FÉRIAS E EXCURSÕES
VÁ DE JGM TURISMO
Segurança, Conforto, Experiência e Comodidade.
JGM TURISMO Blumenau
www.jgmturismo.com.br
3322-1611 / 3322-3577 / 3322-1965